



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

PAULO CESAR RODRIGUES DA SILVA

**TRAÇOS DA BRANQUITUDEN: O USO DE QUADRINHOS NO ENSINO DE
HISTÓRIA COMO PRÁTICA ANTIRRACISTA**

**CAMPINAS
2024**

PAULO CESAR RODRIGUES DA SILVA

**TRAÇOS DA BRANQUITUDEN: O USO DE QUADRINHOS NO ENSINO DE
HISTÓRIA COMO PRÁTICA ANTIRRACISTA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucilene Reginaldo

ESTE TRABALHO CORRESPONDE
À VERSÃO FINAL DA
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO
ALUNO PAULO CESAR
RODRIGUES DA SILVA, E
ORIENTADA PELA PROFESSORA
DOUTORA LUCILENE REGINALDO.

**CAMPINAS
2024**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Silva, Paulo Cesar Rodrigues da, 1981-
Si38t Traços da branquitude : o uso de quadrinhos no ensino de história como prática antirracista / Paulo Cesar Rodrigues da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Lucilene Reginaldo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Histórias em quadrinhos . 2. Branquitude. 3. Antirracismo. 4. História - Estudo e ensino . I. Reginaldo, Lucilene, 1967-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: Traces os whiteness : the use of comics in history teaching as an anti-racist practice

Palavras-chave em inglês:

Comic books, strips, etc

Whiteness (Race identity)

Anti-racism

History - Study and teaching

Área de concentração: Ensino de História

Titulação: Mestre em Ensino de História

Banca examinadora:

Lucilene Reginaldo [Orientador]

Raquel Gryszczenko Alves Gomes

Lourenço da Conceição Cardoso

Data de defesa: 17-12-2024

Programa de Pós-Graduação: Ensino de História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0003-1372-6636>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4582015235475636>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado Profissional, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 17 de Dezembro de 2024, considerou o candidato Paulo Cesar Rodrigues da Silva aprovado.

Prof. Dra. Lucilene Reginaldo _____

Prof. Dra. Raquel Gryszczenko Alves Gomes _____

Prof. Dr. Lourenço da Conceição Cardoso_____

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Para todas as pessoas que de alguma forma resistem
Nas trincheiras, nas ruas, nas florestas ou em uma sala de aula.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à professora Lucilene Reginaldo, que por meio de suas orientações sempre riquíssimas, me possibilitou perceber nuances da história brasileira que foram importantíssimas na elaboração desta pesquisa, e também a sua leitura atenta e cuidadosa aos meus textos, conduzindo de forma suave essa tarefa complexa e atribulada que é a escrita de uma dissertação.

À professora Raquel Gryszczenko pela leitura atenta do texto de qualificação, pelas contribuições sobre a linguagem dos quadrinhos e propostas de caminhos a seguir na pesquisa.

Ao professor Lourenço Cardoso, pela contribuição teórica acerca da branquitude, fundamental não somente no que concerne a esta dissertação, mas principalmente em minha atuação como professor de História. Agradeço também pela sua leitura do texto de qualificação e seus importantes apontamentos na elaboração desta pesquisa.

Agradeço também à coordenação do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História na Unicamp, primeiramente à professora Aline Vieira, a quem recorri inúmeras vezes nos momentos de incertezas e preocupações, e ao professor Aldair Carlos.

Às professoras Cristina Meneguello e Luana Tvardovskas e ao professor Arnaldo Pinto pelas aulas e reflexões, apresentando novas perspectivas para a prática docente.

Aos colegas da turma de 2022, tão importantes nessa jornada, que sempre quando nos encontrávamos, além dos debates sobre política no turbilhão de atrocidades em que nos encontrávamos (e de certa forma, ainda nos encontramos), tínhamos momentos de descontração e alívio, nas conversas às portas da pós-graduação do IFCH.

Agradeço à equipe gestora, professoras e professores da EMEFI Sonia Maria Pereira da Silva, por todo apoio e incentivo durante o período de realização do mestrado.

Aos queridos amigos e amigas, que sem a presença de vocês, o peso da realidade seria muito mais difícil de suportar: Adriano, Alessandra, Ana Maria, Arthur, Baruana, Beth, Fábio, Geo, Juliana, Juliano, Marcelo e Maurílio.

À Jecerli, que mesmo com a minha falta de fé, fez suas mais sinceras orações à São Longuinho para que eu encontrasse as palavras certas na escrita desta dissertação.

Ao Álvaro, pelas profundas conversas sobre as dimensões raciais da realidade brasileira, contribuindo de maneira intensa nas reflexões que deram corpo ao texto desta pesquisa.

Ao Dan Cruz, pelas não tão profundas conversas sobre quadrinhos, mas que sempre suscitaron questionamentos importantes, sendo responsável por estimular uma prática da minha infância, o encantamento pela linguagem das HQs.

À Dona Cleide e o Seu Sebastião, meus sogros, pessoas incríveis que sempre apoiaram meus projetos, orientaram nas dúvidas acerca da vida e ajudaram nos cuidados dos meus meninos.

À Dona Diva e Seu Zé, mãe e pai, com quem aprendi a ser gente, com quem aprendi a falar, andar de bicicleta, a fazer bolo, a dirigir um carro e consertar chuveiro, além de todo o resto, obrigado por tudo.

Aos meus filhos Raul e Hélio, minha lua e meu sol, furacões que não me deixam esmorecer, que animam e atormentam meus dias e noites, e que deram um novo sentido a minha vida assim que chegaram.

E por fim, à minha princesa, Kelly, mulher que amo e admiro, minha companheira em todos os momentos, parceira na vida e na luta, agradeço pela paciência, pelos abraços de conforto, pelas revisões de texto, pelas indicações de caminhos e pela sua presença, que me tranquiliza pelo simples fato de saber que você está ao meu lado.

RESUMO

A presente pesquisa aponta caminhos para estabelecer práticas antirracistas nas aulas de História, por meio da utilização de histórias em quadrinhos (HQs) que abordem questões raciais, questionem os modelos hegemônicos eurocêntricos e os privilégios da branquitude. A partir das reflexões desenvolvidas por Maria Aparecida Bento e Lourenço Cardoso que analisam a branquitude no cenário brasileiro e os trabalhos de Toni Morrison e Edward Said sobre como produções culturais possuem o poder de construir um imaginário negativo acerca do Outro, a pesquisa busca estabelecer uma relação entre a produção de HQs e o uso de estereótipos negativos de pessoas não brancas como um elemento de reafirmação da branquitude, contribuindo para a perpetuação da condição de subalternidade desses indivíduos. A análise de HQs de autoras e autores brasileiros teve como finalidade a elaboração de um catálogo com as obras que constroem suas narrativas por meio da valorização da diversidade racial, ao apresentar histórias e personagens não brancos de forma humanizada, trazendo um contraponto aos quadrinhos que, por muito tempo, trouxeram imagens preconceituosas de sociedades e indivíduos que não pertencem ao modelo hegemônico.

Palavras-chave: Quadrinhos; Branquitude; Práticas Antirracistas; Ensino de História.

ABSTRACT

This research indicates ways to establish anti-racist practices in History classes using comic books (HQs) that address racial issues, question hegemonic Eurocentric models and the privileges of whiteness. Based on the reflections developed by Maria Aparecida Bento and Lourenço Cardoso who analyze whiteness in the Brazilian scenario and the works of Toni Morrison and Edward Said on how cultural productions have the power to construct a negative imaginary about the Other, the research seeks to establish a relationship between the production of comic books and the use of negative stereotypes of non-white people as an element of reaffirmation of whiteness, contributing to the perpetuation of the condition of subordination of those individuals. The analysis of comics produced by Brazilian authors aimed to create a catalogue of works that construct their narratives through the valorization of racial diversity, by presenting non-white characters and stories in a humanized way, providing a counterpoint to comics that, for a long time, have presented prejudiced images of societies and individuals that do not belong to the hegemonic model.

Keywords: Comics; Whiteness; Anti-racist Practices; History Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: <i>Phad</i> representando a divindade Pabuji	42
Figura 2: Sutra ilustrado de causas e efeitos – Século VIII, autor desconhecido	43
Figura 3: Sequência de imagens produzidas por Willian Hogarth em 1732 – “The Harlot’s Progress”	45
Figura 4: Imageria selvagem construída sobre uma sociedade africana	76
Figura 5: Super-Homem sendo atacado por pessoas famintas ao levar mantimentos para elas	78
Figura 6: Versões da mesma imagem na edição francesa e brasileira de “Tintim no Congo”	83
Figura 7: Capas das edições da Revista Superaventuras Marvel – Edições n° 4, 7, 12, 19, 49, 51 e 53	88
Figura 8: Capas das edições da Revista Superaventuras Marvel – Edições n° 21, 28, 33, 47 e 50	88
Figura 9: Capas de edições da Editora Milestone Comics	89
Figura 10: A psicodelia nas produções artísticas das décadas de 1960 e 1970 – Página da Edição 138 de “Strange Tales” e Capa da Revista Color	93
Figura 11: Discurso de Leônidas aos soldados espartanos – Exaltação à civilização grega	95
Figura 12: Contraposição entre civilização e barbárie – Organização espartana contra a mixórdia persa	96
Figura 13: O Outro como fonte de medo	97
Figura 14: Wakanda atacada por exploradores brancos – Superioridade tecnológica dos invasores	101
Figura 15: Superioridade tecnológica dos wakandanos perante os invasores brancos	102
Figura 16: Personagem Janu confundido com um ladrão de carros – Conto “Encruzilhada”	110
Figura 17: Abordagem policial violenta contra um jovem negro – Conto “Risco”	112
Figura 18: Personagem Valu fugindo de um capitão do mato – Conto “Calunga”	113
Figura 19: Humanização por meio da demonstração de afeto	114
Figura 20: A violência extrema exercida sobre corpos escravizados	115
Figura 21: A humanização por meio dos detalhes e da beleza	116
Figura 22: A violência como forma de controlar seu próprio destino	117
Figura 23: A importância das marcas físicas na história dos indivíduos – “Angola Janga”	119
Figura 24: Humanização por meio da demonstração de cuidado com o outro ..	121
Figura 25: Coletividade e aprendizado no quilombo – A força da vida	122
Figura 26: Cafezal como alegoria do sofrimento e da morte – Semelhanças com um cemitério	123
Figura 27: Capa do quadrinho “Jeremias: Pele”	126
Figura 28: A importância da presença familiar na construção da identidade ..	126
Figura 29: Menosprezo do grupo pelo sonho tido como inalcançável para um garoto negro	127
Figura 30: Violência policial contra indivíduos negros	128
Figura 31: Duros ensinamentos que uma família negra precisa ensinar a seus filhos em uma sociedade racista	129
Figura 32: O surgimento do protagonismo negro	130

TABELAS

Tabela 1: Trabalhos por Programa de Pós-graduação	55
Tabela 2: Concentração de pesquisas por região do país	56

GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de dissertações e teses produzidas entre os anos de 2013 e 2023	56
--	-----------

QUADROS

Quadro 1: Dissertações do Profhistória – Quadrinhos/Questões raciais	63
Quadro 2: Lista de quadrinhos analisadas nesta dissertação	145

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCXP	Comic Con Experience
DVD	<i>Digital Versatile Discs</i>
EUA	Estados Unidos da América
FAAP	Fundação Armando Álvares Penteado
HQ	História em Quadrinhos
IDEC	Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor
IES	Instituições de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
UPE	Universidade de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 – HQ, HISTÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA.....	39
1.1 – As muitas origens das HQs.....	40
1.2 – Quadrinhos e a história.....	49
1.3 – Quadrinhos e o Ensino de História.....	59
CAPÍTULO 2 – HQ, RACISMO E ANTIRRACISMO.....	72
2.1 – A representação do Outro	73
2.2 – HQs racistas e algumas resistências	81
2.3 – Estranho Oriente.....	90
2.4 – Pantera Negra (Origem racista e atualização afrofuturista)	98
2.5 – A criação de personagens negros protagonistas no Brasil.....	106
2.5.1 – Marcelo D’Salete	108
2.5.2 – Rafael Calça e Jefferson Costa	124
CONCLUSÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
CATÁLOGO DE QUADRINHOS ANTIRRACISTAS.....	141

INTRODUÇÃO

O traço é uma marca registrada de quem desenha, como se fosse uma assinatura que nos permite identificar quase que imediatamente quem produziu uma determinada imagem. O traço de cada artista, por mais pessoal que seja, está repleto de influências que compõe não apenas a estética de sua arte, mas também a concepção de mundo que esse indivíduo carrega.

A compreensão do mundo que nos cerca se torna possível a partir dos elementos que compõe nossas histórias, esses elementos se configuram como ferramentas de interpretação, ou lentes, pelas quais enxergamos a realidade, muitas das vezes de uma forma pouco consciente, sem percebermos que essas lentes estão diante de nossos olhos.

A arte, enquanto uma forma de expressão, revela de forma muito rica a interpretação que o artista faz da realidade, e é por meio do traço que o quadrinista desenvolve sua arte. Em uma sociedade que é afetada pela branquitude em muitos níveis, entender como ela pode influenciar na elaboração de Histórias em Quadrinhos (HQs) é uma contribuição para o debate acerca desse tema. “Traços da Branquitude”, título desta dissertação, busca demonstrar como que a branquitude está presente nos quadrinhos, em seus desenhos e/ou roteiro, enfim, em sua narrativa como um todo.

As Histórias em Quadrinhos ocupam um espaço muito importante no imaginário de boa parte da população brasileira e de outras partes do mundo. Mesmo que muitas pessoas não tenham o hábito de lê-las, ou até mesmo as considerem uma produção cultural menor, é difícil encontrar alguém que nunca tenha tido contato com uma HQ, ou que não conheça pelo menos uma personagem de quadrinhos.

Essa popularidade, decorrente de um processo histórico já descrito por Rogério de Campos¹ e Waldomiro Vergueiro² é o ponto de partida de um percurso, no qual buscarei apresentar, em linhas gerais e de maneira mais específica, alguns aspectos interessantes para esta dissertação, como, por

¹ CAMPOS, Rogério. **HQ: Uma pequena história dos quadrinhos para o uso das novas gerações**. São Paulo. Veneta: 2022.

² VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

exemplo, o caráter anárquico e rebelde presente na criação de HQs e o seu potencial de resistência perante estruturas opressivas. Por ser algo tão difundido, os quadrinhos têm recebido uma crescente atenção da academia, que busca compreender seus impactos e desenvolver metodologias e propostas para a sua utilização em diversas áreas dos campos do conhecimento, notadamente, do ensino.

O objetivo deste trabalho é entender como a utilização de HQs em sala de aula pode contribuir para uma prática antirracista na disciplina de História. Para isso, além de uma análise sobre as próprias HQs, suas origens, seu desenvolvimento, seus sentidos e usos, é necessário perceber como a sua produção está atrelada a um determinado modelo de sociedade e beneficia sua perpetuação, relegando aos grupos que não se enquadram nele um papel de subalternidade nessas produções.

É importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que muitas HQs servem a esse mecanismo de dominação, há também uma produção considerável de quadrinhos que buscam justamente o contrário: questionar esses modelos, denunciar as opressões, treinar o olhar para as injustiças, fazer questionamentos acerca da realidade e propor o conflito ao poder estabelecido.

Este trabalho se propõe a apresentar e analisar esses dois vieses de produção de quadrinhos, buscando construir possibilidades em sala de aula, levando em conta essa variedade de HQs. Acreditamos que, mesmo aquelas que tenham um conteúdo apresentado de forma racista podem ser problematizadas, trazendo o contexto em que foram criadas, a intenção dos criadores e a que demandas atendiam. Dessa forma, as HQs se configuram como ótimas fontes históricas para a pesquisa e o ensino e que, portanto, não podemos desprezar.

Ao percorrermos a história das HQs, notaremos que, em grande medida, ela se dará em um mundo branco, produzida majoritariamente por criadores brancos vinculados a empresários brancos, que buscavam atingir um mercado consumidor preponderantemente branco. Por mais que encontrarmos na história das HQs desenhistas e roteiristas negros ou mulheres, em sua grande maioria, são homens brancos que se destacam neste universo.

É importante levarmos em consideração como a branquitude se configura enquanto um elemento constituinte na história das HQs, e como ela se apresenta, algumas vezes, de forma subliminar e, em outras, de forma explícita em suas páginas. Refletir sobre isso é possibilitar que as HQs possam ser analisadas sob um olhar crítico, apontando como a sociedade eurobrancocêntrica impõe sua perspectiva por meio de produções culturais e, a partir disso, propor uma nova interpretação dessa mesma realidade.

Dessa forma, compreender o conceito de branquitude enquanto fenômeno e também como uma ferramenta analítica torna-se importante para este trabalho; este conceito direcionou o olhar para que as análises fossem realizadas, a fim de alcançar o objetivo da pesquisa.

O conceito de branquitude tem aparecido com uma frequência cada vez maior nas pesquisas acadêmicas e nos meios de comunicação, promovendo para um outro patamar o debate sobre o racismo no Brasil e no mundo. Embora seja recente a expansão do conhecimento sobre o conceito para um público mais amplo, a branquitude enquanto uma chave de análise da realidade, mesmo que não recebesse essa denominação, tem um percurso histórico que remonta ao início do século XX, como aponta Lourenço Cardoso em sua dissertação de mestrado³ e, desde então, é utilizada como elemento de compreensão das dinâmicas raciais.

As discussões sobre a branquitude vêm ganhando destaque em diferentes esferas, como movimentos sociais, mídias, universidades e escolas, e têm gerado importantes problematizações e debates sobre como as pessoas brancas, somente por serem brancas, se inserem nas engrenagens que alimentam a existência do racismo. No Brasil, é importante ressaltar que o conceito ganha força como elemento de análise das questões raciais por meio de pesquisas no campo da psicologia social. Edith Piza, psicóloga vinculada à Universidade de São Paulo (USP), em conjunto com outras intelectuais, como Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento, Fúlvia Rosemberg, Isildinha Baptista Nogueira, Lia Maria Perez Botelho Baraúna e Rosa Maria Rodrigues dos Santos,

³ CARDOSO, Lourenço C. *O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007)*. Dissertação [Mestrado], Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008.

lançaram, em 2002, o livro “Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil”⁴, fundamental para a discussão relacionada ao conceito. Os textos contidos no livro são importantíssimos, balizando muitos estudos subsequentes acerca do tema, e a presença dos escritos dessas autoras nas referências bibliográficas de muitas pesquisas posteriores comprova esse fato.

Posteriormente, Liv Sovik, na comunicação social, Lourenço Cardoso, na sociologia e Lia Vainer Schucman, na psicologia social, também se tornaram referências nesse campo, com suas pesquisas aprofundando o conceito e apresentando novas possibilidades analíticas acerca da realidade e da intelectualidade brasileira; da mesma forma que os primeiros trabalhos, também se tornaram referências constantes nas novas produções acadêmicas.

O primeiro a utilizar o termo branquitude no Brasil é Gilberto Freyre, porém, enquanto uma contraposição ao termo negritude⁵, não como significado de privilégio e vantagem das pessoas brancas em uma sociedade racista. A elaboração conceitual desse fenômeno começa com Alberto Guerreiro Ramos, que em seu texto “Patologia social do ‘branco’ brasileiro”, publicado originalmente em 1955, e posteriormente republicado em 1957, em uma coletânea de textos do autor intitulada “Introdução Crítica à Sociologia Brasileira”. Neste texto, Ramos desenvolve o pensamento de como a idealização da brancura em uma sociedade colonial como a brasileira é sintoma da pequena integração social entre os grupos que a compõe, ou seja, fruto da histórica desigualdade racial. É importante ressaltar que Guerreiro Ramos não utiliza o termo branquitude nos seus escritos.

A idealização da brancura gera um afastamento de intelectuais, majoritariamente brancos, que estudam as questões raciais e sempre apontam para a população negra enquanto um problema a ser observado e analisado, o “problema do negro”, portanto, o outro como objeto de estudo, um elemento apartado da sociedade. Essa condição pode ser compreendida enquanto um

⁴ CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 3. ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

⁵ CARDOSO, Lourenço C. O branco objeto: o movimento negro situando a branquitude. **Instrumento**, Juiz de Fora, v. 13, p. 81-93, 2011. p. 83

privilegio vinculado à branquitude, pois permite que pessoas brancas, no caso, intelectuais brancos, se posicionem como observadores imparciais da sociedade, capazes de julgar as práticas de outros grupos que não os seus.

Essa condição, segundo Guerreiro Ramos⁶, advém da constituição de uma sociedade onde a pele pigmentada não se vê representada nos espaços de poder, pelo contrário, ela entra em contradição com os modelos estéticos instituídos pelos processos coloniais. A branquitude aqui se estabelece como um mecanismo de segregação em relação ao poder, exercido em vários âmbitos, como por exemplo, o acadêmico.

O conceito de branquitude é complexo, multifacetado e marcado por diferentes nuances, sobretudo os aspectos que dizem respeito ao deslocamento da discussão sobre racismo e sobre os seus objetos de estudo, e de como o racismo passa a ser compreendido como um problema de todos, que precisa ser investigado a partir de diferentes perspectivas.

Assim, o estudo sobre a branquitude favorece a compreensão de diferentes dimensões da desigualdade racial, notadamente, quando defende a implicação das pessoas brancas na estruturação e manutenção das hierarquias raciais, argumentando a necessidade de uma profunda reflexão sobre seus privilégios, a fim de desconstruí-los como condição naturalizada, sem qualquer tipo de problematização.

A desnaturalização dos privilégios traz importantes reflexões sobre os impactos da branquitude, tanto para as pessoas brancas quanto para as pessoas negras, e nos coloca diante de questionamentos e novas possibilidades de compreender e agir sobre o fenômeno do racismo.

A institucionalização e a operacionalização da desigualdade racial no Brasil atual não se explicam apenas devido ao histórico escravocrata, não é uma linha contínua que a perpetua, não podemos encará-la somente como uma herança do passado, que não conseguimos nos livrar. É necessário compreendermos os mecanismos constituídos no período pós-abolição e atual para que a sociedade brasileira seja caracterizada hoje como uma sociedade racista. O acesso à cidadania está no cerne desta distinção, os mecanismos de

⁶ RAMOS, Alberto Guerreiro. **Negro Sou**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

segregação se atualizam em um contexto pós-abolição organizando-se em torno de uma hierarquização racial pautada pela repressão às pessoas recém-libertas.

Segundo Wlamyra Albuquerque, “num país secularmente escravista, a extinção do binômio escravo/senhor trouxe instabilidade para relações fundadas nas antigas regras, ameaçou velhas políticas de sujeição e inclusão social, ainda que a abolição não as tenha extinguido”⁷. Essa instabilidade pode ser entendida a partir a concepção de que a abolição, segundo a autora, não é nem a conquista irrestrita da liberdade nem uma fraude, mas uma condição de tensão e disputa pela concepção de cidadania da população negra no Brasil.

Um desses mecanismos é a constituição de um pacto entre as pessoas brancas que garantem vantagens materiais e simbólicas que situam a população branca em uma condição de controle e proteção, isoladas das tensões raciais e beneficiadas pela desigualdade racial, o que Maria Aparecida Bento denomina de Pacto Narcísico da branquitude.⁸

Uma das facetas da branquitude é a capacidade constituída historicamente pelas pessoas brancas de se beneficiarem da exploração do trabalho de pessoas com outros tons de pele e de maneira cumulativa, constituindo elites que controlam os processos produtivos ao longo de gerações. Porém, não são as elites brancas as únicas beneficiadas por esse controle, mesmo que de forma indireta; os mecanismos de opressão e exploração de corpos de pessoas não brancas trazem benefícios para quem é branco de uma forma geral; a riqueza gerada por esses corpos gera condições materiais favoráveis àqueles que se assemelham ao modelo universal de humanidade, mesmo que sejam indivíduos fora dos círculos de poder. Além dessas vantagens materiais, há vantagens simbólicas importantes: enquanto o branco se estabelece como norma, hegemonic, o Outro é qualificado como desvio.

É evidente que o básico não é privilégio, não é uma vantagem em princípio. O básico é direito, insisto. Todavia, podemos observar que a raça pode levar o branco a se sobressair ao negro na classe baixa nas sociedades racistas. Quando se trata da camada pobre da população, a branquitude pode viabilizar a sobrevivência, pois o branco possui a vantagem racial na disputa pelo emprego com o negro. Nessa

⁷ ALBUQUERQUE, Wlamyra. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.97

⁸ BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ilustração, o branco pobre torna-se ex-empregado e o negro permanece desempregado. A branquitude é uma vantagem racial mesmo que pouca até na situação de miserabilidade⁹.

A realidade nos apresenta uma dimensão material do racismo, um problema sistêmico do país ao lidar com a diversidade racial e uma dificuldade em solucionar os problemas constatados. Parte dessa dificuldade se deve à negação do racismo enquanto uma condição estrutural em nossa sociedade e do discurso que relaciona a desigualdade ao comportamento individual das pessoas negras, o que pode ser interpretado como uma conduta deliberada de manutenção das desigualdades. Florestan Fernandes afirma que a negligência em relação aos problemas culturais, étnicos e raciais em uma sociedade tão desigual é um indício de que o impulso para se manter essas desigualdades é mais potente do que o impulso contrário, ou seja, ação na direção de promover uma sociedade mais igualitária¹⁰.

Esse impulso pela manutenção das desigualdades não deve ser encarado apenas como negligência ou omissão, não é apenas o não agir para manter uma condição benéfica a determinado grupo, é conscientemente promover condições objetivas para a manutenção, ou até mesmo intensificação dessas desigualdades, como políticas públicas que não são elaboradas contemplando a ampla diversidade da sociedade brasileira, a exemplo da segurança pública¹¹, gerando uma profunda distinção entre os grupos sociais. Essa distinção não se resume apenas às condições materiais, mas também a uma desvalorização de tudo que o corpo e a cultura de pessoas negras representam.

Na formação do nosso país, a desvalorização estética associando a pele negra ao feio e ao degradante dava-se pela quase impossibilidade de se encontrar essa pigmentação nas altas posições da sociedade, em cargos da

⁹ CARDOSO, Lourenço. Branquitude e Justiça: Análise sociológica através de uma fonte jurídica: Documento técnico ou talvez político? **Journal Of Hispanic And Lusophone Whiteness Studies**, [s.], v. 1, p. 84-106, 2020. p. 86.

¹⁰ FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

¹¹ FAGUNDES, Maria Cristina de Fagundes; HENNING, Paula Correa. Os “múltiplos afluentes” que permeiam as relações raciais contemporâneas: problematizações sobre branquitude, políticas de inimizade e segurança pública. **Horizontes Antropológicos** [online]. 2022, v. 28, n. 63 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000200007>. Acesso: 12 dez 2022, p. 195-226. As autoras apresentam um poderoso artigo, onde discutem as relações raciais na atuação policial, “invisibilizando, estrategicamente, os privilégios da branquitude, ao passo que elegem o ‘outro’ como o suspeito, o bandido, o perigoso, o matável.” (p.198).

administração pública e nos círculos de poder, consolidando, “por meio de uma inculcação dogmática, uma comunidade linguística, religiosa, de valores estéticos e de costume.”¹² Dessa forma, desenvolve-se um mecanismo de conservação de autoridade do grupo dominante – branco – sobre a população desprovida de poder – Negra.

O processo colonial pelo qual passou o território nacional muitas vezes é encarado como necessário, por ser responsável pelo processo civilizatório – pautado pelo modelo europeu de civilização –, justificando as atrocidades que portugueses cometem por mais de 300 anos. O discurso aqui presente é o mesmo que tentará justificar as ações imperialistas realizadas pelas potências capitalistas em seus territórios coloniais, o pesado fardo do homem branco na ingratate, porém necessária, missão de iluminar os povos do Sul com a civilização ocidental¹³.

O mundo que se forma nesse processo colonial é branco e cria barreiras gigantescas para as pessoas negras: “Um peso fora do comum passou a nos oprimir. O mundo real disputava o nosso espaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal”¹⁴. Ao definir padrões estéticos da civilização, ou seja, do que é ser e parecer civilizado, toda uma população que não possui a pele branca, por esse simples fato, será forçadamente colocada à margem.

O estabelecimento de uma linha bem definida, que separa o branco do negro, atende a uma necessidade de impor um projeto de poder, onde não apenas o domínio material da realidade é necessário, mas a construção de um parâmetro universal de humanidade a ser seguido é fundamental, excluindo todos aqueles que não podem segui-lo. Esse parâmetro tem sua gênese vinculada à concepção eurocêntrica de humanidade.

O Brasil se encontra inserido nesse contexto, mas com adaptações à nossa realidade de profunda miscigenação, levando à crença de que se constituiu no país uma sociedade onde há uma relação harmoniosa entre os

¹² RAMOS, op.cit. p. 230.

¹³ Faço alusão ao poema de Rudyard Kipling, “O fardo do homem branco”, onde o autor tenta justificar as atrocidades imperialistas, com o argumento de que os povos dos territórios colonizados precisavam ser civilizados e o homem branco tinha o dever moral de fazer isso.

¹⁴ FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p.126.

grupos raciais, devido, justamente, a essa miscigenação, o mito da democracia racial.

O discurso da democracia racial foi muito bem aceito pela sociedade brasileira, que o utilizava como forma de construir uma imagem de nação pautada pela sociabilidade racial, mesmo que não houvesse uma política redistributiva que combatesse as desigualdade¹⁵. Esse discurso mascarava o problema da discriminação racial no país enquanto uma questão sistêmica, relegando os inúmeros casos de racismo às condutas individuais. O termo mito em torno da concepção se justifica: enquanto não se encarar de frente os problemas advindos do racismo, não há nenhuma possibilidade de considerar o Brasil uma democracia racial, nem mesmo uma democracia.

Compreender as dinâmicas econômicas e simbólicas do discurso racial brasileiro é fundamental para que se trace a gênese dos privilégios brancos e sua relação com o isolamento e proteção que a população branca tem em relação às tensões raciais.

O isolamento cria uma espécie de bolha de proteção, que permite às pessoas brancas não se envolverem nos problemas raciais do país, o que dificulta a percepção de seus privilégios advindos desses mesmos problemas, barrando a discussão sobre racismo e suas consequências. Tal processo produz o falso entendimento de que o racializado é o Outro, e que somente esse Outro é afetado pela diferença.

É importante ressaltar que o processo de afastamento de pessoas brancas da discussão sobre racismo é um mecanismo eficiente de sua perpetuação. A manutenção de uma situação de segregação interessa uma parte da sociedade, pois mantém uma condição favorável de existência a essa parcela da população que, por mais que uma fração desse grupo não tenha se beneficiado diretamente com a segregação racial, se beneficiou indiretamente por uma condição simbólica de prestígio devido à sua cor de pele. A pele branca no Brasil é um cartão de apresentação, que te coloca em vantagem em relação a quem não a tem, e o racismo é utilizado como mecanismo que “se impôs como

¹⁵ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)**. São Paulo: Editora 34, 2021. p. 226.

crença e ideologia para garantir a manutenção de privilégios sociais, econômicos e políticos aos que se supõem racialmente superiores”¹⁶.

Esse prestígio se forma por um conjunto de condições objetivas e simbólicas que constituirão uma sociedade onde as pessoas brancas serão protegidas de toda e qualquer tensão racial, pois será permitido não se implicarem intelectualmente nesse debate, como se o racismo fosse um problema que dissesse respeito apenas a quem sofre com ele, não para quem o exerce. Perceba, esse afastamento não se relaciona necessariamente à negação do racismo, muitas pessoas brancas reconhecem a existência e a gravidade desse problema e até se envolvem em ações relacionadas às lutas antirracistas, porém, há uma grande dificuldade em reconhecer o conjunto de privilégios que dispõem, pelo simples fato de terem a pele branca e de como isso está no cerne de uma sociedade racista.

Dessa forma, a constituição da sociedade permite o desenvolvimento de estruturas de poder que concorrem para a perpetuação dos privilégios brancos usufruídos por estratos sociais que não são afetados diretamente pelos problemas decorridos das desigualdades raciais, pelo contrário, se beneficia delas e que, de forma consciente ou inconsciente, auxiliam na manutenção do *status quo* racial¹⁷.

Essa perpetuação acontece, em parte, por meio do controle que esses estratos sociais privilegiados exercem sobre os Aparelhos de Estado¹⁸ que, na forma de instituições, possuem um papel fundamental na organização das estruturas sociais, pois normalizam as condutas individuais, com a intenção de estabilizar os relacionamentos e intervir nos conflitos. Tal normalização pode ser compreendida como uma forma de absorção de conflitos, pois normatiza e

¹⁶ REGINALDO, Lucilene. Racismo e naturalização das desigualdades: uma perspectiva histórica. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 21 nov. 2018.

¹⁷ FERNANDES, op. cit. p. 187.

¹⁸ ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. O autor distingue aparelhos de Estado enquanto repressivos e ideológicos. Os aparelhos repressivos são mecanismos de controle físico dos corpos humanos que compõem uma sociedade, como as Forças Armadas, a Justiça, o sistema carcerário. Os aparelhos ideológicos são aqueles aparatos que se utilizam do discurso para introjetar uma ideologia que faça com que a sociedade controle a si mesma, de acordo com os desejos do Estado. Podemos citar como alguns desses aparatos a igreja e a escola. Importante ressaltar que o Estado atende às demandas da classe dominante, ou seja, os aparelhos repressivos e ideológicos são ferramentas de imposição de ideias dessa classe.

padroniza as ações dos indivíduos, estabelecendo formas socialmente aceitas de ser e estar no mundo, até mesmo delimitando sentimentos e preferências.¹⁹

Nesse sentido, as instituições exercem grande poder na vida das pessoas, por determinarem as regras pelas quais atuarão na sociedade. Note como a escola, a estrutura de saúde, o aparato policial, a estrutura jurídica, o serviço de assistência social impõe normas e condutas, principalmente para as pessoas pobres. Porém, essas instituições, ao mesmo tempo em que determinam as formas de sociabilização, são moldadas pelas disputas de poder dentro dessa sociedade.

No Brasil, a principal disputa provavelmente seja a racial, e a luta pelo controle das instituições se configura como resistência à hegemonia branca na elaboração de padrões sociais que utilizam “mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos”²⁰. Essa disputa é extremamente desigual, por mais que movimentos sociais forcem espaço nas políticas públicas e busquem, de certa forma, o controle ou participação dessas instituições, passam, inevitavelmente, pelo processo eleitoral, outra faceta da realidade brasileira onde a desigualdade racial se faz presente²¹.

Vivemos em uma sociedade em que é necessário afirmar que o racismo existe e lutar contra tudo o que ele representa, pois ainda há um grande espaço de negação desse problema, ou, no mínimo, um discurso que menospreza seus impactos no cotidiano das pessoas negras.

O Estado exerce um papel importante nessa afirmação e nessa luta, pois detém o poder de instaurar políticas públicas contra a desigualdade e “reparar os prejuízos causados a essas comunidades pelo privilégio dado até então à identidade nacional considerada como homogênea”²².

¹⁹ ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020. p. 38-9.

²⁰ *Ibid.*, p. 40.

²¹ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. **Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica**. n.41. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 01 jun. 2022.

²² MUNANGA, Kabengele. Fundamentos antropológicos e histórico-jurídicos das políticas de universalização e de diversidade nos sistemas educacionais no mundo contemporâneo. In: SILVÉRIO, Valter; MOEHLECKE, Sabrina. (Orgs.). **Ações Afirmativas nas políticas educacionais: o contexto pós-Durban**. São Carlos: EDUFSCAR, 2009. p. 171-193. p. 185.

Considerando esse papel, um dos mecanismos do Estado com ampla capacidade de ação na sociedade é a escola. Dessa forma, as pessoas que trabalham nela não podem imiscuir-se da responsabilidade que possuem na construção de uma democracia de fato, levando em consideração que, para que isso ocorra, é necessário que o racismo seja combatido por todas as frentes.

Porém, esse mesmo espaço possui suas características atreladas à branquitude de alguma forma. A escola, como parte constituinte da sociedade e uma de suas instituições mais importantes, reproduz as estruturas sociais às quais pertence; se vivemos em uma sociedade racista, o ambiente escolar não será diferente²³.

Combater o racismo vai além da obrigatoriedade do ensino da história africana ou afro-brasileira, ou a comemoração do 20 de novembro com alguma atividade coletiva no pátio da escola. Derrotar o racismo no ambiente escolar é descolonizar o discurso e as práticas, que são pautadas por concepções eurocentradas. É papel da escola como um todo apresentar e valorizar outras matrizes culturais que participaram e participam de alguma forma da identidade nacional, que só pode ser compreendida por meio das identidades e culturas plurais²⁴; isso significa reconhecer a existência de outros saberes para além da matriz epistêmica europeia e que nossa sociedade é composta por todas elas.

A escola, portanto, ocupa um lugar privilegiado no combate ao racismo e à desigualdade, pois encontra possibilidades de ação no cotidiano e na educação de um grande número de pessoas, sendo esse público, nas escolas públicas brasileiras, em sua maioria, diverso em seus aspectos étnico-raciais e biopsicossociais. Essa condição privilegiada traz responsabilidades às professoras e aos professores, para que desenvolvam práticas que contemplam toda essa diversidade, que não reproduzam o discurso hegemônico da branquitude em sala. Essa prática consiste em:

²³ ROSSATO, Cesar; GESSER, Verônica. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p.11-36.

²⁴ OLIVA, Anderson Ribeiro. Entre máscaras e espelhos: reflexões sobre a identidade e o ensino de História da África nas escolas brasileiras. **Revista História Hoje**, São Paulo, vol.1, n.1, p. 29-44, 2012.

não fazer vista grossa para as tensas relações étnico-raciais que “naturalmente” integram o dia-a-dia de homens e mulheres brasileiros; admitir, tomar conhecimento de que a sociedade brasileira projeta-se como branca; ficar atento(a) para não reduzir a diversidade étnico-racial da população a questões de ordem econômico-social e cultural; desconstruir a equivocada crença de que vivemos numa democracia racial. E, para ter sucesso em tal empreendimento, há que ter presente as tramas tecidas na história do ocidente que constituíram a sociedade excludente, racista, discriminatória em que vivemos e que muitos insistem em conservar²⁵.

Para que essa prática seja eficiente, é necessário ter a plena compreensão de que o Brasil é um país racista, que esse fato se liga umbilicalmente com os privilégios da branquitude. Desse modo, somente quando esses dois elementos tiverem o mesmo tratamento, ou seja, o racismo e os privilégios da branquitude, sejam encarados como problemas que precisam de solução. Por mais que ainda haja negação do racismo, já avançamos muito nesse quesito, contudo, ainda percebo uma grande distância a ser percorrida para que os privilégios da branquitude sejam percebidos, pois nem mesmo é reconhecida sua existência por parte da população.

Voltando à escola, ao mesmo tempo em que se apresenta como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de políticas públicas de combate ao racismo, homofobia, capacitismo e toda forma de preconceito, também enfrenta ataques constantes de interesses alheios a essas ações promotoras de igualdade. Seu potencial de impacto nas políticas públicas também pode ser utilizado para implementar outras lógicas, como, por exemplo, a abertura para modelos e métodos privados de educação que atendem ao discurso hegemônico neoliberal. Hégemônico no sentido de concepção econômica e de não contemplar a diversidade étnica, cultural e biopsicossocial da população brasileira, estabelecendo, de forma pré-concebida, uma sociedade branca, masculina, heteronormativa e cristã.

A Educação, dessa forma, torna-se um campo de disputa entre os interesses neoliberais, que buscam a homogeneização dos saberes e das formas de aprender, e as práticas libertadoras, que procuram construir processos emancipatórios.

²⁵ SILVA, Petronilha. B. G. E. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, v. 30, n. 3, 14 mar. 2007. p. 492-493

Os documentos oficiais balizadores são fontes importantes para a análise dos modelos adotados, sobretudo na disciplina de História, onde é possível perceber o impacto do discurso eurocêntrico²⁶.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) traz consigo novidades e, ao mesmo tempo, mantém tradições a respeito da forma como o ensino de História é encarado em relação à temática que trata esta pesquisa. Por mais que em sua terceira e definitiva versão, o currículo nacional tenha contemplado conteúdos que dizem respeito às Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana de 2004, constando, portanto, a alteridade cultural ao tratar de culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, não aborda esses temas sob um olhar crítico acerca dos processos de dominação, exploração, lutas e extermínios que afligiram esses povos²⁷.

Inserir conteúdos historicamente reivindicados por movimentos sociais nos documentos balizadores é uma conquista significativa, porém, incluí-los dentro de um contexto conservador, onde não se debate o processo de dominação ideológica ocidental é um limite de um documento elaborado em um contexto de negociação prejudicado pelo retrocesso político no país no período em questão.

Esses documentos são elaborados no sentido de atenderem às demandas postas pela sociedade, na busca pela construção de cidadãos críticos e transformadores da realidade, porém, que continuem a reafirmar o sistema existente sem compreender que suas escolhas são frutos da construção histórica em que estão inseridos²⁸.

A intenção de manter a ordem liberal vigente no país faz com se perpetue o discurso hegemônico do capitalismo, por meio de políticas públicas direcionadas por organizações internacionais, como a Organização das Nações

²⁶ Para uma análise do discurso eurocêntrico nos documentos norteadores da educação no estado de São Paulo, ver a dissertação de mestrado de Marcel Alves Martins, “O eurocentrismo nos programas curriculares de História do Estado de São Paulo”. (2012).

²⁷ SILVA, Marcos. "TUDO QUE VOCÊ CONSEGUE SER" - TRISTE BNCC/HISTÓRIA (A versão final). **Ensino em Re-Vista**, [S. I.], v. 25, n. 4, p. 1004–1015, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/46454>. Acesso em: 16 dez. 2022.

²⁸ BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história. In: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**: São Paulo: Contexto, 1997.

Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Banco Mundial que, por mais que elaborem propostas de valorização da diversidade e busca pela equidade, partem de uma lógica única de como estudantes devem aprender, utilizando os conceitos de competências e habilidades²⁹ como mecanismos de homogeneização da educação, que beneficia os grupos privilegiados, pois priorizam hábitos e práticas que são socialmente herdados por esses grupos. O discurso da meritocracia constrói a falsa ideia de que todas as pessoas terão oportunidades iguais porque serão ensinadas da mesma forma, que aprenderão as mesmas coisas e bastará o esforço individual para que tenha sucesso na vida, mas a corrida pelo sucesso não possui regras justas.

Além dos documentos e das lógicas adotadas na educação brasileira, é importante analisar os profissionais que atuam no cotidiano das crianças e adolescentes, de acordo com o documento “Perfil do Professor da Educação Básica”, produzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2018. Há, entre professoras e professores, uma maioria branca, representando 42% do total de docentes; 25,2% se declaram pardos e apenas 4,1% se declaram pretos. Importante ressaltar que 27,4% não declararam em qual grupo se enquadram³⁰.

Se levarmos em consideração o fato de que há uma sub-representação da população negra na categoria docente, pois representam apenas 29,3% em um país onde são 53% do total de pessoas, podemos começar a compreender a dificuldade de se estabelecer práticas antirracistas. Há, portanto, um predomínio de profissionais brancos nas escolas e o poder da branquitude é reafirmado, pois consiste em:

uma rede na qual os sujeitos brancos estão conscientes ou inconscientemente exercendo-o em seu cotidiano por meio de

²⁹ LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. Sobre os conceitos de Competências e Habilidades como mecanismos de reafirmação de grupos privilegiados.

³⁰ CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. **Perfil do professor da educação básica**. Brasília-DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/1473981. Acesso em 02 jun. 2022

pequenas técnicas, procedimentos, fenômenos e mecanismos que constituem efeitos específicos e locais de desigualdades raciais³¹.

Essa realidade encontra sua origem em políticas públicas de educação do início do século passado, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1940, em um processo relacionado com as reformas educacionais que projetavam a inserção da sociedade brasileira em uma percepção de modernidade centrada em um modelo ocidental.

A partir da análise de fotografias, artigos de jornal e relatos pessoais, o historiador Jerry Dávila³² conclui que há uma significativa diminuição de homens e mulheres negras na composição do corpo docente de escolas cariocas entre os anos de 1920 e 1930. Segundo o autor, se antes dos anos 1920 havia uma presença de pessoas negras por volta de 15% do total de docentes, não passava de 2% na década de 1930. Além disso, essas pessoas apresentavam a pele mais clara do que a do grupo anterior³³.

Esse branqueamento do corpo docente das escolas cariocas seguia o pensamento de reformadores do período, como Afrânio Peixoto, Antônio Carneiro Leão, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, que defendiam que a educação das massas deveria ser realizada por uma elite bem treinada, que com a reformulação dos mecanismos de formação e contratação de docentes, fez com que a profissão se tornasse cada vez mais “branca, feminina e de classe média”³⁴. O discurso aqui presente era o da técnica, a necessidade de que as pessoas envolvidas no processo educacional fossem preparadas para esse importante trabalho; isso requeria uma boa formação escolar, o que era limitado às pessoas que possuíam uma condição financeira mais privilegiada, ou seja, dificultava enormemente o acesso de pessoas pobres aos cursos de formação de professores.

Se fizermos um recorte racial nos extratos mais pobres da sociedade brasileira no início do século passado, perceberemos que a ampla maioria era de pessoas negras, ou seja, mesmo que houvesse um caráter racista na

³¹ SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Veneta, 2020. p. 61

³² DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)**. Trad. Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

³³ *Ibid.*, p. 149-151.

³⁴ *Ibid.*, p. 162.

reformulação da formação e na composição de quadros docentes, esse caráter não era explícito no discurso dos reformadores, mas implícito nas políticas excludentes do período.

Embora os reformadores educacionais nunca tivessem reconhecido especificamente o papel da raça em suas políticas, suas políticas refletiam os valores raciais predominantes. Quanto mais sistemáticos suas escolas e métodos eram, mais estreita a rede de valores modernistas se tornava³⁵.

Mesmo que essas reformulações tenham se estabelecido na capital federal à época, elas se irradiaram para outros estados do país, devido à importância que a cidade do Rio de Janeiro tinha no desenvolvimento de políticas públicas, influenciando a elaboração de ações semelhantes em outros locais.

Outro ponto importante é a correlação feita pelos reformadores entre o perfil do corpo docente com o discurso sobre a modernidade; esse discurso não se restringia somente às questões educacionais e ao Rio de Janeiro, também estava presente de maneira muito forte nas elaborações intelectuais e políticas do estado de São Paulo.

Bárbara Weinstein³⁶ aponta a preocupação da elite paulista com a construção de um caráter progressista e moderno para o estado de São Paulo, uma elaboração discursiva sobre seu papel no desenvolvimento brasileiro alegoricamente descrito como uma locomotiva que carregava 20 vagões, uma alusão à força econômica de São Paulo e sua capacidade de sustentar todo o país, na concepção dessa elite paulista.

Havia um empecilho para que esse progresso e modernidade se firmassem segundo o discurso paulista: a presença de pessoas negras na região. Esse discurso de excepcionalismo paulista era relacionado à presença europeia em grande escala no estado, um símbolo de desenvolvimento vinculado à ideia de superioridade ocidental, uma percepção fundamentada na branquitude, que se torna sinônimo de modernidade e, consequentemente, o atraso vinculado às pessoas negras³⁷. É difícil estabelecer diferenças essenciais

³⁵ *Ibid.*, p. 196.

³⁶ WEINSTEIN, Barbara. **A cor da modernidade:** A branquitude e a formação da identidade paulista. São Paulo: Edusp, 2022.

³⁷ *Ibid.*, p. 27.

entre o discurso dos reformadores sobre a necessidade de capacitar o corpo docente do Rio de Janeiro a partir de um projeto de modernização da sociedade brasileira e o discurso paulista de progresso e modernidade, advindo de uma suposta excepcionalidade do estado de São Paulo.

O que podemos perceber, tanto nas propostas reformistas do Rio de Janeiro quanto na construção da imagem de São Paulo como a locomotiva do Brasil, é a exaltação de um modelo de humanidade e de todas as características supervalorizadas intrínsecas, ou seja, branco, articulado com o ideal de desenvolvimento eurocêntrico.

A construção desse ideário marcou profundamente o imaginário social do país e também a formação do corpo docente brasileiro. Tais construções produzem diferentes efeitos na implementação de políticas públicas educacionais, como, por exemplo, a resistência, por parte de gestores e do corpo docente, à Lei nº 10.639/2003, que apresentam várias justificativas, como problemas na formação docente sobre o tema, uma gestão pouco democrática e implementação de projetos de forma autoritária, o discurso ainda presente da democracia racial, e até mesmo intolerância religiosa³⁸.

Para que uma educação antirracista seja exercida, é necessário que se perceba, primeiro, que o racismo é um problema real e, segundo, que pessoas brancas possuem privilégios e vantagens por serem brancas; esse segundo elemento ainda encontra uma grande barreira de aceitação no Brasil, o fato de o corpo docente ser composto, em sua maioria, por pessoas brancas, pode ser um fator dificultador de implementação de práticas antirracistas na escola. “Mergulhados nessa branquitude, os agentes dessa identidade dominante e opressora são incapazes de admitir a posição de privilégio”³⁹. Somando-se ao fato de que a escola é um alvo de interesses hegemônicos capitalistas, dado o seu potencial como aparelho ideológico de Estado, há uma luta gigantesca pela frente, para que possamos fazer da educação um espaço de pluralidade e respeito.

³⁸ GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educar em Revista**, n.47, p.19-33, jan. 2013.

³⁹ ROSSATO e GESSER, *op. cit.*, p. 23.

Portanto, o peso da branquitude está presente na escola, devido à condição histórica de país colonizado, pelos processos de desenvolvimento da sociedade e das suas relações raciais nas estruturas do Estado, nos documentos norteadores da educação e na presença física da maioria do corpo docente.

Entretanto, nas últimas décadas, alcançamos conquistas importantes em relação ao reconhecimento da existência do racismo e seu combate. Em 1995, pela primeira vez, um chefe de Estado reconhece que há racismo no Brasil; Fernando Henrique Cardoso faz isso na ocasião da Marcha de Zumbi dos Palmares, que rememorou os 300 anos da morte do líder quilombola. Após esse reconhecimento, uma série de avanços foram implementados, como políticas afirmativas para acesso às universidades públicas⁴⁰.

A pressão que o movimento negro exerceu sobre as administrações públicas ao longo do tempo surtiram efeito, um conjunto de leis foi criado para que a situação de desigualdade racial começasse a ser combatida no país. Dentre essas, as Leis nº 10.639/03 e nº 11.654/08 que estabelecem, respectivamente, a obrigatoriedade do estudo das culturas africanas, afro-brasileira e indígena nos sistemas educacionais de todo o território nacional, ampliando essa temática no interior dos materiais didáticos⁴¹, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana de 2004; a Lei nº 12.288/2010, criando o Estatuto da Igualdade Racial; a Lei nº 12.711/12, que cria a política de cotas nas universidades públicas federais; a Lei nº 12.990/14, que estabelece as cotas raciais para concursos públicos, além de outros mecanismos legais e políticos de combate às desigualdades.

Outro avanço perceptível é o aumento da quantidade de livros infantis⁴² e HQs produzidos com personagens não brancos, trabalhados de forma não

⁴⁰ CARDOSO, *op. cit.*, p. 89.

⁴¹ Sobre o tema, consultar a seguinte dissertação de mestrado: SILVA, Elisângela Coêlho da. **A História da África na Escola, construindo olhares “outros”:** as contribuições do manual do professor do livro didático de História do Ensino Médio. 2028. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

⁴² PESTANA, Cristiane Veloso de Araújo. Qual a cor do negro nos livros de literatura infantil? **Literafro**, 22 jun. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1541-cristiane-pestana-qual-a-cor-do-negro-nos-livros-de-literatura-infantil>. Acesso em 15 dez 2022. A autora afirma que, a partir da Lei nº 10.639/03, houve um estímulo editorial para

estereotipada, uma evidente preocupação com a representatividade dessas pessoas e a importância que existe em se perceber nas produções culturais. Essas HQs serão objeto de análise deste trabalho.

Compreendo, portanto que, por mais que os avanços no combate ao racismo não sejam suficientes, muito pelo contrário, caminhamos, porém, as discussões sobre os privilégios da branquitude são embrionários na sociedade, ainda se resumem aos movimentos sociais e à academia, mas não atingiram a materialidade da sociedade e suas estruturas, não afetaram em definitivo a realidade das pessoas.

É neste contexto que este trabalho se insere: procurar caminhos para que o debate acerca da branquitude esteja presente em cada vez mais espaços; nesse caso, uma sala de aula. Essa preocupação se dá por meio do meu trabalho como professor de História, a pesquisa sobre o tema surge como possibilidade de associar essa preocupação à minha relação com as HQs.

O debate sobre questões raciais passa a fazer parte de meus questionamentos sobre as relações sociais à medida em que me insiro no mundo do trabalho em educação. É nesse momento que busco me aprofundar no tema, por meio de leituras, formação continuada, participação em conferências e em conselhos municipais de elaboração e fiscalização de políticas públicas, como o de Igualdade Racial e de Direitos da Criança e Adolescente na cidade de São José dos Campos. Essas experiências enriquecem e, de certa forma, me preparam para a elaboração desta pesquisa, pois, sendo um homem branco, o meu lugar dentro deste debate exige uma série de reflexões, principalmente sobre minha condição privilegiada em uma sociedade sedimentada no pacto narcísico da branquitude⁴³.

Demorei muito a entender a relação entre o racismo e a branquitude, e acredito que estou vivenciando esse processo enquanto escrevo esta dissertação. Ser parte do grupo privilegiado historicamente devido à cor da minha pele me impediu de olhar para a situação racial brasileira com o cuidado necessário para compreender profundamente as dinâmicas relacionadas à

que se publicassem livros com temáticas étnico-raciais, contando, inclusive, com crianças negras como personagens principais das histórias.

⁴³ BENTO, *op.cit.*

desigualdade racial. Por mais que o racismo fosse algo presente em meu cotidiano, percebido pelo convívio próximo com pessoas negras desde a infância, em âmbito familiar e nas relações de amizade da adolescência e início da vida adulta, o estranhamento pelo tratamento diferenciado que essas pessoas recebiam nos círculos sociais que frequentávamos sempre me provocou incômodos, mas nunca me afetou profundamente, afinal, sou um homem branco.

A formação em História e o consequente início do trabalho em sala de aula pode ser considerado um momento decisivo para que os incômodos anteriores se tornassem questionamentos, que, ao longo do tempo, ganharam dimensões e perspectivas cada vez mais amplas e diversas. Compreender os processos coloniais passou a ser um objetivo norteador da minha prática intelectual e profissional, buscar entender como as dinâmicas econômicas dos sistemas coloniais se imbricavam na estruturação da sociedade e na constituição das subjetividades de indivíduos colonizados pareceu ser o caminho para a construção de uma prática em sala de aula que fosse, de fato, significativa. Meu foco eram as formas de constituição e resistência de populações colonizadas dentro da lógica capitalista de exploração dos territórios periféricos do mundo.

Esse raciocínio se baseia na concepção de Frantz Fanon, em “Os Condenados da Terra”, sobre o definitivo rompimento que o indivíduo colonizado deve fazer com a história da colonização.

O colono faz a história, e sabe que a faz. E como se refere constantemente à história de sua metrópole, indica claramente que ele é aqui o prolongamento dessa metrópole. A história que ele escreve não é, portanto, a história do país que ele saqueia, mas a história da sua nação, naquilo que ela explora, viola, esfaima. A imobilidade à qual o colonizado está condenado só poderá ser revertida se ele decidir pôr fim à história da colonização, à história da pilhagem, para fazer existir a história da nação, a história da descolonização⁴⁴.

Por meio dessa reflexão, o papel do colonizador começa a ser encarado como um elemento-chave dentro do meu objetivo, focar apenas no indivíduo colonizado não seria suficiente para compreender as dinâmicas raciais que geraram os questionamentos iniciais. Passo a me perguntar qual é meu lugar nessa estrutura, sendo um homem branco brasileiro, sem origens europeias

⁴⁴ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. ZAHAR, São Paulo, 2022. p. 48.

definidas, sem um capital econômico e simbólico de um sobrenome tradicional, mas que, apesar disso, goza de privilégios por ser branco. Qual é o meu lugar nessa discussão?

A busca por essa resposta passa pelo meu lugar na sala de aula, minha atuação como professor de História em escolas públicas de periferia por quase todo o meu percurso profissional suscitou reflexões sobre o que eu representava para alunas e alunos; fazer com que a presença de um homem branco que pretende exercer uma docência antirracista possa ser realmente significativa quando a imagem que personifico é a essência do privilégio tornou-se um desafio. Aqui, as concepções teóricas sobre a branquitude começam a ajudar nessa tarefa; compreender essas dinâmicas é ponto de partida na revisão da prática em sala de aula, na elaboração de planejamentos, no enfoque dado aos conteúdos previamente delimitados por currículos, na intencionalidade das aulas e nas relações criadas nesse espaço.

Esta dissertação encontra-se nesse contexto, compreender como a branquitude afeta a prática docente nas aulas de História. Para tanto, além dessa compreensão sobre a relação branquitude/sala de aula, esta pesquisa terá como principal objeto de análise o uso de HQs nas aulas de História como recurso didático, focando na perspectiva do uso antirracista dessas obras, desnaturalizando a branquitude e possibilitando a reflexão acerca de todos os privilégios relacionados a ela.

A escolha por HQs como objeto da pesquisa também se relaciona com questões pessoais, desde a infância leio e coleciono quadrinhos; hoje, percebo que a consolidação da minha alfabetização se deu por meio da leitura dessas produções, a ampliação do vocabulário, o interesse por temas científicos, a diversidade presente nas histórias, mesmo que de forma estereotipada, me estimularam a pesquisar sobre o que era retratado naquelas páginas, algo possível por meio de enciclopédias e atlas geográficos, recursos suficientes em uma época sem acesso aos computadores e à internet.

Ao longo do tempo, a leitura de quadrinhos e de produções acadêmicas sobre eles possibilitou uma mudança de entendimento, percebendo que as HQs não são apenas entretenimento, são também ótimos meios para abordar assuntos diversos, ótimos recursos didáticos. O mundo dos quadrinhos abrange

uma variedade gigantesca de temas, é muito provável que haja uma obra que trate do tema que você precisa para uma aula, seja ela de qualquer disciplina. Minha escolha é buscar obras de autoras e autores brasileiros que abordem questões raciais e analisá-las enquanto documentos históricos sob a ótica da crítica à branquitude enquanto mecanismo de legitimação de um modelo de humanidade.

Este trabalho resultou na elaboração de um catálogo de HQs que abordam a temática racial em alguma perspectiva, ou seja, que esse tema seja presente em suas páginas, mesmo que não seja o foco da produção. Este catálogo é composto por obras elaboradas por quadrinistas brasileiras e brasileiros, frutos de uma expansão do mercado editorial de quadrinhos autorais, onde a liberdade de criação é respeitada.

Para desenvolver essa análise, é necessário traçar um histórico das HQs, percorrer suas origens e transformações ao longo do tempo, até chegar ao conjunto atual de produções. Obviamente, este trabalho não pretende esgotar esse assunto, pelo contrário, o objetivo aqui é realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema e apontar alguns problemas nas tentativas de criar uma genealogia desta linguagem, como se fosse possível apontar uma única origem e que ela resultaria em um processo linear.

O primeiro capítulo desta dissertação se divide em três partes, a primeira apresenta apontamentos sobre possíveis origens dos quadrinhos, com exemplos de narrativas gráficas sequenciais produzidas em regiões como Índia, Japão, Europa e América em diferentes períodos históricos, relacionando essas obras com os seus usos nas sociedades que as produziram, por exemplo, os desenhos elaborados no Brasil desde o período monárquico até a atualidade, que serviam como veículos de crítica ao poder estabelecido. Na segunda parte, realizo uma reflexão sobre como as HQs se configuram como uma fonte histórica por meio da discussão sobre a cultura visual, que comprehende a imagem enquanto uma produção cultural que exerce agência sobre a sociedade que a produziu, e não apenas uma ilustração a ser apreciada em paredes de museus ou em bancas de revistas.

A terceira e última parte deste capítulo traça uma discussão sobre os quadrinhos e o Ensino de História, elaborando um percurso de como as HQs

deixaram de ser encaradas como uma produção cultural perigosa para a infância e tornaram-se importantes recursos didáticos nas salas de aula, analisando 11 dissertações do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, que abordam temas relacionados às questões raciais e o uso de quadrinhos em sala de aula.

O segundo capítulo traça uma discussão sobre como a produção de imagens sobre o Outro pode construir um imaginário negativo acerca de um determinado grupo, servindo como um mecanismo de manutenção da subalternidade a que muitos povos foram submetidos ao longo da história. Por meio da análise de quadrinhos de grande circulação dos personagens Pantera Negra e Doutor Estranho e obras do famoso quadrinista Frank Miller, apresento como o olhar de indivíduos brancos ocidentais sobre sociedades africanas e asiáticas pode desenvolver imagens preconceituosas sobre elas.

Em contraposição, apresento quadrinhos que quebram com essa lógica, onde o protagonismo é exercido por pessoas negras, discutindo a importância da representatividade de autores e autoras negras na criação de produtos culturais, especificamente na elaboração de quadrinhos, como Marcelo D'Salete, Rafael Calça e Jefferson Costa.

O anexo apresenta o produto educacional elaborado nesta dissertação, um catálogo de HQs de autores e autoras brasileiras que tratam, de alguma forma, da questão racial, buscando ressaltar a presença da branquitude ou sua ausência nas obras, de forma a indicar como professoras e professores podem abordar temas históricos presentes nessas HQs, utilizando-as de forma crítica e reflexiva acerca da perpetuação de estereótipos raciais e os privilégios, inclusive nos traços dos desenhos, vinculados à branquitude, propondo possibilidades de trabalho em sala de aula e indicações de como dialogar com alunas e alunos sobre questões raciais utilizando os quadrinhos como suporte.

CAPÍTULO 1 – HQ, HISTÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA

De forma pouco técnica, na verdade, de uma maneira totalmente pessoal, gosto de definir as HQs como janelas que, quando se abrem, possibilitam ao leitor adentrar em um universo totalmente novo, trazem em suas páginas uma perspectiva nova acerca da realidade, seja ela conhecida ou não pelo interlocutor. A junção de imagens e textos organiza nossa percepção sobre essa realidade, ou nos transporta para um espaço e tempo que jamais havíamos cogitado, ou seja, ao abrir uma HQ, temos a rica oportunidade de expandir o nosso mundo para além daquilo que já estamos habituados. É nessa característica que se encontra a potência das HQs enquanto arte e documento.

De forma técnica, Will Eisner define o que são HQs de maneira concisa, ao mesmo tempo em que já aponta um problema enfrentado por essa linguagem no que se refere ao seu reconhecimento enquanto uma produção cultural de qualidade.

As histórias em quadrinhos são, essencialmente, um meio visual composto por imagens. Apesar das palavras serem um componente vital, a maior dependência para a descrição e narração está em imagens entendidas universalmente, moldadas com a intenção de imitar ou exagerar a realidade. Muitas vezes, o resultado é uma ideia trabalhada com elementos gráficos. O layout da página possui efeitos de grande impacto, técnicas de desenho e cores chamativas que conseguem captar a atenção do criador. O efeito disso é que o roteirista e o artista são desviados da disciplina da construção da narrativa e absorvidos pelo esforço de apresentar o produto final. A arte, então, controla a escrita, e o produto passa a ser pouco mais do que uma literatura barata⁴⁵.

A validação dessa arte perante a sociedade encontra dificuldades justamente neste ponto, o fato de ser considerada uma literatura barata, ou seja, a não validação enquanto arte e a sedimentação da ideia de que se trata de um produto para crianças e adolescentes, como se isso fosse essencialmente um demérito. O autor faz essa afirmação ao dizer que muitos criadores de quadrinhos se preocupam mais com os desenhos do que com a história a ser contada.

⁴⁵ EISNER, Will. **Narrativas gráficas princípios e práticas da lenda dos quadrinhos**. 2^a edição revisada e ampliada. São Paulo: Devir Editora, 2005. p. 5-6

No entanto, no mesmo parágrafo, Eisner define o que faz um quadrinho ser um produto cultural valioso.

Apesar da grande visibilidade e da atenção compelida pelo trabalho artístico, insisto em afirmar que a história é o componente crítico em uma revista em quadrinhos. Não é somente a estrutura intelectual na qual se baseia toda a arte. É mais do que qualquer outro elemento, é aquilo que faz o trabalho perdurar. Este é um grandioso desafio para um meio que sempre foi considerado coisa de criança. A tarefa é trazer à tona a reação do leitor através das imagens. No entanto, as histórias em quadrinhos são, ao mesmo tempo, uma forma de arte e de literatura e, em seu processo de amadurecimento, buscam seu reconhecimento com um meio “legitimo”⁴⁶.

Ou seja, a história deve ser o foco da produção, sem perder de vista a importância da imagem, é a junção da arte e da narrativa que faz com que os quadrinhos sejam algo que não pode ser considerado somente como literatura ou uma arte gráfica, mas uma manifestação artística por si só, com suas características específicas e sua própria linguagem.

Dessa forma, é importante que se trace uma espécie de origem dessa linguagem, para que possamos compreender o processo de amadurecimento que Will Eisner cita e entender como as HQs podem ser consideradas não somente obras de arte, mas também como fontes históricas.

1.1 – As muitas origens das HQs

Márcio dos Santos Rodrigues⁴⁷ aponta um equívoco dos estudos sobre os quadrinhos: a obsessão pelas origens, a busca por saber quem foi pioneiro na criação desta linguagem. Para o autor, o problema se encontra na tentativa de construir uma importância histórica acerca de determinado autor, porém, “essa construção pouco explica condições históricas, as interações sociais e os processos criativos envolvidos naquilo que qualificam como pioneiro ou mesmo como ‘visionários’”⁴⁸.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 6.

⁴⁷ RODRIGUES, Márcio dos Santos. Apontamentos para pesquisa histórica sobre quadrinhos. In: CALLARI, Victor; RODRIGUES, Márcio dos Santos (org.). **História e quadrinhos:** contribuições ao ensino e à pesquisa. Belo Horizonte: Letramento, 2021. p. 19-61.

⁴⁸ *Ibid.*, p.37.

Definir a pretensa origem das HQs, com a finalidade de buscar a essência de um fenômeno histórico tem como objetivo construir um determinado sentido nele, seria desconsiderar todo o processo pelo qual essa linguagem passou ao longo do tempo e todas as influências que a afetaram⁴⁹. Da mesma forma, atribuir uma origem canônica às HQs corrompe a compreensão sobre produções do passado que, aos olhos do pesquisador, precisará obrigatoriamente ser enquadrada nessa essencialidade construída sobre o que é uma HQ.

Conhecer a origem – ou as origens – dos quadrinhos faz parte de um exercício intelectual importante, no sentido de compreensão do seu desenvolvimento, das intencionalidades e condições envolvidas nesse processo, porém, não garante que tenhamos um entendimento adequado sobre o que veio depois. Imaginar que a origem determina em absoluto o que é o objeto de análise é ater-se somente a um aspecto factual da história, sem maiores informações e interpretações, que fazem parte do ofício do historiador.

Parte desse problema pode ter uma explicação no fato de que boa parte das genealogias realizadas sobre HQs não tenham sido feitas por historiadores, mas, principalmente, por pesquisadores das áreas de comunicação e linguística. É importante ressaltar que essas pesquisas são extremamente importantes na produção acadêmica sobre o tema; não tenho a intenção de desvalorizá-las, mas elas carecem do rigor histórico, da análise realizada a partir de questionamentos feitos com o olhar guiado pelo método histórico.

Sobre as origens, há, na verdade, uma disputa pela narrativa acerca do pioneirismo; há defensores da ideia de que os quadrinhos foram criados nos Estados Unidos da América (EUA), pelo desenhista Richard Felton Outcault, em 1894, com a publicação de tiras do personagem Yellow Kid, na revista *Truth* de forma esporádica e, posteriormente, no jornal *New York World*, em 1895,- já de forma constante⁵⁰.

Essa afirmativa desconsidera a presença de produções artísticas em outros lugares do mundo que também utilizavam das mesmas técnicas para contar uma história, a arte sequencial.

⁴⁹ *Ibid.*, p.40.

⁵⁰ MOREAU, Diego; MACHADO, Lalúña. **História dos Quadrinhos: EUA**. São José: Skript, 2020. p. 27.

Segundo Rogério de Campos⁵¹, os *bhopas*, sacerdotes contadores de histórias do Rajasthan, na Índia, utilizam grandes painéis com desenhos sequenciais para apresentar cenas e personagens de mitos locais, narrando os acontecimentos para um público atento. Essa prática remonta do século V antes da era cristã e perdura até os dias atuais. Esses sacerdotes eram nômades, levavam esses grandes painéis, conhecidos como *phads*, enrolados para muitas regiões, até mesmo fora da Índia, alcançando regiões como China e Japão, influenciando o desenvolvimento de práticas semelhantes nesses lugares.

Figura 1: *Phad* representando a divindade Pabuji



Fonte: Pabuji ka Phad [imagem]. Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e2/Pabuji_ka_phad_02.JPG. Acesso em: 23 set. 2024

No Japão, as histórias eram contadas por meio dos *emakimonos*, rolos com metros de comprimento que continham imagens e, muitas vezes, textos. Conforme eles eram desenrolados, essas imagens apresentavam uma narrativa de uma história famosa, acontecimentos inexplicáveis, incidentes políticos ou a construção de um templo⁵². Esses *emakis*, como também são conhecidos, estão na origem dos famosos *mangás*.

⁵¹ CAMPOS, *op. cit.*, p.27.

⁵² JOB, Maria Ivette. **O tempo dos fantasmas de As 53 Estações da Yōkaidō**: Mizuki Shigeru e Aby Warburg. 2021. 148f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. p.40.

Figura 2: Sutra ilustrado de causas e efeitos – Século VIII, autor desconhecido



Fonte: TOKYODO. Plates of world fine-arts, vol. 4. Tokyo Co., ACE1943, dezembro, disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=12626713>. Acesso em: 23 set. 2024

Não é possível dizer que os *phads* e os *emakimonos* são quadrinhos ancestrais, mas já faz muito tempo que as sociedades contam histórias por meio da arte sequencial, associando imagens e textos ou narrações para conseguir prender a atenção de um público, ou seja, a arte sequencial não é uma criação moderna, é uma prática, ou até mesmo uma necessidade humana de ilustrar o que se conta, de apresentar visualmente o que a imaginação do autor criou.

Para além das possíveis origens na Antiguidade, há outros casos anteriores à tira estadunidense; na Alemanha do século XIV até meados do século XX, um grupo de contadores de histórias vagueavam pelas zonas rurais da região, utilizando um grande cartaz feito de lona, com uma série de imagens sequenciais que narravam algum caso polêmico, muitas vezes aumentado pelo narrador, justamente para criar o interesse do público. Esses narradores eram conhecidos como *bänkelsangers* e exerciam sua função sempre preocupados com as autoridades locais, pois, por muitas vezes, suas narrativas contradiziam o discurso oficial⁵³.

É interessante notar que, ao mesmo tempo em que o teor das histórias era sensacionalista e buscava apresentar detalhes sórdidos de crimes, por outro

⁵³ CAMPOS, op. cit., p.30.

lado, possuía um discurso moralista e reacionário, como, por exemplo, os discursos religiosos que atavam denominações divergentes, sempre de acordo com o público da localidade.

Nas regiões católicas, acusavam Lutero de ser um adúltero e Calvinho de ser um sodomita. Nas regiões protestantes, denunciavam a corrupção pecaminosa dos papas. E em todos os lugares divulgavam os boatos mais infames contra os judeus⁵⁴

É a necessidade de agradar ao público expectador, dizer o que quer ser ouvido, e, neste caso, visto também, trazendo acusações muitas vezes infundadas de figuras malvistas nas regiões onde se encontram os narradores. Rogério de Campos afirma que os *bänkelsangers* são muito importantes para o surgimento dos quadrinhos e para a imprensa sensacionalista⁵⁵, aquela que não se preocupa com a veracidade dos fatos, apenas o choque diante de uma notícia.

Saindo das práticas coletivas, ou seja, aquelas que são exercidas por muitas pessoas ao longo do tempo e se configuram como tradição de uma determinada região, há os casos das ações individuais, que “inauguram” uma forma de fazer as coisas. O inglês William Hogarth (1697-1764) criou uma série de seis imagens, que contavam a história de uma mulher que chega a Londres procurando emprego, torna-se prostituta, usufrui momentaneamente de uma vida de luxo ao tornar-se acompanhante de um homem rico, cai em desgraça, é presa e acaba morrendo na miséria aos 23 anos. É a história de Moll Hackabout, narrada na sequência publicada em 1732, conhecida como “The Harlot’s Progress”⁵⁶.

Hogarth elabora essa sequência de imagens após um de seus quadros, que se tornaria a terceira placa dessa coleção, fazer muito sucesso à época. Um conjunto de detalhes compõe a imagem, quadros com personalidades da época, objetos nas paredes e referências a casos famosos. A quantidade de informações contidas nas gravuras narra uma história complexa; imagino que o

⁵⁴ CAMPOS, Rogério de. **Imageria: o nascimento das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Veneta, 2015. p.24

⁵⁵ CAMPOS, 2021, p.31.

⁵⁶ *Ibid.*, p.34.

público, à época, precisasse de muito tempo para captar todas elas, apenas uma exposição da obra original não seria o suficiente para agradar os interessados.

Figura 3: Sequência de imagens produzidas por Willian Hogarth em 1732 – “The Harlot’s Progress”



Fonte: Royal Collection Trust. Disponível em: <https://www.rct.uk/collection/811512/a-harlots-progress>. Acesso em: 23 set. 2024.

Essa sequência de imagens fez tanto sucesso que o autor começou a reproduzi-las em série para que fossem comercializadas, a primeira tiragem se esgotou rapidamente. Posteriormente, um jornal local as publicou, o que pode ser considerado como a primeira tira de quadrinhos a ser publicada por um periódico⁵⁷, novamente, fazendo com que a narrativa do pioneirismo estadunidense seja questionada. Hogarth ainda publicou uma outra sequência de imagens, um conjunto de pinturas e gravuras chamado de “The Rake’s Progress”, que narra a história de Tom Rakewell, um herdeiro que consome todo o dinheiro de seu pai com festas, bebidas e jogos e acaba internado em um manicômio. Essa obra torna-se uma ópera, de mesmo nome, nas mãos do compositor russo Ígor Stravinsky, em 1951, com a parceria de W. H. Auden, que escreveu o libreto da peça.

No Brasil, quem recebe o título de pioneiro na criação de quadrinhos é o italiano Angelo Agostini (1843-1910), radicado no Brasil desde os seus 16 anos.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 35.

Os primeiros trabalhos de Agostini foram publicados em 1864, em um jornal satírico fundado pelo próprio desenhista, o “Diabo Coxo”⁵⁸, que circulou até o final de 1865. Nesse jornal, o autor ainda não havia desenvolvido uma linguagem sequencial, suas imagens eram caricaturas com o objetivo de criticar a política do período, prática que já era comum em muitos jornais brasileiros.

Após continuar seu trabalho como caricaturista no jornal “O Cabrião”, que circulou entre 1866 e 1867 na cidade de São Paulo, Agostini apresenta “As aventuras de Nhô-Quim” para o público na revista “Vida Fluminense”, do Rio de Janeiro, em 1869, considerada a primeira história em quadrinho no Brasil.

É importante ressaltar o papel de Angelo Agostini na luta política, seus desenhos tinham um forte conteúdo crítico ao modelo político vigente e à prática da escravidão no Brasil, era evidente a percepção do autor de que a luta pelo abolicionismo não poderia estar separada da luta pelo fim da monarquia e a instituição de um modelo republicano de governo. Isso se demonstra pelas caricaturas publicadas principalmente após a Guerra do Paraguai, como o exemplo mais famoso, onde o caricaturista retrata um ex-escravizado voluntário do Exército Brasileiro voltando para o Brasil e avista sua mãe sendo açoitada sob o olhar de um escravocrata⁵⁹.

Sua participação nos movimentos abolicionista e republicano continuam por todo o período, até o fim do regime monárquico. Por meio da “Revista Ilustrada”, que circulou entre os anos de 1876 e 1895, Agostini apresentava a vida política da capital, sempre atento às questões do Parlamento, do Poder Executivo e do próprio Imperador⁶⁰, questionando a ordem vigente e se indignando com as injustiças.

O humor gráfico tem um papel importante no debate político do país ao longo do tempo. Desde a Monarquia até os dias de hoje, caricaturistas expõem suas críticas aos costumes e à política por meio de imagens cômicas, elaborando críticas e posicionamentos políticos conflitantes com o poder estabelecido. Podemos perceber isso com as próprias obras de Agostini e, posteriormente,

⁵⁸ VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017. p. 21

⁵⁹ BALABAN, Marcelo. **Poeta do Lápis**: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil imperial - São Paulo e Rio de Janeiro - 1864-1888. 2005. 363p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2024. p. 58.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 249.

com Belmonte, na década de 1920; Ziraldo, Jaguar, Henfil e Ciça a partir da década de 1960; Edgar Vasques e Henrique Magalhães na década de 1970. Nas décadas de 1980 e 1990, há um aumento exponencial de autores, como Marcatti, Angeli, Laerte, Glauco, Luiz Gê e Adão Iturrusgarai e, nos anos 2000, Allan Sieber, André Dahmer e Carlos Ruas⁶¹.

É justamente esse perfil questionador da arte sequencial que faz com que essa linguagem ganhe popularidade no final do século XIX. As tirinhas publicadas em jornais rapidamente se espalharam pelas regiões urbanas, sempre fazendo referências aos problemas locais, comunicando-se de forma direta e rápida com um leitor proletário que vivenciava essas condições.

Essa comunicação certeira por meio de imagens e textos que representavam o cotidiano dos leitores constrói essa identificação, sendo, provavelmente, o principal motivo do sucesso deste tipo de linguagem, relacionado diretamente com o processo de expansão populacional e urbana que se deu no final do século XIX e início do século XX. Nos EUA, isso foi acompanhado por um aumento exponencial da tiragem de jornais que circulavam nas cidades⁶² e, com essa ampliação, as tirinhas ganharam cada vez mais popularidade.

A liberdade criativa era admirável, se pensarmos que essas produções atingiam um público massivo; imaginar que um mecanismo tão eficiente de comunicação não sofria interferência direta dos grandes grupos e anunciantes é impensável atualmente, porém, essa liberdade não iria durar muito tempo.

O que molda a publicação de quadrinhos em grande escala é o mercado editorial e seus anunciantes, seja nos EUA ou no Brasil, as grandes editoras definirão os rumos das publicações, retirando dos criadores a liberdade artística tão rica para quem produz quadrinhos. O objetivo, além do lucro com a venda das revistas, está na defesa de um discurso específico sobre como a sociedade deve ser. Conservadorismo e reacionarismo estão na tônica deste discurso, são os elementos principais do famoso Comics Code Authority.

⁶¹ SANTOS, Roberto Elísio dos. O Brasil através das histórias em quadrinhos de humor. **Cuad. Cent. Estud. Diseñ. Comun., Ensayos**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 74, p. 153-167, set. 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-35232019000400153&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 19 jan. 2024

⁶² CAMPOS, 2021, p.51.

Esse código de autocensura criado pelas grandes editoras com a intenção declarada de agradar autoridades, religiosos, famílias e parte da intelectualidade estadunidense, apaziguando “os ânimos da vasta classe média branca”⁶³, tinha também um outro objetivo: quebrar a concorrência de editoras menores, que estavam ocupando uma significativa parcela do mercado de quadrinhos. Essas editoras menores, além de publicarem revistas consideradas, à época, imorais, também mantinham uma relação de respeito com os artistas contratados, estimulavam a produção de quadrinhos como uma obra de arte e sempre as atribuíam aos seus criadores, até mesmo trazendo minibiografias deles nas edições. William Gaines, proprietário da maior dessas editoras, a EC Comics, compreendia a importância dessa liberdade.

A editora não se baseava em personagens de sucesso, mas em autores. Gaines os incentivou a levar a extremos suas idiossincrasias estilísticas e a enfrentar temas considerados tabus nos quadrinhos da época, como o racismo. Tudo isso resultou em gibis de guerra que eram antibelicistas, em histórias de terror nas quais respeitáveis homens brancos “de bem” revelavam-se mais monstruosos do que qualquer monstro, e na enlouquecida MAD, rindo de todo tipo de autoridade. Livres da pressão de anunciantes, indiferentes à ira dos religiosos, sem a triste perspectiva de serem respeitáveis, a EC e várias outras editoras retomavam, talvez sem saber, o espírito anárquico dos quadrinhos do início do século.⁶⁴

Esse caráter crítico dos quadrinhos incomodava as grandes editoras, não pela questão da moral e dos bons costumes, ou até mesmo por fazerem críticas a um modelo político específico, mas, principalmente, porque esse tipo de conteúdo era um forte concorrente aos produtos dessas grandes editoras. Mesmo que a situação girasse em torno de uma questão de mercado, a prática de autocensura acenava para os grupos conservadores, garantindo o apoio necessário para que continuassem comercializando seus quadrinhos.

O que pretendo com essa parte da dissertação é levantar uma discussão acerca de como os quadrinhos surgiram e de como se moldaram a uma determinada visão de sociedade, que não necessariamente era a da maioria da população, mas que atendia aos interesses de grupos que detinham poder; os

⁶³ VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VEGUEIRO, W. (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 7-29. p.13.

⁶⁴ CAMPOS, 2021, p.63.

quadrinhos tornam-se mais uma ferramenta de construção de um modelo hegemônico de sociedade.

Se avançarmos na cronologia das publicações de HQs, perceberemos que as histórias narradas, as personagens, os cenários, as definições do mercado editorial irão caminhar para agradar um determinado tipo de consumidor, o homem branco, mesmo que mulheres brancas e pessoas negras também fossem consumidoras e criadoras de quadrinhos.

Os exemplos que corroboram a percepção de que as HQs atendem a uma demanda de um grupo específico serão apresentados no segundo capítulo desta dissertação, em conjunto com os exemplos que conseguiram fugir, mesmo que não totalmente, dos interesses do mercado.

1.2 – Quadrinhos e a história

O fazer histórico se dá por meio da análise de documentos históricos, são as evidências sobre as quais nos debruçamos para responder perguntas levantadas acerca de problemas propostos pelo historiador/historiadora, ou, também, fontes pelas quais os processos históricos serão observados e compreendidos pelo olhar crítico de quem exerce o ofício de historiador.

Ao longo do tempo, o que se considera como documento histórico foi se ampliando na mesma proporção dos objetos da disciplina histórica. Os registros oficiais de figuras públicas importantes ou de grandes fatos do passado, como bulas papais, correspondências entre chefes de Estado, imagens entalhadas em paredes de templos e palácios da Antiguidade, fontes para uma história política e institucional, foram cedendo espaço, sem deixar de serem importantes, para, por exemplo, as confissões de um moleiro italiano do século XVI diante da Inquisição, anotações de uma fábrica de velas sobre o tamanho delas e seu volume de vendas, o diário de uma garota que tenta sobreviver aos horrores do nazismo e o relato de libertos da escravidão que, por meio da oralidade, apresentaram suas perspectivas sobre o cativeiro.

O que podemos considerar como documento histórico, portanto, é qualquer forma de vestígio do passado, que pode ser utilizado na investigação realizada pelo historiador, um indício que pode servir de ponto de partida para

uma interpretação sobre um evento ou processo, ou também como prova contundente na busca por evidências de uma hipótese. Nesta perspectiva mais ampla, as HQs se inserem como fontes históricas, como indícios de um processo que teve seu início em algum momento e lugar, mas que, até os dias de hoje, interessam aos contemporâneos e dialogam com o presente.

Pensar em quadrinhos como fontes históricas seria pensar acerca da imagem enquanto fonte de informação sobre o passado, porém, esse pensamento é incompleto, pois entende a imagem somente como uma representação de algo, segundo Ulpiano Bezerra de Menezes:

Ao se aproximar do campo visual, o historiador reteve, quase sempre, exclusivamente a imagem — transformada em fonte de informação. Conviria começar, portanto, com indagações sobre a percepção do potencial cognitivo da imagem para compreendermos como ela tem sido explorada, não só pela História, mas pelas demais ciências sociais e, antes disto, no próprio interior da vida social, na tradição do Ocidente.⁶⁵

Por mais que imagens possam trazer informações com suas representações do passado, e elas trazem, encará-las somente como uma forma de registro seria desconsiderar o papel que elas têm enquanto “coisas que participam das relações sociais”⁶⁶. Produtos da ação humana que afetam indivíduos e coletivos por meio das ideias que expressam, a imagem como agência possuindo a capacidade de influenciar, de alguma maneira, um processo em que uma determinada sociedade esteja envolvida, como “a Revolução Francesa, por exemplo, vai incentivar abundante produção de imagens, como instrumento de luta política, revolucionária e contrarrevolucionária”⁶⁷.

Ao considerarmos a imagem como uma forma de ilustrar a narração de um fato ou de um processo histórico, encarando-a como uma representação de um pensamento melhor elaborado em um texto, estaríamos condicionando a produção de imagens a meros adereços de um conhecimento tido como superior, desconsiderando a importância delas nos contextos históricos e como

⁶⁵ MENESES, U. T. B. DE. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 11–36, jul. 2003. p.12.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 14.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 13.

elas participam ativamente na composição de fatores que determinam a forma que uma sociedade pode vir a tomar.

Uma forma de superar essa percepção seria por meio dos estudos da “cultura visual”, relacionada à virada pictórica ou visual no campo das Ciências Sociais, nos moldes do que foi a virada linguística na Filosofia, quando passamos a considerar a imagem como uma produção cultural, que carrega consigo um saber próprio e intrínseco e que, por meio dela, podemos interpretar a realidade a partir de um outro ponto de vista, que não se manifesta verbalmente, mas por meio das formas capturadas em uma fotografia ou desenhadas em qualquer superfície.

A imagem enquanto linguagem possui um caráter de comunicação universal, pois detém a capacidade de ser lida por todas as camadas sociais, afetando o sentido humano da visão⁶⁸, portanto, presente na história das sociedades como um elemento modificador de suas dinâmicas. Nesse aspecto, as imagens se configuram como documentos históricos, que muito dizem a respeito das sociedades que a produziram.

É importante ressaltar que a análise da imagem não deve ser um fim em si mesmo, mas um instrumento para a compreensão do contexto em que está inserida.

Dito com outras palavras, estudar exclusiva ou preponderantemente fontes visuais corre sempre o risco de alimentar uma “História Iconográfica”, de fôlego curto e de interesse antes de mais nada documental. Não são pois documentos os objetos da pesquisa, mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade.⁶⁹

O foco deve estar nas intencionalidades do artista, nas influências sobre sua obra, na relação entre movimentos da sociedade em que estão inseridos e os possíveis impactos que a imagem gerou nessas situações, fazendo com que a análise ofereça não só um panorama dessa sociedade, mas, principalmente, uma percepção apurada das forças que atuam sobre ela.

Meneses aponta três itens que poderiam compor a epistemologia da imagem, uma vez que seu texto de 2004 tem o objetivo de fazer um balanço e

⁶⁸ KNAUSS, P. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, [S. I.], v. 8, n. 12, 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>. Acesso em: 29 jan. 2024. p. 99.

⁶⁹ MENESES, *op. cit.*, p. 27-28.

propor caminhos para uma história da visualidade. Esses itens seriam focos para a produção de pesquisas no campo da história acerca da produção de imagens ao longo do tempo, com o objetivo de inserir esse conjunto em um escopo maior do que somente um registro do passado. Esses focos são:

- a) o visual, que engloba a “iconosfera” e os sistemas de comunicação visual, os ambientes visuais, a produção / circulação / consumo / ação dos recursos e produtos visuais, as instituições visuais, etc.;
- b) o visível, que diz respeito à esfera do poder, aos sistemas de controle, à “ditadura do olho”, ao ver/ser visto e ao dar-se/não-se-dar a ver, aos objetos de observação e às prescrições sociais e culturais de ostentação e invisibilidade, etc.;
- c) a visão, os instrumentos e técnicas de observação, os papéis do observador, os modelos e modalidades do “olhar”⁷⁰.

Estes três focos nos propiciam ferramentas de análise, que fazem com que a imagem ganhe a importância enquanto objeto de estudo que transcende o sentido de coisa, possibilitando “reconhecer a imagem como ‘alteridade’”⁷¹, atribuindo-lhe um papel dinâmico na sociedade, complexo em suas relações, justamente por não se tratar somente de artefato do passado. Esses focos perpassam pelos cinco núcleos desta epistemologia/alteridade, apresentados nos trabalhos de Willian Mitchell e Gottfried Boehm, importantes pensadores do que chamamos de cultura visual.

Segundo Santiago Junior⁷², esses autores identificam que as imagens possuem vida, corpo, usos, cognição e intersubjetividades; isso quer dizer que as imagens basicamente podem ser compreendidas como sujeitos dentro de um processo histórico, pois atuam como indivíduos que se submetem e são submetidos às dinâmicas sociais, possuem agência na realidade a que pertencem.

A reflexão de como a imagem se configura enquanto agente colabora na definição dos quadrinhos enquanto fontes históricas no sentido amplo, não somente como registro de um passado específico, mas também como elemento

⁷⁰ *Ibid.*, p. 30-31.

⁷¹ SANTIAGO JÚNIOR, Francisco. D. C. F.. A virada e a imagem: história teórica do pictorial/iconic/visual turn e suas implicações para as humanidades. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 27, p. e08, 2019. p.3.

⁷² *Ibid.*, p. 33-36.

atuante nas configurações sociais. O impacto das HQs no cotidiano de milhões de leitores ao redor do mundo precisa ser estudado, não somente enquanto um fenômeno da comunicação, mas também enquanto um fenômeno a ser observado e analisado pelo olhar da História.

Ainda há um certo preconceito entre pesquisadores e pesquisadoras do campo da história em utilizar HQs como fontes históricas, talvez isso se deva ao fato de que os quadrinhos são considerados produtos da indústria cultural⁷³, voltados às massas, que não possuem credenciais de obras de arte, um conjunto de imagens que atenderiam somente um desejo infantil ou infantojuvenil por aventuras fantásticas de super-heróis ou ficções científicas espaciais.

Mas essa percepção sobre as HQs é ultrapassada, fruto da difamação que a linguagem sofreu durante anos por setores conservadores da sociedade, que atrelavam a leitura dessas produções à delinquência juvenil, uma perseguição semelhante à caça às bruxas, guardadas as devidas proporções, acusando essas produções de serem subversivas. Esta interpretação está totalmente equivocada, mesmo se levarmos em consideração a produção de quadrinhos anarquistas, comunistas, feministas e antirracistas que ocupam espaços nas prateleiras das livrarias ou nas banquinhas de feiras *undergrounds* espalhadas pelo mundo.

A interdição que os quadrinhos sofreram na sociedade gerou uma interdição também na academia que, por anos a fio, negligenciou essa linguagem enquanto objeto de estudo, impossibilitando grandes avanços teóricos acerca dos seus usos em diversas perspectivas, mais precisamente na História, como fonte histórica, e na educação, como recurso didático. Essa concepção preconceituosa sobre as HQs

⁷³fez com que qualquer discussão sobre o valor estético e pedagógico das HQs fosse descartada nos meios intelectuais, e as raras tentativas acadêmicas de dar algum estatuto de arte aos quadrinhos logo seriam encaradas como absurdas e disparatadas.”⁷⁴

⁷³ RODRIGUES, *op. cit.*, p. 21

⁷⁴ VERGUEIRO, 2012, *op. cit.*, p.13.

Uma outra possibilidade, levantada por Rodrigues⁷⁵, é o fato de que, por serem fontes tão recentes, levando em consideração que mesmo que suas origens oficiais remontem a mais de cem anos, são produtos culturais que ainda são produzidos e circulam de forma intensa na sociedade, sua utilização seria para alguns historiadores uma tarefa que caberia ao jornalismo, por se tratar de um objeto do tempo presente, equivocado, pois o tempo presente também é um foco do estudo da história. Por muito tempo, se pensou que somente aquilo que tivesse sido arquivado poderia ser utilizado como fonte, e apenas quando não houvesse mais testemunhos vivos da realidade estudada que as historiadoras e historiadores poderiam entrar em cena.⁷⁶

Uma característica da história do tempo presente é a possibilidade que o historiador encontra de ser contestado pelas testemunhas vivas daquilo que se estuda, condição que faz com que esse campo apresente uma dinâmica específica dentro de sua área de conhecimento. Embora o saber tenha sempre um caráter provisório, sendo analisado, revisto, corrigido e acrescido⁷⁷, na história do tempo presente, isso se dá de uma forma mais constante do que qualquer outro campo.

Por ser a imagem um agente na sociedade, nesse caso das HQs, sua presença nas análises do tempo presente atua como testemunha contestadora, principalmente quando se trata de um quadrinho de grande circulação e impacto. A obra permanece no mundo mesmo após a morte do artista, as interpretações sobre ela sofrerão mudanças ao longo do tempo, em decorrência das dinâmicas sociais, quem interpreta terá novas ferramentas de análise e encontrará novos sentidos no objeto analisado.

Portanto, em ambos os motivos para a interdição das HQs, o fechar de olhos para essa linguagem impossibilitou que se desenvolvesse o potencial inovador que um produto de tamanha amplitude em questão de circulação, alcance e impacto pode oferecer às pesquisas acadêmicas, problema que parece estar sendo superado nos últimos anos.

⁷⁵ RODRIGUES, op. cit., p. 22.

⁷⁶ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Mores. História do tempo presente e ensino de História. *Revista História Hoje*, [S.L.], v. 2, n. 4, p. 19, 19 jun. 2014. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/90>. Acesso em: 17 mar. 2024. p. 22.

⁷⁷ Ibid., p.23.

De acordo com os bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), ao pesquisar as palavras-chave “quadrinhos” e “HQ”, encontrei 117 pesquisas na área de conhecimento da História, sendo 98 dissertações de mestrado e 19 teses de doutorado, realizadas entre os anos de 2013 e 2023.

Em relação aos programas de pós-graduação em que esses trabalhos foram realizados, encontramos a seguinte distribuição, apresentada na tabela 1, demonstrando uma grande concentração nos programas de mestrado e doutorado em História e no programa de mestrado profissional em Ensino de História.

Tabela 1: Trabalhos por Programa de Pós-graduação

Programas de pós-graduação	Dissertações	Teses
História	48	14
História Comparada	1	1
História das Ciências e da Saúde	0	1
História e Culturas	1	0
História Social	5	3
História Social da Cultura	1	0
ProfHistória	41	0
Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio	1	0
TOTAL	98	19

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES e BD TD.

A tabela 2 apresenta a concentração das pesquisas por região, demonstrando a prevalência do Sudeste e Sul como as regiões com maior volume de trabalhos realizados, fato que pode ser explicado devido ao maior número de instituições de Ensino Superior (IES) e, também, de programas de pós-graduação dessas localidades.⁷⁸

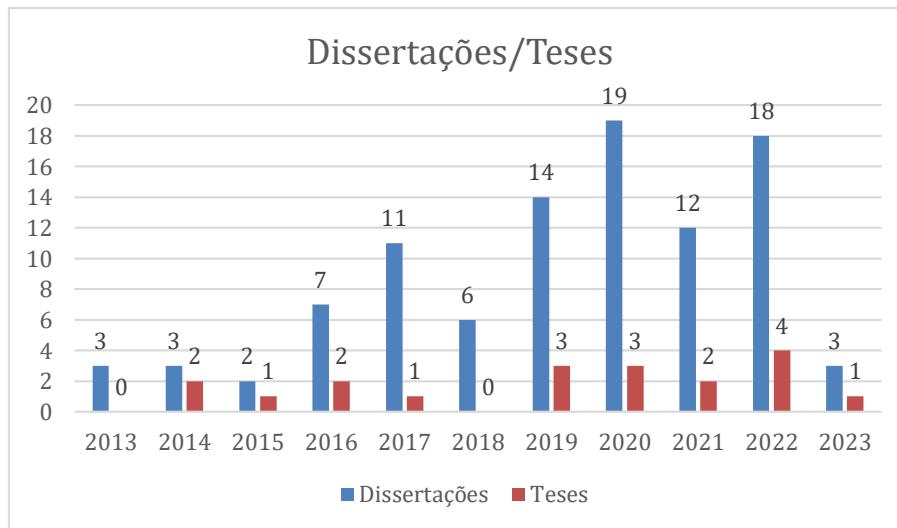
⁷⁸ BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliação Quadrienal 2017-2020**. Brasília: Ministério da Educação, 2022.

Tabela 2: Concentração de pesquisas por região do país

Concentração por região	Dissertações	Teses
Centro	17	1
Nordeste	15	0
Norte	6	0
Sudeste	29	12
Sul	31	6
TOTAL	98	19

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES e BD TD.

O gráfico 1 apresenta o número de dissertações e teses produzidas entre os anos de 2013 e 2023. É possível perceber um crescimento considerável na elaboração de dissertações de mestrado a partir de 2016 até 2022, ao mesmo tempo em que as teses de doutorado mantiveram uma certa estabilidade ao longo desse período.

Gráfico 1: Número de dissertações e teses produzidas entre os anos de 2013 e 2023

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES e BD TD.

Seria importante realizar uma análise qualitativa destas produções, para compreender como os quadrinhos são encarados e de que forma são inseridos na construção dos saberes históricos. Porém, é necessário ressaltar que, de uma situação de menosprezo para um objeto com mais de uma centena de pesquisas, podemos afirmar que os quadrinhos deixaram de ser encarados apenas como um mero passatempo infantojuvenil e passaram a ser considerados um produto cultural com um valor estético e histórico importante. Nesta dissertação, após um novo filtro, desta vez procurando trabalhos

relacionados ao Ensino de História e questões raciais, encontrei 11 dissertações, que serão analisadas no subcapítulo seguinte.

Devemos encarar os quadrinhos como produtos de um tempo, elaborações de pessoas que desejavam se expressar por meio da arte, suas percepções sobre a realidade que as cercavam e, mesmo que de forma não intencional, demonstrar as dinâmicas econômicas, sociais, culturais e políticas de seu tempo. Cabe ao historiador e à historiadora desvendar esses processos, por meio das análises dessas fontes que se configuram como “práticas sociais”.⁷⁹

Ao pensarmos por essa perspectiva, não só o quadrinista se configura como um agente histórico, como também o próprio quadrinho que, enquanto imagem, impacta nas relações sociais, afetando as relações humanas por meio da influência que exerce à medida em que se estabelece como um agente social, já que possui vida, corpo, usos, cognição e subjetividades.

Importante ressaltar que uma HQ não precisa ser a representação exata da realidade, pelo contrário, pode até nem se vincular a ela, não apresentar uma narrativa vinculada com a “verdade” não a desqualifica como uma fonte histórica. Uma HQ que seja fruto de uma profunda pesquisa histórica, ou uma que tenha sido elaborada a partir da perspectiva pessoal do quadrinista possuem o mesmo valor para a ciência histórica, ambas são carregadas de saberes e percepções sobre a realidade. Conseguir captar essas evidências e mensagens é trabalho para o olhar apurado do historiador, que busca responder as perguntas que surgem ao se deparar com um problema.

Rodrigues aponta alguns cuidados que devemos tomar ao analisarmos os quadrinhos como uma fonte histórica. Realizar uma crítica interna da obra, antes mesmo de fazermos uma análise do contexto em que ela foi criada, pode evitar que associemos à narrativa questões que não foram idealizadas pelos quadrinistas⁸⁰, seria atribuir intencionalidades a um objeto por pertencer a uma determinada sociedade e período, sem levar em consideração a própria intenção do autor. A análise interna do documento precede a análise externa; a estrutura

⁷⁹ RODRIGUES, *op. cit.*, p.25.

⁸⁰ RODRIGUES, *op. cit.*, p.31.

narrativa e o conjunto de imagens são elementos que podem dizer muito mais do que demonstram à primeira vista.

É importante também que o historiador leve em consideração a circulação das HQs analisadas, com o intuito de buscar uma dimensão do impacto que elas tiveram em determinada localidade e época, mesmo que essa quantificação seja complexa, pois os números de exemplares publicados de uma edição podem não ter, necessariamente, sido distribuídos completamente, como também é difícil quantificar quantos foram de fato lidos. Por outro lado, uma edição de menor circulação pode apresentar um impacto muito maior, dependendo da maneira que se apresenta para a o grupo de leitores, talvez de forma muito mais intensa do que uma edição de grande tiragem⁸¹.

Algo importante que devemos levar em consideração acerca da utilização de HQs como fontes históricas, é termos a concepção de que essa HQ, mesmo que trate de um fato histórico, não é um veículo da verdade, mas uma percepção do quadrinista sobre o fato, uma interpretação da realidade. Muitas HQs são baseadas em extensa pesquisa histórica, possuem fundamentação e referências sólidas; ainda assim, são interpretações sobre o passado, como o próprio trabalho do historiador.

Uma HQ que trate de um tema histórico torna-se uma fonte histórica não pelo seu conteúdo que diz respeito ao passado, mas por ser uma produção que apresenta a interpretação de alguém sobre esse passado; ela diz muito mais sobre o tempo que foi criada do que sobre o período que retrata.

para um historiador valeria justamente que tipo de representação sobre o passado ela constrói por meio da descrição que faz de elementos de um passado. Nosso foco não é na informação em si, mas como e em que termos ela se constrói e quais são as suas intenções em contextos específicos.⁸²

Da mesma forma, um quadrinho que apresente uma narrativa fantástica de super-heróis ou uma interpretação futurista sobre questões raciais na sociedade brasileira também são fontes históricas, por serem frutos do seu tempo, das dinâmicas sociais presentes na realidade dos quadrinistas, sujeitos

⁸¹ *Ibid.*, p. 32.

⁸² *Ibid.*, p. 49.

inseridos em contextos específicos e que apresentam suas perspectivas sobre o que os cerca.

1.3 – Quadrinhos e o Ensino de História

É muito comum encontrarmos quadrinhos nos livros didáticos de História, normalmente, ilustrando um assunto ou apresentando um tema específico que será trabalhado de modo mais complexo por meio de textos. Da mesma forma, muitas professoras e professores costumam colocar tirinhas nas avaliações, com o objetivo de fazer com que a prova se torne mais interessante aos estudantes, sem refletir muito se aquela sequência de imagens traz, de fato, uma possibilidade de debate, ou se serve apenas para ilustrar o tema avaliação.

No ano de 1998, o Ministério da Educação publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Fundamental do 5º ao 8º ano (atualmente, do 6º ao 9º) e, em 2000, os PCNs do Ensino Médio; em ambos os documentos, há a preocupação de que estudantes desenvolvam a capacidade de interpretar linguagens de diversos tipos, entre elas, as HQs⁸³.

Isso fez com que as HQs passassem a possuir um respaldo normativo para a sua utilização como um recurso didático em salas de aula. Os documentos que orientavam a educação brasileira consideravam essas produções como possibilidades de incrementar os processos educativos de jovens com variados gêneros literários.

Aqui é importante ressaltar que os quadrinhos não são uma versão ilustrada de livros, mesmo que sejam uma adaptação de um, e que não é correto fazer juízo de valor acerca de qual linguagem é superior; o que precisamos entender é que são linguagens distintas e que cada uma possui suas próprias características.

Dizer que os quadrinhos são uma forma de literatura é uma maneira de usar um rótulo social e academicamente prestigiado - o literário – para validá-los ou de chancelar ao interlocutor a presença ou o uso das histórias em quadrinhos⁸⁴.

⁸³ VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na Educação:** da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2018. p. 10-12.

⁸⁴ *Ibid.*, p.37.

Em 2006, os quadrinhos foram inseridos na lista de obras que seriam adquiridas pelo Governo Federal no âmbito do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), programa que vigorou entre os anos de 1997 e 2014, visando abastecer bibliotecas de escolas públicas em todo o país. A escolha das obras se deu por meio do edital de licitação, que não definia os critérios de seleção, mas considerava os quadrinhos como um gênero literário⁸⁵. Dessa forma, as HQs estavam sendo interpretadas como uma forma de literatura introdutória, algo como um estímulo à leitura, visando a construção de leitores que terão a capacidade de ler e compreender os clássicos. Essa é uma visão limitada sobre os quadrinhos, como também sobre a leitura.

Esse olhar acerca das HQs enquanto uma literatura introdutória se evidencia por meio das obras escolhidas; além da existência de obras originais de quadrinistas autorais, havia, também, obras de adaptações de clássicos da literatura, que poderiam ser disponibilizadas em suas versões originais, cedendo espaço para outras HQs na lista do PNBE.

Podemos considerar que a inserção das HQs no PNBE possibilitou, mas não democratizou o acesso para alunas e alunos a essa linguagem, pois o simples fato de essas obras estarem nas bibliotecas escolares não garante necessariamente que elas serão lidas. É necessário que haja um trabalho por parte do corpo docente para que estudantes desejem ler um quadrinho, que entendam a linguagem, que consigam associar o que está contido na HQ e o que se propõe em sala de aula. Isso não acontece de forma automática, é imprescindível que professoras e professores planejem adequadamente o uso de quadrinhos, a fim de que não se tornem somente mais um recurso ilustrativo das aulas.

Porém, mesmo com esses problemas apontados, o fato de as bibliotecas escolares receberem exemplares de quadrinhos em seu acervo estimulou o mercado editorial brasileiro a produzir novas obras, expandindo, em consequência, o número de quadrinistas e temas abordados, permitindo que essa linguagem passasse a ser valorizada enquanto um recurso educacional em sala de aula. Da mesma forma, o fato de os quadrinhos se tornarem recursos didáticos que ganham espaço cada vez maior nas escolas brasileiras fez com

⁸⁵ *Ibid.*, p.17.

que a academia passasse a olhar para eles com outros olhos; tornaram-se objeto de estudos para além da comunicação social, área pioneira nas pesquisas sobre essa linguagem no Brasil⁸⁶.

Nos campos da educação e da história, os quadrinhos passaram a figurar como objeto de estudo, tanto como recursos didáticos ou fontes históricas, um sinal de que a forma como pesquisadoras e pesquisadores olham para essa linguagem vem mudando ao longo do tempo. Na intersecção dessas duas áreas do conhecimento, o campo do Ensino de História mostra-se um espaço ideal para que os quadrinhos sejam estudados, pois é possível que os compreendamos em muitas de suas dimensões, a partir dos parâmetros que compõem esse campo.

O Ensino de História pode ser considerado uma área de fronteira entre a educação e a história, com um saber próprio, porém, intimamente relacionado aos dois últimos, pois é necessário.

considerá-lo como lugar de encontros, diálogos, mas, também, de marcação de diferenças, onde se pode produzir um distanciamento entre culturas que entram em contato, nos chamou a atenção o fato de compreender que estavam em jogo questões de ordem epistemológica assim como, igualmente, culturais e políticas. Disputas entre campos teóricos nos quais grupos se posicionam em busca de hegemonia nas respectivas áreas de atuação⁸⁷.

Por ser uma área de fronteira, o Ensino de História apresenta características próprias, que se relacionam com os saberes da Educação e da História, mas, ao mesmo tempo, não se enquadra totalmente em nenhuma delas. Por isso, é considerado um campo em separado e, dessa forma, o modo como os conceitos são utilizados também se apresentarão de uma forma específica.

De modo geral, as pesquisas que têm como objeto o ensino de história e utilizam os referenciais oriundos da história ou da educação, deixam de fora reflexões teóricas importantes, seja sobre a especificidade da prática pedagógica, seja sobre a especificidade da disciplina ensinada – a história. Por isso, defendemos que a pesquisa sobre o ensino de

⁸⁶ VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. **Os Pioneiros no Estudo de Quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Criativo, 2013.

⁸⁷ MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. **Educação & Realidade**, [S. I.], v. 36, n. 1, p.191-211, 2011. p. 206.

história constitui-se em lugar de fronteira no qual se busca articular, prioritariamente, as contribuições desses dois campos, essenciais para se problematizar o objeto em questão⁸⁸.

Justamente por ser uma área de fronteira, onde, de certa forma, os limites se tornam menos precisos, que a perspectiva do Ensino de História nos possibilita, enquanto pesquisadores dessa área fronteiriça, elaborar análises sobre nossos objetos de estudo, como o olhar interseccional, mas não só com aquilo que é comum ao campo da Educação e da História, mas também às particularidades do nosso campo.

Isso é dizer que os quadrinhos, além de recursos didáticos e fontes históricas, também são, como a cultura visual nos explica, sujeitos da dinâmica social em que surgiram, tanto nos contextos em que foram produzidos e circularam, como também nos espaços em que foram inseridos, como, por exemplo, a sala de aula durante uma aula de História.

O programa de mestrado profissional em Ensino de História, desde o seu início, deu lugar ao desenvolvimento de trabalhos que utilizam quadrinhos enquanto objetos de estudo e/ou produtos educacionais. Entre os anos de 2016 e 2023, segundo o banco de dados de teses e dissertações da CAPES, 41 pesquisas contemplaram as HQs como tema e/ou recurso didático. O objetivo aqui é fazer um levantamento das pesquisas que associaram as HQs às questões de caráter racial, sejam elas relacionadas à discussão sobre o racismo ou sobre a história da África, da Ásia e das sociedades indígenas no Brasil.

Dessas 41 pesquisas, 11 se inserem nesse escopo, ou seja, à semelhança da presente dissertação, um estudo sobre questões raciais, focalizando em como os quadrinhos podem contribuir para uma discussão em sala de aula a respeito da manutenção de signos da branquitude, por meio da construção e circulação de imagens como mais uma forma de perpetuação de privilégios.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 192.

Quadro 1: Dissertações do Profhistória – Quadrinhos/Questões raciais

Nº	AUTOR(A)	IES	DATA	TÍTULO
1	Ferreira, Luciano dos Santos	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	2018	HQ caminhos e descaminhos de uma escrava: da África a Sergipe
2	Veloso, Roberta Marcelino	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	2018	Imagens de uma escrava rebelde: quadrinhos, raça e gênero no ensino de história
3	Bernardes, Anelice	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	2019	Educação das relações étnico-raciais, ensino de história da África e literatura africana: o Amkoullel, o menino fula, de Amadou Hampâté Bâ, nos anos finais do ensino fundamental
4	Silva, Renato Cavalcante da	Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	2020	Reflexões sobre a HQ do Pantera Negra e suas correlações entre o ensino e aprendizagem a respeito da história da África
5	Braga, Evandro Jose	Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)	2020	Leitura da HQ Angola Janga no ensino de história: uma reflexão sobre o racismo e a escravidão
6	Leal, Elenne Cleidiane do Socorro Chaves	Universidade Federal do Pará (UFPA)	2020	Quadrinhos no ensino de história: uma experiência para a discussão de racismo na educação básica
7	Koepsel, Daniel Fabricio	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2021	Timbó em quadrinhos: a HQ como potência narrativa sobre a presença lakiñõ/xokleng no ensino de história local de Timbó – SC
8	Silva, Severino Jaime da	Universidade de Pernambuco (UPE)	2022	Ensinando a história da resistência dos escravizados através de histórias em quadrinhos (HQs) sobre o Quilombo do Catucá
9	Santos, Lucas Bernardo dos	Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)	2022	Os 300 de Esparta” e “Holy Terror”: do orientalismo à experiência em sala de aula, a desconstrução do estereótipo árabe no ambiente escolar
10	Sousa, Marina de	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	2022	Narrativas palmarinhas: usando romance gráfico histórico (<i>graphic novel</i>) para ensinar relevância e perspectiva histórica em aulas de história
11	Mendes, Ivanilson Melo de	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	2023	Uma lei na “sarjeta”: a aplicação da 10.639/03 e as histórias em quadrinhos no ensino de história

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações CAPES e BD TD.

A primeira obra desta lista é a dissertação de Luciano dos Santos Ferreira⁸⁹, que apresenta uma discussão sobre a narração da história por meio de uma produção ficcional, que se embasa na realidade factual da escravidão brasileira. Nesse caso, essa narrativa ficcional é apresentada por meio de uma

⁸⁹ FERREIRA, Luciano dos Santos. **HQ caminhos e descaminhos de uma escrava da África a Sergipe**. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

HQ roteirizada pelo autor e desenhada por um artista contratado, que é o produto educacional apresentado ao programa.

Nesta dissertação, o autor não realiza um grande debate acerca dos quadrinhos, apenas uma apresentação da motivação que o levou à escolha dessa linguagem como suporte para seu produto e, também, uma breve discussão do caminho que as HQs percorreram, entre o menosprezo e a perseguição, até se tornarem objetos de estudo na academia. A forma como Ferreira elabora sua dissertação, por mais que o conceito de HQ esteja presente como um produto educacional, não realiza uma pesquisa sobre as HQs e nem elabora um debate sobre seu uso em sala de aula.

De forma semelhante, Roberta Marcelino Veloso⁹⁰ apresenta, em sua dissertação, uma HQ como produto educacional, baseada na história pessoal de uma mulher escravizada. Diferentemente de Ferreira, o trabalho de Veloso não se baseia em uma história ficcional, mas sim em uma obra historiográfica, que analisa um caso real relacionado à resistência à escravidão⁹¹.

A grande diferença desta dissertação em relação à anterior é uma elaboração acerca da história dos quadrinhos e a análise das imagens, utilizando a concepção da cultura visual, trazendo uma ótima discussão sobre a interseccionalidade entre gênero, classe e raça, pautada nos trabalhos de Patrícia Hill Collins. Dessa forma, a autora analisa a representação gráfica de personagens negras em HQs brasileiras desde os primórdios desta linguagem no país, apontando as formas estereotipadas como eram feitas.

Outro ponto importante deste trabalho é a discussão sobre os usos de HQs em sala de aula. A forma como uma obra de arte gráfica sequencial é encarada, seja como fonte histórica ou como recurso didático, determina o objetivo que se deve traçar no planejamento da aula, além de apontar problemas que podem existir em produções que tenham intenção de retratar períodos históricos de forma factual, ou que sejam adaptações de obras literárias, que

⁹⁰ VELOSO, Roberta M. **Imagens de uma escrava rebelde: quadrinhos, raça e gênero no Ensino de História**. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Campinas, 2018.

⁹¹ GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Caetana diz não: histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005.

buscam dar conta da totalidade do tema, ou que sejam quadrinhos, que simplesmente ilustrem um texto escrito anteriormente.

A dissertação de Anelice Bernardes⁹² sobre o livro “Amkoullé, o menino fula”, de Amadou Hampâté Bâ, não trata especificamente sobre quadrinhos, mas apresenta uma variedade de atividades para a interpretação do livro e propõe três formas de releitura da obra original, sendo uma delas a criação de uma HQ. Neste caso, as HQs não são contempladas enquanto objeto de estudo, mas se apresentam como uma possibilidade didática na discussão sobre a história da África, dos valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros.

O trabalho de Renato Cavalcante da Silva⁹³ faz uma interessante reflexão sobre como as HQs podem ser consideradas crônicas históricas, ou seja, por meio da observação de um fato ou de um processo histórico interpretado pelo olhar do cronista, no caso, pelo olhar do quadrinista, o tema abordado na obra se aproxima do leitor, devido à linguagem, que se aproxima de um diálogo.

Esse profissional da comunicação tem a habilidade de inovar as notícias já propagadas na sociedade e introduzir no leitor ou expectador uma nova concepção da informação. Pode até soar como desconexo, mas, essas habilidades são encontradas nos escritores das histórias em quadrinhos. Em suma, o quadrinista é um cronista que consegue desenhar a sua crítica ou sua reflexão conceitual da realidade.⁹⁴

Dessa forma, as HQs podem apresentar pontos de vista particulares sobre a realidade, como cita o autor, ao apresentar exemplos relacionados às histórias de super-heróis que retratam momentos históricos ou problemas específicos por meio de alegorias, entre eles, a criação do personagem Pantera Negra, que se encontra em um contexto das manifestações por direitos civis nos EUA na década de 1960.

⁹² BERNARDES, Anelice. *Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História da África e Literatura Africana: O Amkoullé, o menino fula, de Amadou Hampâté Bâ, nos anos finais do ensino fundamental*. 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

⁹³ SILVA, Renato Cavalcante da. *Reflexões sobre a HQ do Pantera Negra e suas correlações entre o ensino e aprendizagem a respeito da história da África*. 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 51.

Nesta dissertação, o autor encara os quadrinhos não só como um recurso didático, mas como uma produção cultural do seu tempo, imbuída de características inerentes ao contexto em que foi produzida e das percepções próprias do artista sobre o que se representa.

Evandro José Braga⁹⁵ discute o uso de quadrinhos nas aulas de História como forma de apresentar para alunas e alunos uma perspectiva histórica de um determinado período, nesse caso, por meio da obra “Angola Janga”, de Marcelo D’Salete. Segundo Braga, é um trabalho que dialoga com a historiografia, devido às pesquisas realizadas pelo autor, para que houvesse uma verossimilhança com a realidade e atendesse a uma perspectiva do próprio escravizado, ou seja, uma história contada pelo grupo oprimido, subalternizado.

Além de trazer reflexões acerca da obra de Marcelo D’Salete, Braga também discorre sobre o papel dos quadrinhos no Brasil a partir da década de 1950, como um material para crianças produzido por editoras que buscavam atender uma demanda de mercado, ao mesmo tempo em que defendiam uma ação de autocensura, com a intenção de agradar os setores conservadores da sociedade, publicando revistas com temas bíblicos, biografias de personagens históricos e adaptações de grandes obras literárias nacionais⁹⁶.

A dissertação de Elen Cleidiane Leal⁹⁷ traz uma conceituação do que são as HQs a partir de diversos pesquisadores do tema, além de um histórico do desenvolvimento desta linguagem e de como os quadrinhos passaram a ser utilizados em salas de aula. A autora propõe uma sequência didática, com o objetivo de discutir o racismo presente na sociedade brasileira, por meio da análise de um documento histórico, os quadrinhos da personagem negra Lamparina, criada pelo quadrinista J. Carlos em 1924⁹⁸.

Ao demonstrar como os traços e o perfil de comportamento da personagem a subalternizam aos demais personagens, que são brancos, a

⁹⁵ BRAGA, Evandro José. **Leitura da HQ Angola Janga no Ensino de História: Uma reflexão sobre o racismo e a escravidão**. 2020. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 82.

⁹⁷ LEAL, Elen Cleidiane do Socorro Chaves. **Quadrinhos no Ensino de História: uma experiência para a discussão de racismo na educação básica**. 2020. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2020.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 56.

autora procura discutir como representações de caráter racistas podem construir imaginários racistas, ou seja, como a divulgação de estereótipos podem contribuir para que concepções racistas se perpetuem na sociedade. Os quadrinhos, por serem produtos culturais, apresentam as concepções sobre a realidade do artista e, por consequência, do tempo e espaço em que vive.

A pesquisa de Daniel Fabricio Koepsel⁹⁹ apresenta uma discussão sobre história local e a produção de materiais didáticos, ao propor a criação de uma HQ sobre a presença indígena das etnias Iaklänõ/xokleng na região do Timbó, em Santa Catarina. O autor elabora uma reflexão sobre a representação de grupos subalternizados por grupos hegemônicos, problematizando a produção de uma HQ que retrata a fundação da cidade de Blumenau e apresenta a população indígena da região como se fossem selvagens.

Há uma busca pela conceituação do que é uma HQ e de como esse produto cultural pode se inserir em um espaço educacional, tanto como fonte documental ou como um recurso didático, como, por exemplo, a obra “D. João Carioca: a corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)”, de Lilia Moritz Schwarcz e do quadrinista Spacca, que foi elaborada a partir de uma profunda pesquisa histórica.

A proposta de Koepsel é apresentar uma HQ que leva em consideração a própria percepção da população indígena da região acerca dos problemas enfrentados e de sua história, ou seja, uma produção cultural sobre um determinado grupo que valoriza o que pensa sobre si; por mais que seja um olhar de fora, é um olhar direcionado pela perspectiva do subalternizado.

Severino Jaime da Silva¹⁰⁰ elabora uma discussão sobre como a utilização de outros meios para além do livro didático pode ampliar a percepção sobre um determinado tema, fazendo com que o público-alvo da ação possa construir um entendimento mais complexo sobre o assunto, no caso, um tema

⁹⁹ KOESEL, Daniel Fabricio. **Timbó em Quadrinhos: A HQ como potência narrativa sobre a presença Iaklänõ/xokleng no ensino de história local de Timbó.** 2021. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

¹⁰⁰ SILVA, Severino Jaime da. **Ensino a história da resistência dos escravizados através de Histórias em Quadrinhos (HQs) sobre o Quilombo de Catucá.** 2022. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, 2022.

relacionado à educação para as relações étnico-raciais, abordado por meio da história do Quilombo de Catucá, em Pernambuco.

O autor traça um interessante caminho por meio de análise bibliográfica de como os quadrinhos passaram de um produto cultural questionado e perseguido, para um elemento utilizado como recurso didático e fonte histórica em salas de aula. Ao apresentar este trajeto, Silva discorre sobre o Programa Nacional Biblioteca na Escola e a escolha de HQs que tratam sobre a história africana, afro-brasileira e questões raciais.

Outro importante apontamento do autor é como as produções culturais podem, em seu contexto, combater ou contribuir para o desenvolvimento de preconceitos e discriminações de todos os tipos.

Em uma sociedade que os variados espaços de poder são dominados pela cultura do branqueamento, as histórias em quadrinhos também irão disseminar o pensamento desse grupo, tendo em vista que a representatividade negra nesses ambientes, quando há, é muito pequena. Por esse e outros motivos, a imagem dos personagens negros nos variados espaços carrega em si uma série de preconceitos, onde na maioria das vezes são produzidos de forma estereotipada, a exemplo da personagem Lamparina das páginas de *O Tico-Tico*, produzido por J. Carlos que estreou em 1924, onde ela é representada com um aspecto animalesco, com os braços arrastados ao longo do corpo, aparentando um chimpanzé.¹⁰¹

Essa reflexão é muito pertinente para a presente dissertação, pois busco elaborar um raciocínio sobre como as HQs podem perpetuar ou combater os privilégios da branquitude e de como professoras e professores em sala de aula podem utilizar esses quadrinhos de forma crítica, mesmo que a obra não tenha sido pensada para essa finalidade.

A dissertação de Lucas Bernardo dos Santos¹⁰² traz uma discussão semelhante, sobre como produções culturais podem perpetuar concepções preconceituosas. O autor utiliza dois exemplos produzidos pelo quadrinista Frank Miller que, por meio dos seus traços e roteiro, apresenta uma visão sobre o Oriente profundamente estereotipada e preconceituosa. Santos se debruça

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 90.

¹⁰² SANTOS, Lucas Bernardo dos. "Os 300 de Esparta" e "Holly Terror": do orientalismo à experiência em sala de aula, a desconstrução do estereótipo árabe no ambiente escolar. 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.

sobre o conceito de orientalismo, desenvolvido pelo intelectual Edward Said, para demonstrar o mecanismo de construção de imaginário sobre uma cultura, algo que passa por um processo de generalização e mistificação do Outro.

Nesta dissertação, os quadrinhos são tratados como importantes fontes históricas, pois são analisados enquanto uma produção cultural imbuída das percepções do artista sobre a realidade. Isso diz respeito à forma como o artista comprehende o mundo em seu tempo, demonstrando não apenas suas concepções pessoais sobre um determinado assunto, mas as estruturas, conjunturas e condições em que foram produzidos.

Outro trabalho que aborda as HQs enquanto uma fonte histórica é a pesquisa de Marina de Sousa¹⁰³, que elabora sequências didáticas com a intenção de abordar conceitos importantes ao ensino de História, por meio da obra “Angola Janga”, de Marcelo D’Salete. Além desta proposta, a autora apresenta uma discussão sobre como indivíduos negros são caracterizados nas HQs brasileiras; o debate se estabelece acerca da forma como são desenhados, além da representatividade nas produções.

A figura do negro nas produções nacionais se faz presente, mas não correspondem à proporcionalidade das produções realizadas em um país com a maior parte da população negra, pois a visibilidade destinada nos quadrinhos é extremamente inferior. Outro aspecto é como são essas representações; o fato de negros estarem nessas obras desde a primeira publicação brasileira de quadrinhos, não significa que a sua aparição seja igualitária em fala ou protagonismo. Por isso, devemos analisar a trajetória da representação gráfica dos negros, relacionando com os aspectos sociais e culturais do nosso país.¹⁰⁴

Santos também discute o papel que os quadrinhos vêm ganhando enquanto recurso didático em sala de aula. O argumento gira em torno do raciocínio de que uma linguagem que compõe a experiência social de jovens pode contribuir fortemente para que o processo educativo ganhe relevância em seus percursos escolares.

¹⁰³ SANTOS, Marina. **Narrativas Palmarinas: usando romance gráfico histórico (Graphic Novel) para ensinar relevância e perspectiva histórica em aulas de História**. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 27.

O último trabalho listado não está disponível em nenhum banco de dados *online*; a única informação que é possível obter sobre a dissertação é o resumo disponível na Plataforma Sucupira. Segundo este texto, Ivanilson de Melo Mendes¹⁰⁵ considera os quadrinhos tanto fonte histórica como recurso didático; o trabalho apresenta uma proposta de ação que pretende encontrar a relação entre o ensino de História e as HQs na aplicação da Lei nº 10.639/2003.

Ao analisar essas dissertações, o que fica evidente é a concepção que prevalece entre a maioria das autoras e autores de que quadrinhos são fontes históricas e que, com isso, são potenciais recursos didáticos, que podem ser utilizados em sala de aula para alcançar os objetivos traçados na prática do ensino de História. Essa concepção passa pelo entendimento de que as HQs são produções culturais vinculadas ao seu tempo e, por isso, possibilitam análises que ultrapassam os limites das intenções evidentes do artista, pois, enquanto imagem, a partir de sua produção, os impactos que pode causar na sociedade em que está inserida saem do controle de quem a produziu.

Dessa forma, a presente dissertação procura analisar HQs brasileiras enquanto fontes históricas, buscando indícios de como a branquitude afeta a sociedade e sua produção artística. Ao realizar esta análise, o objetivo é perceber como os quadrinhos podem se constituir enquanto uma importante ferramenta na prática antirracista em sala de aula, pois, para que haja uma efetiva ação nesse sentido, é necessária uma profunda compreensão das dinâmicas raciais presentes em nosso contexto.

Para que tenhamos uma percepção mais ampla sobre o tema, é necessário ter em vista uma série de elementos que constituem mecanismos de análise desses quadrinhos, compreender como personagens não brancos são retratados graficamente, como se dão as relações entre personagens brancos e não brancos dentro dos roteiros, as ambientações dos espaços ocupados por personagens não brancos e a contraposição aos personagens brancos e os contextos em que esses quadrinhos foram produzidos. O segundo capítulo persegue estas questões, ao analisar quadrinhos de grande circulação com

¹⁰⁵ MENDES, Ivanilson de Melo. **Uma lei na “sarjeta”: a aplicação da 10.639/03 e as histórias em quadrinhos no ensino de história.** 2023. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

personagens famosos, que povoam o imaginário de jovens e adultos por gerações a fio.

CAPÍTULO 2 – HQ, RACISMO E ANTIRRACISMO

As formas como as HQs podem contribuir para a perpetuação ou o combate aos estereótipos passa pela compreensão de como artefatos culturais representam estruturas de uma determinada sociedade. Nesse sentido, é importante entendermos como a cultura se molda às estruturas da sociedade, ao mesmo tempo em que pode interferir nessas questões.

Compreender o conceito de cultura implica entender as bases em que ela se desenvolve, os modos de produção que estabelecem os modelos sociais e definem as variadas formas em que se apresenta. Raymond Williams afirma que, para se compreender as questões culturais, é necessário encarar a “Base” como algo dinâmico, e não inerte e uniforme, ou seja, analisar a “Base” enquanto “um modo de produção em um determinado estágio do seu desenvolvimento”¹⁰⁶.

Se a “Base” não é estática, dada a sua característica dinâmica no desenvolvimento das forças produtivas, a superestrutura¹⁰⁷ que deriva dela também não será, as formas em que se apresentam os elementos dessa sociedade serão também dinâmicas. A cultura é um elemento dessa superestrutura e, como tal, se definirá por meio da “Base”, ou seja, pelos modos de produção, que não são condições abstratas e involuntárias, pelo contrário, são definidas intencionalmente por um grupo específico dessa sociedade, a classe dominante, que estabelece uma determinada organização que impactará diretamente em todas as formas de relacionamento do coletivo ou do indivíduo com a realidade.

Porém, é necessário compreender o que dá sentido a essa realidade. Por mais que a superestrutura seja um conjunto de constructos definidos pela base, determinando a forma como a sociedade se estabelece perante a ideologia da classe dominante, ela se apresenta de forma abstrata quando considerada apenas como um conjunto de valores e hábitos sociais, políticos e culturais

¹⁰⁶ WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 46.

¹⁰⁷ Para Karl Marx, superestrutura são as formas pelas quais as ideias da classe dominante se apresentam de maneira concreta na realidade, pois, por controlarem os meios de produção material, também possuem os meios de produção espiritual, ou seja, “as ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação.” MARX, Karl; ENGELS, Fredrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 46.

manipulados por quem detém os meios de produção, a fim de perpetuar-se no controle e que, sem a concretude da vivência, da experiência social, poderia ser facilmente removida¹⁰⁸.

Para que essa ideologia dominante se constitua na realidade objetiva de uma sociedade, é necessário que se estabeleça enquanto hegemonia, adaptando-se às mudanças, e continuar impondo um sistema central de práticas que interessa à classe dominante. Raymond Williams acredita ser fundamental compreender o conceito de hegemonia para que se faça boas análises marxistas culturais, pois, somente com a compreensão de como um sistema central de práticas sociais – que se molda de acordo com cada período histórico – consegue se incorporar em determinada sociedade, poderemos entender as formas de dominação presentes nela, para além do uso da violência.

Nesse sentido, mesmo com a extrema dificuldade em se desviar de um discurso hegemônico, ao analisarmos com um olhar cuidadoso a nossa sociedade, podemos perceber que há muitos exemplos de resistência; em muitos aspectos da vida social, notamos propostas de existência diferentes daqueles determinados pela classe dominante. Ao articular formas de resistência em sala de aula com a utilização de quadrinhos, questionamos modelos estabelecidos, no caso, modelos vinculados à branquitude. Para isso, é preciso desenvolver um percurso de como as HQs, principalmente aquelas produzidas por grandes editoras e de grande circulação, contribuíram para a construção de um imaginário racista sobre grupos de pessoas não brancas.

2.1 – A representação do Outro

Representar ou narrar o Outro sempre informa mais sobre como quem realiza a narração se enxerga do que sobre quem é narrado, pois diz respeito aos aparatos intelectuais utilizados para interpretar o Outro, ou seja, os preconceitos e concepções formados *a priori*, que servirão de base para se “ler/ver” o Outro.

A necessidade de transformar o escravizado numa espécie estrangeira parece ser uma tentativa desesperada de confirmar a si

¹⁰⁸ WILLIAMS, *op. cit.*, p. 51-52.

mesmo como normal. A urgência em distinguir entre quem pertence à raça humana e quem decididamente não é humano é tão potente que o foco se desloca e mira não o objeto da degradação, mas seu criador¹⁰⁹

Essa necessidade de transformar o Outro em algo inferior, exótico, relacionando seus conhecimentos ao campo do misticismo, é uma forma de se reafirmar como oriundo de uma civilização racional e lógica; é um mecanismo de dominação, uma ferramenta que se baseia no processo de subalternização do indivíduo dominado, por meio da construção de uma imagem de controle¹¹⁰, que lhe atribui uma característica, como se fosse algo inerente ao indivíduo em decorrência da cor de sua pele, sua origem ou religião.

As imagens de controle não servem apenas para enquadrar o Outro em uma posição de subalternidade, mas para construir a ideia de superioridade de quem as elabora, ao se atribuir uma certa habilidade, como ser inteligente, racional, educado, simplesmente por ser branco e oriundo de um território e cultura ocidental. Essa imagem, mesmo que falsa, avaliza esse indivíduo ou grupo a se impor sobre o Outro subalternizado.

Umas das formas de propagar essas imagens de controle é por meio da arte, seja pela literatura, pelo cinema ou pela arte gráfica, como os quadrinhos. A descrição do Outro serve para que se estabeleça uma distinção entre quem narra e o narrado, obviamente isso se dá quando o criador não pertence ao grupo em questão; essa distinção sempre vem carregada de intenções, que podem ser frutos de decisões políticas em grande escala, como, por exemplo, o fortalecimento do poder em uma empreitada colonial, ou de percepções preconceituosas do artista que busca justificar seu ponto de vista sobre a realidade.

Uma consequência dessa ação está no fato de que pessoas semelhantes ao Outro narrado, mas que não compartilham todos os aspectos físicos e

¹⁰⁹ MORRISON, Toni. **A Origem dos Outros**: Seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 54.

¹¹⁰ “As imagens de controle são a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes, com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder.” RIBEIRO, Winnie. **Imagens de Controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 73.

culturais relacionados, são induzidas a considerá-los como pessoas ao mesmo tempo próximas e muito distantes, estrangeiros, como aponta Toni Morrison.

Embora a sonoridade do nome África fosse bela, ela vinha carregada de complicadas emoções às quais ele estava associado. Ao contrário da faminta China, a África era ao mesmo tempo nossa e deles, intimamente conectada a nós e profundamente estrangeira. Uma vasta e necessitada terra-mãe à qual se dizia que pertencíamos, mas que nenhum de nós jamais vira ou quisera ver, habitada por pessoas com as quais mantínhamos uma delicada relação de ignorância e indiferença, e com as quais compartilhávamos uma mesma mitologia de Outremização passiva e traumática cultivada em livros escolares, filmes, quadrinhos, e nos palavrões hostis que as crianças aprendem a amar¹¹¹.

Em um exemplo prático, a forma como personagens africanos são retratados, organizados em tribos, vestindo peles de animais e portando escudos de couro e longas lanças, certamente não representa a realidade de um jovem negro de qualquer cidade estadunidense ou brasileira.

A imagem a seguir apresenta um quadro da história escrita e desenhada por Jack Kirby em 1978, onde o personagem principal enfrenta um grupo inimigo caracterizado como o autor estadunidense imagina que seria uma tribo divergente dentro do Reino de Wakanda, uma mistura de imagens atreladas a um ambiente selvagem, com elementos culturais africanos compondo um cenário caótico.

¹¹¹ MORRISON. *op. cit.* p. 131.

Figura 4: Imageria selvagem construída sobre uma sociedade africana



Fonte: BLACK PANTHER, v. 1, n. 8. Nova York: Marvel Comics, 1978. Disponível em: <https://readallcomics.com/black-panther-v1-008-1978/>. Acesso em: 14 maio 2024.

Para Edward Said¹¹², a estrutura de uma narrativa deve ser vinculada às ideias, conceitos e experiências em que ela se baseia, ou seja, ao conjunto de conhecimentos produzidos pela sociedade da qual o narrador faz parte e que foi, em alguma medida, incorporado por ele. O autor sustenta essa ideia ao analisar o livro “Coração das Trevas”, de Joseph Conrad.

As impressões de Conrad sobre a África são inevitavelmente influenciadas pelo que se sabia e se escrevia sobre a África, o que ele menciona em *A personal record* (Um registro pessoal); o que ele oferece em *Coração das Trevas* é o resultado de suas impressões daqueles textos interagindo de maneira criativa, junto com as exigências e convenções narrativas e seu próprio talento e história pessoal. Dizer que essa mistura extremamente rica “reflete” a África, ou mesmo que reflete uma experiência da África, é um tanto fraco e certamente enganador. O que temos em *Coração das Trevas* – obra de imensa influência, tendo gerado muitas leituras e imagens – é uma África politizada, ideologicamente saturada que, para alguns objetivos e finalidades, era o lugar imperializado, com esses múltiplos interesses e ideias furiosamente em ação, e não um simples “reflexo” fotográfico literário.¹¹³

¹¹² SAID, Edward. W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.124

¹¹³ *Ibid.*, p. 124-125.

O trecho “e não um simples ‘reflexo’ fotográfico e literário” resume o que busco demonstrar ao analisar quadrinhos que podem ser ou são considerados racistas. A representação de uma população não branca em uma obra de quadrinhos, muitas vezes, parte da percepção do artista sobre essa população, construída de muitas formas, seja por meio do que se escreve sobre ela, das informações mais difundidas, da seleção de imagens que são divulgadas, das estatísticas minuciosamente escolhidas para justificar um ponto de vista, ou seja, por um olhar carregado de intencionalidades.

Perceber essas intenções nos faz entender um significado por vezes oculto em uma obra de arte, sob qual projeto político e ideológico está sedimentada a produção do artista, mesmo que isso não fique evidente para o próprio. Mas, sendo o artefato cultural fruto de um determinado tempo e sociedade, contribui para a manutenção e fortalecimento desse mesmo projeto. Dessa forma, há uma conexão entre a sociedade e o artefato cultural, que se alimentam mutuamente.

Não estou pretendendo dizer que o romance – ou a cultura em sentido amplo – “causou” o imperialismo, e sim que o romance, como artefato cultural da sociedade burguesa, e o imperialismo são inconcebíveis separadamente.¹¹⁴

Obviamente, não podemos simplesmente comparar um romance com um quadrinho sem nos preocuparmos com suas particularidades. A análise de Said trata de grandes romances europeus relacionados aos territórios coloniais e transpor para as HQs seria, no mínimo, temerário. Porém, o que me apropria aqui é a concepção de que um quadrinho, como um romance, é um artefato cultural inserido em um determinado contexto e, portanto, influencia e é influenciado pela sociedade que pertence.

Um dos mecanismos contidos nesse processo narrativo sobre o Outro é a capacidade de defini-lo como um todo homogêneo, um grupo onde as características individuais não são importantes, ou seja, sem a preocupação de construir personagens que possuem histórias, relações familiares, percepções

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 129.

sobre a realidade, posicionamento político ou religioso. A ideia é descrever apenas mais um elemento genérico de uma massa amorfa, normalmente bestializada perante o indivíduo branco.

Figura 5: Super-Homem sendo atacado por pessoas famintas ao levar mantimentos para elas



Fonte: ROSS, Alex; DINI, Paul. *Super-Homem: Paz na Terra*. São Paulo: Panini Comics, 2004. Acervo particular.

No quadrinho “Super-Homem: Paz na Terra”, de Paul Dini e Alex Ross, os autores retratam o personagem principal como um salvador, alguém que possui poderes especiais e, por isso, conseguiria resolver os problemas do mundo, ou pelo menos é o que ele achava que poderia fazer. Na imagem em questão, vemos o personagem Super-Homem sendo cercado por um grupo de pessoas, aparentemente famintas, que o ataca e o faz fugir, enquanto essas pessoas começam a carregar as caixas que ele havia trazido.

Importante perceber que quase nenhuma dessas pessoas tem seus rostos desenhados, não há particularidades nas roupas, todas possuem o mesmo tom de pele, o ambiente é árido e parecem buscar a salvação na figura de um homem branco. Essa imagem é a ideia que os autores da obra têm sobre uma situação de vulnerabilidade humana, ela é fruto de um conjunto de outras imagens e relatos sobre o tema, muito provavelmente produzidos pelo Ocidente,

ao noticiar e tentar explicar os motivos que levaram a essa situação, ou seja, assim como Joseph Conrad faz ao descrever a África, Paul Dini e Alex Ross o fazem a partir de tudo aquilo que se produziu, e provavelmente tiveram acesso, sobre a realidade em questão.

Toni Morrison faz uma importante reflexão sobre a busca por narrar o Outro como um estrangeiro, de construir uma imagem de selvageria acerca do indivíduo subalternizado, no caso, escravizado. Para a autora, esse processo de desumanização do Outro por meio da violência e da construção de uma imagem selvagem acaba por descrever quem pune, e não quem sofre a punição.¹¹⁵ O prazer em causar o sofrimento naqueles considerados inferiores, a ira extravasada por meio da punição física e a sensação de poder ao ter a vida dessas pessoas em suas mãos não é, em nenhuma hipótese, sinal de racionalidade ou civilidade do dominador.

No processo de construção do Outro, a linguagem e a imagem possuem papéis fundamentais.

A linguagem (dizer, escutar, ler) pode incentivar, ou mesmo exigir a entrega, a eliminação das distâncias que nos separam, sejam elas continentais ou apenas um mesmo travesseiro, sejam distâncias de cultura ou as distinções e indistinções de idade ou gênero, sejam elas consequências da invenção social ou da biologia. A imagem rege cada vez mais o reino da fabricação, às vezes se transformando em conhecimento, outras vezes contaminando-o. Ao provocar a linguagem ou eclipsá-la, uma imagem pode determinar não apenas o que sabemos e sentimos, mas também o que acreditamos que vale a pena saber sobre o que sentimos.

Esse dois deuses menores, linguagem e imagem, alimentam e formam a experiência.¹¹⁶

O que se percebe, então, é a potência que a junção de linguagem verbal e imagem possui na construção do Outro, uma vez que essa junção possibilita a elaboração da experiência do indivíduo sobre esse Outro. Dessa forma, a questão que se coloca nesse ponto é como o Outro será narrado, como um estrangeiro, distinto daquilo que nos é conhecido e validado como nosso, distante do que consideramos razoável, ou narrado como alguém que, mesmo nas muitas diferenças, compartilha de muitos aspectos de nós mesmos.

¹¹⁵ Morrison. *op. cit.*, p. 53.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 61-2.

Ao pensarmos que esses artefatos culturais podem estar presentes na escola, sendo utilizados em uma sala de aula, é importante refletirmos sobre como a narração sobre o Outro se dá, pois, mesmo que de forma não intencional, sem uma leitura cuidadosa dessas obras, podemos perpetuar estereótipos sobre um determinado grupo de pessoas. Nesse sentido, Nurit Peled-Elhanan demonstra como os livros didáticos israelenses apresentam o povo palestino de forma a construir uma percepção de perigo, como um problema que deve ser resolvido de forma definitiva.

Transformar seres humanos em abstrações (“problemas”) e descrevê-los por estereótipos degradantes, como veremos nos livros escolares israelenses, leva à conclusão racional de que esse “incômodo” ou ameaça deveria ser distanciado ou confinado no interior de limites estreitos.¹¹⁷

Nesse caso, a perpetuação dos estereótipos acontece de forma intencional; há um projeto político que sustenta a criação de materiais didáticos israelenses que buscam elaborar uma imagem negativa sobre os povos árabes, principalmente os palestinos.

Sendo documentos que associam textos e imagens, podemos traçar um paralelo com os quadrinhos, obviamente levando em consideração toda a diferença de finalidade e da linguagem utilizada. Ao pensarmos em como um texto pode desumanizar ao relatar mortes de palestinos apenas por estimativas, caracterizando-as como pessoas sem rostos, sem nomes, sem história, há uma evidente intenção de desumanização. Enquanto isso, as mortes de israelenses são apresentadas como grandes tragédias, trazendo números detalhados, quantos eram militares, quantos eram civis, ou seja, é uma aproximação entre o leitor e as vítimas¹¹⁸. As imagens seguem a mesma lógica, Peled-Elhanan, citando os estudos de Theo van Leeuwen, aponta cinco estratégias para representar pessoas como os Outros.

- 1) A estratégia da exclusão: simplesmente não representar as pessoas em contextos em que elas estão presentes na realidade;

¹¹⁷ PELED-ELHANAN, Nurit. **Ideologia e Propaganda na Educação:** a palestina nos livros didáticos israelenses. São Paulo: Boitempo; Editora Unifesp, 2019. p. 18.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 100.

- 2) Retratar as pessoas como agentes de atos que são comumente ligados a pouco apreço ou considerados subservientes, pervertidos, criminosos ou maus;
- 3) Apresentar pessoas enquanto grupos homogêneos, negando-lhes características e diferenças individuais;
- 4) A estratégia das conotações culturais negativas;
- 5) A estratégia da estereotipia racial negativa.¹¹⁹

Essas cinco estratégias criam a imagem definitiva do Outro, um modelo imaginário que atende uma expectativa específica do grupo que precisa incutir no imaginário da população que o estrangeiro é perigoso, que precisa ser vigiado e contido antes que cometa algum tipo de maldade. Esse mecanismo nada mais é do que uma forma de estabelecer e manter uma estrutura de poder em uma sociedade.

Essas estratégias podem ser encontradas em qualquer artefato cultural que, por muitas vezes, respondem às demandas dos grupos dominantes que intencionam a perpetuação dos estereótipos, como podemos observar em diversas HQs.

2.2 – HQs racistas e algumas resistências

Os trabalhos que tratam do tema racismo e quadrinhos tornaram-se mais frequentes nos últimos tempos, como, por exemplo, as onze dissertações apresentadas no capítulo anterior, que estão no âmbito do programa de mestrado profissional em Ensino de História. Nos programas de pós-graduação em História, também encontraremos um número considerável de pesquisas, porém, essa temática não se limita apenas a esse campo do conhecimento, muito pelo contrário, esse tema ocupa um espaço cada vez maior nas propostas de trabalho em diversos campos. Isso se justifica tanto pelo fato de que o tema racismo vem ganhando uma importância gigantesca na academia, como também pela crescente valorização dos quadrinhos enquanto um objeto de estudo.

Nesse ponto, um trabalho que se tornou referência para essas pesquisas é a tese de doutorado, posteriormente publicada em livro, de Nobuyoshi Chinen¹²⁰. A pesquisa realizada pelo autor no campo da comunicação social

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 105.

¹²⁰ CHINEN, Nobu. **O negro nos quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2019.

apresenta um trabalho monumental de levantamento histórico de produções de humor gráfico do século XIX até os quadrinhos do século XXI que possuem personagens negros em suas histórias, ou seja, um levantamento que compreende todo o período de produção dessa linguagem no Brasil.

Compilando muitos exemplos de revistas e personagens, o objetivo de Chinen é demonstrar como a representação de personagens negros nos quadrinhos brasileiros seguia uma tônica racista. Mas o autor também aponta exemplos de resistência a esse modelo, principalmente com um acréscimo ao texto original da tese para a publicação do livro. Nesse acréscimo, Chinen apresenta produções posteriores a 2011, quando, segundo o autor:

os quadrinhos independentes ganharam um forte impulso o que propiciou o surgimento de histórias autorais e focadas em temas pelos quais as editoras têm pouco interesse ou nos quais não ousam investir, seja por questões comerciais ou temáticas. Muitos trabalhos voltados a questão de gênero, etnia e direito das minorias começam a conquistar espaço, revelando segmentos de público que até então não eram atendidos.¹²¹

Essa produção autoral vem ganhando força no mercado de quadrinhos, não apenas no Brasil, mas também em diversos países. Isso possibilita que muitos temas relegados ao esquecimento ou tratados de forma precária começem a aparecer para um público que antes não os percebiam ou não tinham a dimensão da importância do assunto.

Ao pensarmos em quadrinhos que abordam questões raciais de forma problemática, ou que simplesmente representam pessoas negras de forma estereotipada, o álbum “Tintim no Congo”, do quadrinista belga Hergé, é um exemplo conhecido, provavelmente o mais clássico de todos, de como um quadrinho pode representar pessoas de outras etnias de forma racista. O olhar colonialista do autor sobre o território do Congo e de sua população se apresenta em praticamente todos os aspectos da obra, nos traços dos personagens negros, que se assemelham muito às características do *blackface* estadunidense¹²², na

¹²¹ *Ibid.*, p.276.

¹²² O *blackface* foi desenvolvido nos EUA na década de 1840, para permitir que personagens negros fossem interpretados por atores brancos, sempre de forma estereotipada, ressaltando traços negativos que supostamente seriam características inerentes a essas pessoas, uma evidente percepção racista sobre a população negra do país.

postura de subserviência desses personagens aos personagens brancos, principalmente em relação ao protagonista Tintim. Este é o protótipo do homem europeu, superior a qualquer indivíduo daquele território, capaz de resolver todos os problemas, como substituir um professor de matemática ou lidar com animais típicos da região de uma forma melhor que a população local.

Além do conteúdo original evidentemente racista, a versão brasileira consegue aumentar o número de problemas. Um exemplo disso é a tradução das falas dos personagens negros para o português, como é demonstrado nas imagens abaixo.

Figura 6: Versões da mesma imagem na edição francesa e brasileira de “Tintim no Congo”



Fonte: HERGÉ. *Tintim no Congo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Acervo particular.

No original em francês, o ancião diz: “*Moi plus jamais y em verrai boulamatari comme Tintin!*”, que, traduzindo literalmente, seria algo como “Nunca mais verei um boulamatari como Tintin!”. Porém, podemos perceber que a tradução feita por Eduardo Brandão para a edição brasileira publicada pela Companhia das Letras insere falas estereotipadas típicas do imaginário nacional acerca de um ancião negro, fazendo referência a entidades comumente ligadas à umbanda, ao utilizar o termo “preto véio”, o que pode significar uma forma depreciativa ou de deferência, a depender de um determinado ponto de vista¹²³.

¹²³ REZENDE, L. L. A ética do amor nos pretos-velhos umbandistas. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 66, p. 451–505, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/47696>. Acesso em: 18 maio. 2024. p.459.

Na mesma fala, o termo “nhô” remete à forma como pessoas escravizadas se referiam aos seus senhores, um diminutivo de “sinhô”. Por mais que no texto original possamos perceber um aspecto muito forte de respeito a Tintin, somente na tradução brasileira aparece uma referência à submissão relacionada à escravidão.

Mas mesmo com todos esses problemas, segundo Alexandre Vargas Linck¹²⁴, a obra nos permite elaborar questionamentos, é um objeto de crítica enquanto um produto de uma determinada cultura, nesse caso, uma HQ belga sobre sua antiga colônia no Congo. É justamente esse olhar eurocêntrico que nos aponta um caminho interessante de crítica, que seria compreender a percepção inversa, como a população congolese enxerga essa obra, se a considera ofensiva ou a encara como um retrato das limitações da sociedade que a produziu.

Nesta dissertação, ao invés de apresentar uma trajetória da produção brasileira ou um amplo recorte da produção estrangeira de quadrinhos que se encaixam no perfil da produção de Hergé, escolho apresentar alguns aspectos dos quadrinhos que mais afetaram a minha infância e adolescência: as histórias de super-heróis dos EUA.

Os jovens da minha geração que, no início da década de 1990 tinham o hábito de ler quadrinhos, muito provavelmente liam as histórias de personagens das editoras Marvel Comics e DC Comics, as duas maiores de quadrinhos do mundo, que ocupavam uma grande fatia do mercado no Brasil. As histórias de super-heróis fascinavam e faziam com que aguardássemos as próximas edições para saber o que aconteceria a seguir, isso poderia durar meses, dependendo do tamanho do arco desenvolvido. Muitas vezes, a história se desenrolava por muitas edições, o que nos obrigava a comprar muitos títulos, para que pudéssemos acompanhar todos os atos.

Hoje é possível perceber que há um problema nesse formato, mesmo que o valor de cada revista neste período fosse relativamente baixo, acompanhar uma história que se desenrolava por muitas revistas diferentes se tornava

¹²⁴ LINCK VARGAS, Alexandre. **O passado sombrio de Tintim: e o que podemos aprender com isso.** Youtube. 02 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v2XO5x1wH9I>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

proibitivo para jovens de baixa renda; a saída era escolher uma ou duas edições e inferir o que aconteceu nas outras revistas por meio daquilo que se tinha em mãos. Um hábito que a leitura de quadrinhos desenvolve em grande parte de seus leitores é não nos contentarmos apenas em ler essas histórias, criamos a necessidade de colecionar, algo que faço até hoje e que me garante um considerável acervo para esta pesquisa.

Ao reler muitas dessas revistinhas, agora com o olhar crítico de um pesquisador, aquelas nuances dos roteiros e dos traços que passaram ao largo nas primeiras leituras, hoje se apresentam de forma bastante evidente, os posicionamentos políticos dos quadrinistas, seus preconceitos ao retratarem o Outro, escolhas editoriais sobre os temas que podem ser publicados e, para um olhar historiador, a percepção sobre o tempo e espaço em que esses quadrinhos foram produzidos.

Faço a escolha de começar analisando a produção de quadrinhos de super-heróis das editoras estadunidenses, justamente por serem as de maior popularidade no Brasil. Essa escolha se deve ao impacto que esses personagens tiveram no imaginário de muitas gerações e de como influenciam outros mercados, como o cinematográfico e o de licenciamento de produtos. É muito comum vermos jovens e adultos ostentando roupas e acessórios com estampas desses personagens, também presentes em materiais escolares, temas de festas infantis, desenhos animados, brinquedos, ou seja, são entidades presentes para onde quer que se olhe.

As origens de boa parte desses personagens se encontram nos EUA, no período que se habitua chamar de “era de ouro dos quadrinhos”, que tem como marco inicial o lançamento da revista “Action Comics #1”¹²⁵, em 1938, edição de estreia do personagem Super-Homem, considerado por muitos como o primeiro super-herói dos quadrinhos. Devido ao sucesso editorial do personagem, uma série de outros personagens começaram a ser criados: Batman, Namor e Tocha Humana em 1939; Lanterna Verde em 1940, Mulher Maravilha e Capitão América em 1941, para ficarmos apenas nos mais conhecidos. A partir desse momento, o universo desses personagens se expande, ou melhor, os universos se expandem, pois são grupos distintos, propriedades de editoras diferentes e

¹²⁵ MOREAU, Diego; MACHADO, Laluña. *op. cit.*, p. 152.

suas histórias não se interligavam, mas disputavam espaço nas bancas e nos gostos dos leitores.

O primeiro super-herói negro dessas grandes editoras foi o Pantera Negra, criado por Stan Lee e Jack Kirby em 1966, mesmo ano da criação do Partido dos Panteras Negras, em Oakland. Em 1969, Stan Lee e Gene Colan lançam o personagem Falcão, um parceiro do Capitão América, em 1972; seguindo a onda cinematográfica do Blaxploitation, Roy Thomas, Archie Goodwin e John Romita Sr. lançam o personagem Luke Cage, em 1975. A personagem mutante Tempestade é criada por Len Wein e Dave Cockrun, 1977 é a data de estreia de Raio Negro, primeiro personagem negro da DC Comics, elaborado por Tony Isabella e Trevor Von Eden; em 1980, Marv Wolfman e George Pérez apresentam ao público o personagem Cyborg; e a personagem Vixen aparece pela primeira vez em 1981, pelas mãos de Gerry Conway, Bob Oksner e Curt Swan¹²⁶.

Dois pontos são importantes nessa apresentação de criadores e criações: o primeiro é quem são esses criadores, todos homens brancos, com a exceção de Trevor Von Eden, que é um homem negro. Por mais que houvesse a preocupação de representar minorias oprimidas nos quadrinhos como forma de demonstrar algum tipo de apoio, como é o caso de Jack Kirby e Stan Lee, ambos judeus e que, de certa forma, também sofriam com o racismo, todos esses personagens são criações de uma indústria chefiada por pessoas brancas e com quadrinistas majoritariamente brancos. Assim, é a percepção dessas pessoas sobre a realidade que será responsável pela construção estética e pelo perfil de comportamento desses personagens.

O segundo aspecto importante a ser ressaltado é o plano de fundo de cada um desses personagens. Por mais que haja particularidades, as estruturas de seus poderes estão basicamente relacionadas a aspectos da natureza, sejam elementos climáticos ou características animais, o que remete a um descontrole animalesco, irracionalidade, ou a força imprevisível dos fenômenos naturais. Por

¹²⁶ LIBERATOR, Norberto. **A longa caminhada dos super-heróis negros.** 2020. Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/2020/09/06/a-longa-caminhada-dos-super-herois-negros/>. Acesso em: 09 maio 2024.

mais que haja personagens brancos com essas características, eles são minoria, em comparação com os personagens negros.

Dentro do mesmo aspecto, os contextos em que esses personagens se inserem também demonstram um certo preconceito de seus criadores. Todos estão envolvidos em uma narrativa vinculada às questões raciais, sejam elas relacionadas às origens e paisagens africanas, aos preconceitos sofridos por serem pessoas negras, ou suas áreas de atuação, que podem ser nas periferias das grandes cidades, campos de refugiados ou nas selvas africanas.

Essa perspectiva na qual personagens negros devem ser relacionados somente com esses temas, por mais que a intenção seja motivada por um pretenso engajamento social ao denunciar o racismo ou da construção de representatividade, se configura como uma prática racista, pois atribuir a esses personagens um lugar específico dentro das narrativas é configurá-los como secundários, pois somente nessas histórias é que eles detêm o protagonismo. É como se indivíduos negros, mesmo que fictícios, fossem os únicos que pudessem tratar de temas relacionados às questões raciais, e mais, semelhante à vida real, como se as pessoas negras só pudessem falar sobre isso, ignorando a especialidade do indivíduo e lhe atribuindo o papel de explicador das mazelas raciais.

Ao focalizarmos o mercado editorial brasileiro de revistas de super-heróis, observamos que as editoras fizeram a escolha de reunir várias edições que eram lançadas separadamente nos EUA em um compilado, com a intenção de reduzir custos e permitir que os consumidores pudessem ter acesso a várias publicações pelo preço de uma. Isso fez com que as edições brasileiras carregassem em seus títulos os nomes dos personagens mais famosos; em um país de maioria negra, nenhum deles era negro.

Não havia uma edição mensal do Pantera Negra ou do Falcão, suas histórias eram lançadas nas revistas do Capitão América, do Homem Aranha ou em edições onde eram publicadas histórias de personagens que não possuíam títulos próprios, como, por exemplo, a revista Superaventuras Marvel.

Figura 7: Capas das edições da Revista Superaventuras Marvel – Edições nº 4, 7, 12, 19, 49, 51 e 53



Fonte: Guia dos Quadrinhos. Disponível em:
<http://www.guiadosquadrinhos.com/capas/superaventuras-marvel/sam0301>. Acesso em:
 12 maio 2024.

Essa revista teve, ao todo, 176 edições entre julho de 1982 e fevereiro de 1997¹²⁷; dessas, somente sete edições tiveram em suas capas personagens negros em destaque. Essa lógica também se repetia com personagens de origens orientais, como, por exemplo, o Mestre do Kung Fu, que aparece com destaque em somente seis capas.

Figura 8: Capas das edições da Revista Superaventuras Marvel – Edições nº 21, 28, 33, 47 e 50



¹²⁷ GUIA DOS QUADRINHOS (Brasil). **Superaventuras Marvel/Abril**. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/capas/superaventuras-marvel/sam0301>. Acesso em: 12 maio 2024.



Fonte: Guia dos Quadrinhos. Disponível em:
<http://www.guiadosquadrinhos.com/capas/superaventuras-marvel/sam0301>. Acesso em:
 12 maio 2024.

Uma premissa na elaboração de boa parte dos personagens chineses e japoneses é que eles seriam mestres de alguma arte marcial. Entre estes super-heróis, podemos citar Karatê Kid, criado por Jim Shooter em 1966; Shang-Chi, o Mestre do Kung Fu, de 1973, criado por Steve Engelhart e Jim Starlin; e Katana, criada em 1983, por Mike W. Barr e Jim Amparo; todos os personagens menos conhecidos do grande público e que, da mesma forma que os negros, nunca tiveram edições mensais específicas com seus nomes.

Um exemplo que segue uma linha contrária aos apresentados até agora é o caso da Editora Milestone Media, fundada em 1993 por um coletivo de artistas afro-americanos: Dwayne McDuffie, Denys Cowan, Michael Davis e Derek Dingle. A ideia surge a partir do incômodo de não se verem representados nas revistas em quadrinhos, tanto quanto personagens como artistas¹²⁸.

Figura 9: Capas de edições da Editora Milestone Comics



Fonte: <https://indutalks.com.br/lista-5-editoras-que-a-dc-comprou/>. Acesso em: 12 maio 2024.

¹²⁸ PSIQUICO, Picareta. **Quadrinhos à frente de seu tempo – Milestone Media.** 2022. Disponível em: <https://quadrinheiros.com/2022/11/07/quadrinhos-a-frente-de-seu-tempo-milestone-media/>. Acesso em: 18 maio 2024.

Os criadores construíram um universo de super-heróis que dialogava justamente com as minorias não representadas nas HQs publicadas nos EUA. Além de personagens negros, havia também a preocupação de contemplar as comunidades de ascendência latina, chinesa e coreana, de tratar de temas como sexualidade, gênero e colorismo¹²⁹. A forma como os temas eram abordados também se configura em um diferencial da Editora: questões relacionadas à transexualidade e homossexualidade, por exemplo, eram discutidas com a profundidade necessária, para que não houvesse a possibilidade de reforçar estereótipos, ou de construir mistificações em torno dos personagens.

Reconhecendo a importância de ocupar espaços, essa Editora priorizou a contratação de artistas negros para contar histórias de personagens negros. Diferentemente dos primeiros super-heróis negros criados pelas grandes editoras Marvel Comics e DC Comics, a Milestone buscava narrar as histórias a partir das perspectivas de pessoas negras, e não de pessoas brancas que tinham suas percepções sobre o que é ser negro. Percebo que essa inversão gera desconforto em muitas pessoas brancas, que se atribuem a capacidade de narrar/desenhar sobre qualquer coisa e qualquer pessoa sem se preocuparem com a realidade de fato, baseando-se apenas em seu próprio conjunto de saberes: uma das facetas da branquitude.

2.3 – Estranho Oriente

O preconceito nos quadrinhos não se encontra apenas quando o tema é a população negra e os territórios africanos; qualquer região e população que não se enquadre nos parâmetros geográficos e étnicos eurocêntricos sofrerão algum tipo de caracterização estereotipada e, portanto, preconceituosa.

Um bom exemplo disso são as histórias do Dr. Estranho, da Marvel Comics, criado em 1963 pelo quadrinistas Stan Lee e Steve Ditko. Dr. Estranho é um personagem que se encontra dentro do núcleo místico da Editora, mas que, invariavelmente, participa das histórias de outros personagens. Resumidamente, Stephen Strange é um médico de muito sucesso, que sofre um acidente de carro e perde os movimentos finos de suas mãos, impossibilitando o exercício de sua

¹²⁹ *Ibid.*, n.p.

profissão. Em decadência, o médico procura todo tipo de solução para o seu problema, até se deparar com a informação de que havia um ancião detentor de um conhecimento milenar no Extremo Oriente e que ele poderia lhe ajudar.

Após uma longa jornada, em uma caverna no topo de uma montanha no Tibete, Strange encontra o ancião, que se recusa a curá-lo, mas propõe que ele se torne seu discípulo. Pulando alguns fatos irrelevantes para esse resumo, depois de sete anos de treinamento com o ancião, Stephen Strange torna-se o maior mago do planeta, passando a ser conhecido como Dr. Estranho, o mago supremo.

Obviamente, estamos falando de uma história ficcional e não precisamos cobrar nenhum tipo de lógica da realidade nela, mas o que chama a atenção é a excepcionalidade do indivíduo branco ocidental, que supera todas as expectativas e torna-se o discípulo mais habilidoso de uma arte que outras pessoas passam a vida para dominar. Há, na história, uma relação com a ideia de destino, como se Strange fosse o escolhido para assumir o manto de mago supremo, um indivíduo que pautou toda a sua vida como médico na racionalidade e na ciência.

O discurso imperialista defende que o Ocidente tem como dever moral levar a civilização para os povos considerados inferiores, uma espécie de iluminação para que adentrem nos domínios da razão e abandonem suas crenças e mitos. Aqui, podemos perceber um caminho contrário, é o ocidental que encontra iluminação nos conhecimentos do Oriente, mas que, devido à sua excepcionalidade, os domina com mais facilidade do que qualquer outra pessoa.

Aqui, dois pontos são importantes de ressaltar: o primeiro é a partir de qual raciocínio se constrói a imagem sobre o Oriente, como é a terra desses povos tão diferentes de nós e quais os fundamentos de seus conhecimentos. O segundo ponto é como o protagonismo branco em uma história que trata de temas de outras regiões pode influenciar na percepção de superioridade de um grupo sobre o outro, principalmente se tratando de um artefato cultural de grande circulação.

A construção da imagem do Oriente como uma terra cheia de mistérios, com segredos milenares, com perigos indescritíveis para uma mente

considerada racional é o estabelecimento de uma fronteira muito bem delimitada entre o “Nós” e os “Outros”.

Em outras palavras, essa prática universal de designar mentalmente um lugar familiar, que é “nossa” e um espaço familiar além do “nossa”, que é “o deles” é um modo de fazer distinções geográficas que *pode* ser inteiramente arbitrário. Uso a palavra “arbitrário” neste ponto, porque a geografia imaginativa da variedade “nossa terra – terra bárbara” não requer que os bárbaros reconheçam a distinção. Basta que “nós” tracemos as fronteiras em nossas mentes; “eles” se tornam “eles” de acordo com as demarcações, e tanto seu território como sua mentalidade são designados como diferentes dos “nossos”.¹³⁰

Estabelecer uma diferenciação geográfica faz parte do discurso colonialista, o território a ser conquistado é selvagem e inexplorado, quem mora ali não soube dominá-lo, isso se apresenta como uma justificativa para que o colonizador o ocupe e faça com que todo o seu potencial seja despertado.

Esse discurso não diz respeito somente às questões geográficas, mas também, e principalmente, às distinções entre os saberes de cada sociedade que, pela ótica do colonizador, são saberes menores, pautados pelo misticismo e pelos costumes selvagens daquela região. A narrativa sobre esse lugar está pronta, o Outro precisa ser construído como um bárbaro, por mais culto que ele pudesse ser, seu conhecimento nunca seria tão válido quanto os saberes de um ocidental.

É justamente nesse ponto, o conhecimento sobre o oculto, que foge completamente da racionalidade ocidental, que Dr. Estranho se encaixa. Seguindo o contexto da contracultura estadunidense dos anos 1960 que, em parte, buscava explicação para o mundo por meio do esoterismo e se afastando das premissas judaico-cristãs que fundamentavam a sociedade em que viviam, que os criadores do personagem perceberam a possibilidade de atingir esse público com histórias que valorizassem aqueles novos interesses.

Os desenhos de Steve Ditko priorizavam essa temática, as cores fortes, formas abstratas e elementos culturais do Oriente estavam presentes em quase todas as histórias do personagem. No conjunto, estes recursos eram uma forma

¹³⁰ SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.91.

de atingir um público que se interessava por esses elementos que influenciaram a arte psicodélica dos anos 1960 e 1970, como demonstram as imagens a seguir.

Figura 10: A psicodelia nas produções artísticas das décadas de 1960 e 1970 – Página da Edição 138 de “Strange Tales” e Capa da Revista Color



Fonte: Imagem 1 – Steve Ditko (1965); Imagem 2 – Victor Moscoso (1971).

Os anos 1960 e 1970 foram influenciados pelas ideias relacionadas à Nova Era, concepção de que o mundo estaria passando por uma mudança astrológica que resultaria em grandes alterações na forma como a humanidade se relaciona entre si e com a natureza. Essa concepção é fruto de uma confluência de saberes, que vão do ocultismo europeu e do transcendentalismo estadunidense, que buscavam conhecimento no discurso oriental, por meio do intercâmbio de gurus que tinham o Oriente como fonte de uma sabedoria mística e antiga¹³¹. Essa prática se relaciona muito mais com o que o indivíduo ocidental acredita ser o Oriente do que o Oriente de fato é.

O segundo ponto a ser ressaltado diz respeito à forma como um indivíduo branco é representado em uma narrativa que tem como plano de fundo conhecimentos de outros grupos sociais, neste caso, os saberes místicos do Oriente. O protagonismo branco figura como um aspecto da hegemonia que o

¹³¹ OLIVEIRA, Amurabi. NOVA ERA E NEW AGE POPULAR: as transformações nas religiões brasileiras. *Cad. de Pesq. Interdisc. em Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 12, n. 100, p. 65-85, jan/jul 2011. p. 69-70.

mundo ocidental construiu ao se estabelecer como modelo de humanidade, é a noção de que pessoas brancas possuem habilidades inatas que as fazem capazes de feitos que só seriam possíveis aos outros grupos depois de um processo muito longo de treinamento ou estudo.

Nas histórias narradas por pessoas brancas, o indivíduo branco tende a possuir um caráter de excepcionalidade, mesmo que isso seja atribuído, dentro da narrativa, por uma condição especial, como, por exemplo, uma profecia, ou o fato de ser o escolhido por algum poder fora da nossa compreensão. A definição de que uma pessoa branca, geralmente homem, apresente essas características, induz a um pensamento de que o grupo ao qual esse indivíduo pertence é de uma categoria superior de seres humanos. Podemos perceber essa lógica em muitos exemplos na produção cinematográfica ou no universo das HQs: um homem branco que consegue dominar uma arte e, sozinho, derrotar o grupo de estrangeiros selvagens. É o Ocidente determinando o Oriente e demonstrando o quanto é superior a ele.

Dentro da lógica do orientalismo como influência na criação de quadrinhos, duas produções do quadrinista Frank Miller são ótimos exemplos de como a perspectiva preconceituosa do artista pode construir imagens terrivelmente estereotipadas.

A obra “Os 300 de Esparta”, lançada em 1998, conta a famosa história do grupo de soldados do rei Leônidas que, em meio às Guerras Médicas, conseguiu segurar o imenso exército do rei Xerxes da Pérsia, em sua tentativa de conquistar a Grécia. Mesmo derrotados, os espartanos conseguiram atrasar a invasão e permitiram que as outras cidades gregas se organizassem para a guerra.

Figura 11: Discurso de Leônidas aos soldados espartanos – Exaltação à civilização grega



Fonte: MILLER, Frank; VARLEY, Lynn. *300 de Esparta*. São Paulo: Devir, 2007. Acervo particular.

O trecho apresentado na figura 11 traz um discurso dicotômico entre a civilização e a barbárie, atribuindo aos espartanos o domínio da razão, do respeito às leis e da justiça. Ao estabelecer essa dicotomia, Frank Miller constrói uma fronteira muito evidente do que é certo e do que é errado, mesmo que essa construção seja fruto da percepção pessoal do autor acerca do fato histórico narrado e também da conjuntura em que ele vivia.

Influenciado pela Guerra do Golfo, momento em que as relações entre Ocidente e Oriente se mostravam conturbadas, Miller construiu uma representação estereotipada da figura do oriental, longe de qualquer ingenuidade. Sistematicamente retratado como sujo, bárbaro, ignorante e inferior, tal leitura refletia a visão de mundo de seu autor em relação ao “outro”. Utilizando-se de um meio de veiculação tão capilarizado junto ao público jovem, além de encontrar solo fértil junto a uma parcela significativa do público leitor estadunidense, com forte tendência conservadora, essa obra tornou-se um sucesso desde seu lançamento¹³².

¹³² SANTOS. Lucas B. op. cit., p. 41.

Importante notar que a percepção do artista está vinculada ao conjunto de informações que circulava ao seu redor. Durante a Guerra do Golfo, houve uma grande campanha de destruição da imagem da população do Oriente Médio, construindo uma perspectiva de que essa guerra era um conflito entre a civilização e a barbárie¹³³. Essa ideia nunca deixou de existir nos EUA, influenciando fortemente o imaginário das pessoas acerca da população e do território em questão.

Edward Said aponta o quanto a produção de conhecimento está diretamente relacionada com o entorno de quem a produz, “os campos de estudo, tanto quanto as obras até do artista mais excêntrico, são restritos e influenciados pela sociedade, por tradições culturais, pela circunstância mundana e por influências estabilizadoras como as escolas”¹³⁴.

Dessa forma, Frank Miller é um indivíduo influenciado por essa lógica que, no caso, é expressiva do que Said chama de orientalismo, a construção de imagens do que o Ocidente acreditar ser o Oriente. Os desenhos grotescos ou os exércitos desorganizados da Pérsia se contrapunham à organização e disciplina do exército espartano, uma evidente construção da imagem do conflito entre o bárbaro e o civilizado, como demonstram as imagens a seguir.

Figura 12: Contraposição entre civilização e barbárie – Organização espartana contra a mixórdia persa



Fonte: MILLER, Frank; VARLEY, Lynn. *300 de Esparta*. São Paulo: Devir, 2007. Acervo particular.

Aqui, podemos observar um bom exemplo de como uma HQ pode influenciar o olhar sobre o Outro, levando em consideração o alcance dessa

¹³³ *Ibid.*, p. 42.

¹³⁴ SAID, 2007. p.274.

obra, por se tratar da produção de um dos maiores artistas do segmento nos EUA e reconhecido internacionalmente, além de ter ganhado uma adaptação cinematográfica em 2006. O impacto dessa HQ dificilmente pode ser mensurado, mas, inegavelmente, contribuiu para a construção de uma imagem sobre o Oriente, que é fruto de uma narrativa ocidental, influenciando a opinião pública sobre os povos daquela região.

Outra obra de Frank Miller que segue a mesma tônica é “Holy Terror”, de 2011, onde o quadrinista destila todo o seu preconceito contra os povos árabes na esteira xenofóbica decorrente dos ataques às torres gêmeas do World Trade Center em 2001. O medo que se difundiu na sociedade estadunidense após os atentados está presente na HQ.

Figura 13: O Outro como fonte de medo



Fonte: MILLER, Frank. *Holy Terror*. Nova Iorque: Legendary Comics, 2011. Disponível em: <https://readallcomics.com/frank-millers-holy-terror-tpb/>. Acesso em: 26 set. 2024.

O texto sombrio na caixa de narração e a imagem abalada do personagem Dan Donegal é uma demonstração desse medo, provavelmente uma alegoria sobre o sentimento do próprio autor, como afirma Santos.

A página reflete bem o pensamento é o próprio Frank Miller, um homem com medo, por isso todo esse ódio despejado sobre o islamismo, o 11 de setembro trouxe o medo para grande parte da população estadunidense, e o medo gera ódio, essa página é uma síntese do Miller do começo dos anos 2000.¹³⁵

A questão que se coloca não é a condenação da obra enquanto uma produção racista, ela é fruto de um tempo e de sua influência sobre as pessoas. Não queimemos livros, pois é importante perceber todos os problemas relacionados ao quadrinho, todas as nuances do roteiro, dos diálogos, dos traços e entender como essa obra pode servir justamente ao contrário de sua função original, que era construir uma imagem sobre os povos árabes como se fossem inerentemente maus, permitindo a desconstrução de preconceitos e a crítica aos estereótipos.

2.4 – Pantera Negra (Origem racista e atualização afrofuturista)

O personagem Pantera Negra pode ser considerado icônico em muitos aspectos. É o primeiro personagem negro das histórias de super-heróis e, entre esses, foi o que alcançou maior popularidade e transformou-se em um símbolo de empoderamento negro desde sua criação, especialmente após o lançamento de seu filme em 2018, pela Marvel Studios.

O filme tem uma relevância, não apenas por popularizar ainda mais um personagem negro, mas também por construir uma representatividade entre jovens negros que buscam nas produções culturais uma identificação que não tinham até então. Obviamente, é importante levar em consideração que se trata de um produto cultural elaborado por uma grande indústria de entretenimento, que tem como finalidade principal o lucro e busca atender e ampliar seu mercado consumidor. Porém, isso não diminui a importância da obra que suscitou uma série de debates em torno de temas como cultura africana, empoderamento negro e privilégio branco¹³⁶.

¹³⁵ SANTOS. Lucas B., *op. cit.*, p. 72.

¹³⁶ O filme Pantera Negra suscitou uma série de trabalhos acadêmicos em diversas áreas do conhecimento, além de um debate nos meios de comunicação, motivados tanto pelos elogios quanto pelas críticas à obra. Nas produções acadêmicas, é possível perceber uma série de artigos científicos e pesquisas de mestrado e doutorado nas áreas de Educação, História,

A introdução do personagem no universo cinematográfico da Marvel se deu em 2016, com a participação no filme “Capitão América – Guerra Civil”; no mesmo ano, a edição “Black Panther #1”, roteirizada por Ta-Nehisi Coates e desenhada por Brian Stelfreeze, alcançou a marca de 253 mil exemplares comercializados, o quadrinho mais vendido nos EUA em 2016¹³⁷. O volume de vendas pode ter relação com o filme, mas o principal motivo que levou o quadrinho ao topo das vendas foi a estreia de Coates como roteirista, um escritor afro-estadunidense com um grande impacto na discussão racial em seu país.¹³⁸

Há uma mudança crucial na forma como as histórias do Pantera Negra se desenvolvem na atualidade e de como se desenvolviam na sua origem. Esse processo de mudança pode ser interpretado como uma necessidade da editora em se inserir na discussão sobre a questão da representatividade e empoderamento negro, muito relacionada ao movimento Black Lives Matter¹³⁹, que se inicia em 2013 nos EUA. É importante percebermos como as características do personagem e das histórias se modificam ao longo do tempo, trazendo à tona não somente o Pantera Negra, mas toda a complexidade que envolve o plano de fundo em que está inserido, questões políticas internas e externas, relações sociais e de gênero, questionamento sobre as tradições etc.

Inicialmente, o personagem tem uma característica vinculada a uma percepção sobre os países do continente africano como se fossem indistintamente territórios tribais, onde as disputas pelo poder se dessem entre tribos ou clãs, por meio de combate físico entre os pretendentes ao trono. A caracterização da população local, portando lanças e vestindo peles de animais, é mais um elemento de como os ocidentais entendiam o que é a cultura africana,

Cinema, Comunicação, Estudos de Gênero, Sociologia, Antropologia entre outras, demonstrando o impacto do filme na sociedade e, consequentemente, na produção acadêmica.

¹³⁷ HESSEL, Marcelo. **Pantera Negra tem a HQ mais vendida do ano nos EUA**: resultado da primeira edição da nova série surpreende. 2016. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/vingadores/pantera-negra-tem-a-hq-mais-vendida-do-ano-nos-eua>. Acesso em: 25 maio 2024.

¹³⁸ QUIANGALA, Anne Caroline. **Ta-Nehisi Coates**: o homem por trás do Pantera Negra! 2018. Disponível em: <https://www.pretaenerd.com.br/2018/02/tanehisicoates.html>. Acesso em: 25 maio 2024.

¹³⁹ Movimento fundado em 2013, nos EUA, após a absolvição do assassino de um jovem negro. Esse movimento tem o objetivo de combater a supremacia branca e constituir um espaço seguro e digno para as pessoas negras na sociedade.

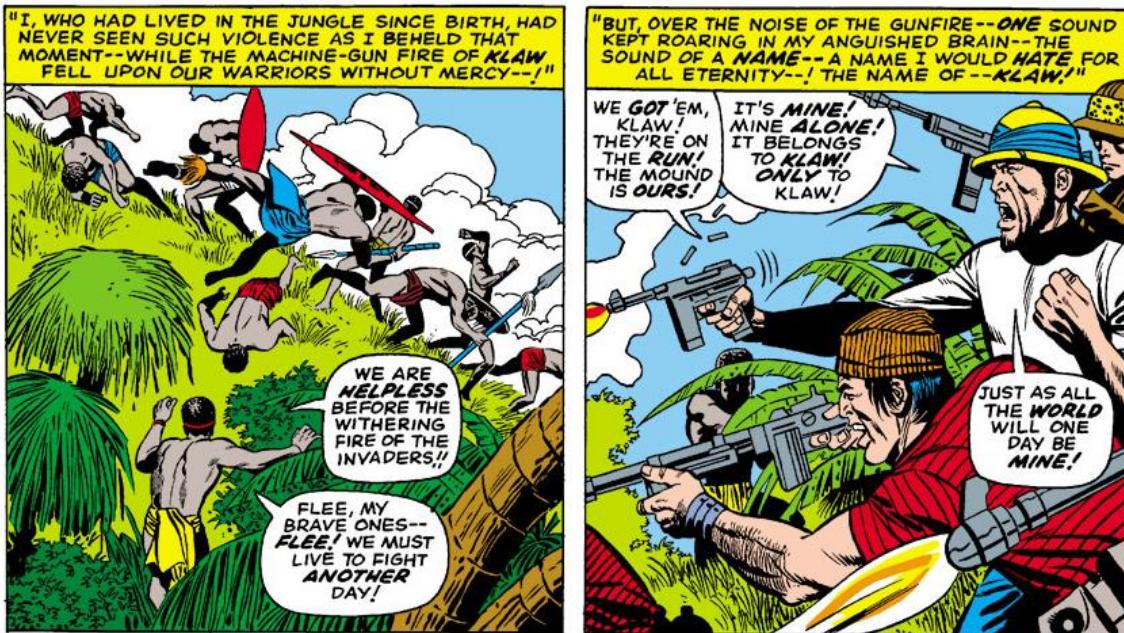
generalizando-a de forma a construir um imaginário totalizante sobre o território e seu povo.

Outro elemento importante de ser ressaltado é sobre o país fictício do personagem, Wakanda, que se insere na história como um território repleto de riquezas naturais, o que o torna alvo dos interesses de exploradores estrangeiros; essa tônica aparece nos dois momentos, mas elaborada de formas diferentes.

Nas primeiras histórias do Pantera Negra, a partir da rememoração da morte de seu pai, o rei T'Chaka, o atual rei, T'Challa, apresenta Wakanda como um país sem condições de se defender de invasões, por não possuir tecnologia militar capaz de combater forças inimigas, contando apenas com soldados utilizando lanças e escudos de couro, estabelecendo uma evidente distinção entre o povo local e os invasores, como demonstra a figura 14. Essa é uma evidente referência ao processo colonial ao qual o continente africano foi submetido, sendo invadido e explorado por potências europeias ao longo de décadas.

Essa situação só encontraria solução após T'Challa realizar seus estudos no Ocidente e, por meio do conhecimento obtido, desenvolver muitas tecnologias utilizando o recurso mais importante do país: o metal extraterrestre *vibranium*.

Figura 14: Wakanda atacada por exploradores brancos – Superioridade tecnológica dos invasores



Fonte: LEE, Stan; KIRBY, Jack. *Fantastic Four*, n. 53. Nova York: Marvel Comics, 1966. Disponível em: <https://readallcomics.com/fantastic-four-v1-053/>. Acesso em: 23 set. 2024.

É importante ressaltar que os primeiros quadrinistas do personagem eram brancos. Somente em 1973 que o desenhista Billy Graham, um homem negro, assume os traços da revista até 1976, mas o roteiro ainda continuava sendo escrito por pessoas brancas.

Em contraposição às origens, nos quadrinhos atuais, principalmente após a estreia de Reginald Hudlin, que assume os roteiros a partir de 2005, a história do país é recontada, a fim de construir um novo cenário para o personagem. O retrato do território agora é outro, o país possui tecnologias muito mais avançadas do que qualquer outro local do mundo à época, e teria condições de rechaçar invasores com facilidade, tanto pela presença do líder Pantera Negra, como pelos armamentos superiores que possuíam, como demonstra a figura 15. Aqui, há uma inversão da lógica de construção do Outro: quem é descrito como inferior é o invasor, que não possui as mesmas capacidades que o invadido, porém, essa lógica não inverte os papéis, pois não há a intenção nem a ação de um país africano de invadir um território estrangeiro e impor seus interesses sobre ele.

Figura 15: Superioridade tecnológica dos wakandanos perante os invasores brancos



Fonte: HUDLIN, Reginald; ROMITA Jr., John. *Black Panther*, vol. 4, n. 1. Nova York: Marvel Comics, 2005. Disponível em: <https://readallcomics.com/black-panther-v4-001-2005/>. Acesso em: 23 set. 2024.

É importante ressaltar que Stan Lee e Jack Kirby, criadores e produtores das primeiras histórias do Pantera Negra, eram homens brancos ocidentais, residentes nos EUA. E isso é algo que tem relevância, ao analisarmos quais eram suas percepções sobre o território e a população africana. Assim, podemos perceber que a forma como os retratam é carregada do imaginário construído do que seria uma comunidade africana, uma forma estereotipada e generalista difundida no mundo ocidental sobre a região.

Por outro lado, Reginald Hudlin, um artista negro, mesmo que se utilize de uma imageria atribuída aos povos africanos no que diz respeito às indumentárias, atribui a esse povo uma capacidade superior, um domínio sobre uma tecnologia de ponta, que só poderia ser fruto de uma grande capacidade intelectual. Desse modo, quebra com um dos mais terríveis estereótipos sobre a população negra: sua suposta superioridade física em relação aos brancos, algo atrelado a uma certa animalidade, sendo esse o único atributo em que seriam melhores do que as pessoas brancas.

Sobre o desenvolvimento tecnológico de Wakanda, há uma importante reflexão a ser feita, de como os wakandanos são responsáveis pelos seus próprios avanços, pelo desenvolvimento econômico e capacidade de manter a soberania do seu Estado.

Ao posicionar os wakandanos como responsáveis diretos das transformações científicas, tecnológicas, sociais, políticas, e, portanto, históricas, Stan Lee e Reginald Hudlin, em momentos díspares, inverteram a lógica do discurso colonialista no qual traduzia a África e os povos africanos sem história e com capacidade de produção material inferior ou insignificante em relação à Europa¹⁴⁰.

Dessa forma, Wakanda se insere no mundo como um país semelhante aos outros, com estruturas administrativas correlatas e que se utiliza da diplomacia para resolver questões conflituosas, não como uma frágil nação sujeita às vontades de potências estrangeiras.

Acerca do personagem, também há uma mudança significativa: a forma como ele é tratado no mercado editorial, como um personagem étnico, que foi criado para um determinado nicho de mercado. As histórias do Pantera Negra sempre estavam em volta com questões locais, disputas tribais, perigos da selva, ou seja, como se fosse um herói regional. Fazendo um paralelo com o Capitão América, podemos compará-los em nível de poderes, pois possuem força e agilidade sobre-humanas equivalentes, mas o personagem estadunidense não é um herói branco, é apenas um herói, enquanto o Pantera Negra é um herói negro.

Enquanto o Capitão América se envolve em questões de nível mundial, ou até mesmo interplanetárias, o Pantera Negra resolve problemas locais. Há uma diferença gritante na escala das aventuras, pensando que as histórias eram publicadas nos EUA e difundidas no mercado ocidental; jovens negros que tinham acesso a essas histórias, em sua maioria, moradores de regiões urbanizadas, teriam dificuldade de se sentirem representados por um super-herói que lutava contra tribos selvagens ou animais enlouquecidos.

Os problemas reais de jovens negros não eram tratados nos quadrinhos do principal super-herói negro da Marvel Comics. Seu cotidiano não era retratado

¹⁴⁰ SILVA, 2020, op. cit., p. 77.

nas páginas das revistas, fazendo com que o personagem sempre tivesse um papel secundário nas histórias do universo da Editora e esses jovens acabavam tendo como seus personagens favoritos homens brancos de culturas muito distintas das deles, como, por exemplo, o Thor, um deus nórdico, ou o Super-Homem, um alienígena oriundo do planeta Krypton.

A partir de 1998, com a entrada de Christopher Priest na roteirização das histórias do Pantera Negra, há uma mudança significativa nas temáticas abordadas. Em primeiro lugar, o personagem assume características de sua posição enquanto líder de seu país; o roteiro se preocupa com seu lado político, trazendo uma discussão sobre a diplomacia do país fictício. Wakanda passa a ser considerada uma potência internacional, dado seu desenvolvimento econômico e tecnológico, e um país relevante na diplomacia internacional. Essa mudança se amplia com a roteirização de Reginald Hudlin, já abordada neste trabalho, e ganha um outro patamar com os roteiros de Ta-Nehisi Coates, a partir de 2016, quando há uma maximização de conceitos afrofuturistas nas histórias do personagem.

A perspectiva afrofuturista se baseia na ideia da construção de um futuro negro, por meio da celebração da identidade, da ancestralidade e da história africana e diáspórica, associando-as a elementos da ficção científica, buscando elaborar narrativas de protagonismo negro e de superação da opressão racial. É um conceito definido por Mark Dery, em meados da década de 1990, ao buscar caracterizar produções artísticas que elaboravam narrativas por meio de uma especulação ficcional¹⁴¹.

A ideia por trás desse movimento cultural não é somente estética, mas também de apresentar uma possibilidade para além da tragédia negra no mundo, não somente na rememoração do passado escravocrata, como também no presente violento e sem esperanças. Esse pensamento se relaciona com a crítica às histórias distópicas de fim de mundo, que sempre dizem respeito ao futuro, a um amanhã que pode ocorrer, e não levam em consideração que esse fim de mundo já aconteceu e acontece para algumas pessoas.

¹⁴¹ FREITAS, K.; MESSIAS, J. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. *Imagofagia*, [S. l.], n. 17, p. 402–424, 2018. Disponível em: <https://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/225>. Acesso em: 26 may. 2024. p. 405

uma mudança na construção dessa lógica passa por uma alteração de perspectiva do “eles” para “nós”; do entendimento da distopia como todos os lugares, e da utopia como um lugar nenhum. De uma perspectiva negra, a distopia seria o comum e não a exceção¹⁴²

Pensar a distopia para a população negra e a realidade atual é pensar sobre um não futuro, pois o mundo já chegou ao fim. Dessa forma, o afrofuturismo seria uma forma de propor um caminho para a construção de um futuro melhor, onde os projetos de vida não ficassem atrelados eternamente a um passado de dor e sofrimento, causado pelo colonialismo e pela diáspora.

A diáspora negra extraterrestre dentro de nossos próprios mundos induziu o surgimento de um duplo trauma: o da escravidão (no passado) e o da perseguição, especialmente da violência estatal (no presente). Nesse sentido, acessar o universo narrativo das obras afrofuturistas é lidar concomitantemente com a sua dupla natureza: a da criação artística que une a discussão racial ao universo do sci-fi e a da própria experiência da população negra como uma ficção absurda do cotidiano: uma distopia do presente.¹⁴³

É justamente nesse nexo entre narrativa fantástica e a realidade distópica que podemos inserir o período atual das histórias do Pantera Negra, que o inserem em uma visão utópica da sociedade wakandana. Desde a origem do personagem, as histórias flertam com o futurismo tecnológico da nação africana, a presença de carros que voam, tecnologias espaciais, raios *laser*, soluções médicas inovadoras. Tudo isso aponta para uma perspectiva afrofuturista, porém, é com Ta-Nehisi Coates que essa lógica alcança um novo patamar.

A perspectiva de potência presente nas histórias do Pantera Negra direciona o olhar do leitor para uma realidade que, normalmente, não está presente em narrativas com a temática da população negra que, por muitas vezes, aborda questões vinculadas à escravidão e à opressão causada pela desigualdade racial, temas caros ao movimento de resistência ao racismo, extremamente necessários no debate acerca da desigualdade, mas que precisam se vincular com uma proposta de futuro, de construção de uma

¹⁴² *Ibid.*, p.411.

¹⁴³ *Ibid.*, p.411.

realidade com pleno potencial de desenvolvimento, sem perder os laços com o passado, mas não enquanto amarras, e sim como potência.

Retornando ao filme de 2018, de todas as cenas incríveis relacionadas ao empoderamento de pessoas negras que geraram impactos importantes na sociedade, como debates públicos e produções acadêmicas, a que mais me chamou a atenção é a cena final, que acontece na periferia da cidade de Oakland, onde um garoto negro se aproxima do Pantera Negra, interpretado pelo ator Chadwick Boseman, e pergunta quem é ele. A resposta vem apenas com um sorriso e a cena se encerra. A pergunta do garoto não é simples, é fruto de uma necessidade de se enxergar em um símbolo de empoderamento um personagem parecido com ele que seja admirável, alguém em quem esse garoto pudesse se espelhar e projetar seu futuro. Os quadrinhos possuem esse mesmo potencial, o de construir protagonistas negros e negras que sejam esses símbolos de empoderamento; precisamos saber usá-los como instrumentos de uma prática antirracista.

2.5 – A criação de personagens negros protagonistas no Brasil

A construção do protagonismo negro nas artes é um importante recurso na prática antirracista; desenvolver narrativas que destaqueem personagens negros como sujeitos atuantes no desenvolvimento da história é estabelecer um papel político a esse personagem, é colocá-lo em evidência perante o leitor, quebrando o pacto narcísico da branquitude ao dizer: o negro também é bom e ele está aqui!

Abdias do Nascimento segue essa premissa ao elaborar a ideia que dará origem ao Teatro Experimental do Negro.

No meu regresso ao Brasil, criaria um organismo teatral aberto ao protagonismo do negro, onde ele ascendesse da condição adjetiva e folclórica para a de sujeito e herói das histórias que representasse. Antes de uma reivindicação ou um protesto, compreendi a mudança pretendida na minha ação futura como a defesa da verdade cultural do Brasil e uma contribuição ao humanismo que respeita todos os homens e as diversas culturas com suas respectivas essencialidades. Não seria outro o sentido de tentar desfiar, desmascarar e transformar os fundamentos daquela anormalidade objetiva dos idos de 1944, pois dizer teatro genuíno – fruto da imaginação e do poder criador do homem – é dizer mergulho nas raízes da vida. E vida brasileira

excluindo o negro de seu centro vital, só por cegueira ou deformação da realidade.¹⁴⁴

Ao criar espaços para a emergência do protagonismo negro, Abdias do Nascimento entende que isso é uma forma de desafiar o racismo entranhado na sociedade brasileira, que segregava uma grande parte de seu povo até mesmo nas representações artísticas, possuindo grandes problemas que precisam ser resolvidos. A arte então é compreendida como um caminho entre muitos para a construção de uma realidade não excludente.

Os quadrinhos como uma expressão artística têm seu papel nessa construção. Muitas produções brasileiras abordam essa temática de forma muito interessante e possibilitam a discussão sobre representatividade em uma linguagem que, por muito tempo, foi quase exclusivamente branca.

A produção de quadrinhos brasileiros vem ganhando destaque tanto no mercado brasileiro como no internacional, evidência disso são as conquistas no Eisner Awards¹⁴⁵, dos EUA, e no Festival Angoulême¹⁴⁶, da França, duas das maiores premiações do segmento no mundo. Tanto em obras de adaptação de livros consagrados ou histórias autorais, a quantidade e a qualidade da produção brasileira vêm crescendo nos últimos anos, possibilitando a ampliação do número de leitores e estimulando ainda mais o surgimento de novos artistas.

Nomes que são expoentes dessa expansão são: Ana Luiza Koehler, Bianca Ribeiro, Fábio Moon, Gabriel Bá, Fido Nesti, Lu Cafaggi, Marcello Quintanilha, Rafael Coutinho e muitos outros, que contribuem para o desenvolvimento dos quadrinhos como uma arte cada vez mais respeitada, popularizando a linguagem para públicos que não eram habituados à leitura de HQs. Neste contexto, e pensando na temática desta pesquisa, três autores se destacam: Marcelo D'Salete, Rafael Calça e Jefferson Costa. Estes vêm produzindo quadrinhos que abordam questões raciais, tanto com o objetivo de denunciar situações de desigualdade como na construção de personagens

¹⁴⁴ NASCIMENTO, A. Do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 209–224, jan. 2004. p.210.

¹⁴⁵ O Will Eisner Comic Industry Awards é concedido desde 1988 para quadrinistas que lançam seus materiais nos EUA e conta com 30 categorias de premiação, sendo considerado um dos mais importantes do segmento em todo o mundo.

¹⁴⁶ O Festival de la Bande Dessinée d'Angoulême teve sua primeira edição no ano de 1974 e mantém sua premiação até a atualidade, na França, contando anualmente com a presença de grandes artistas do ramo.

protagonistas, complexos e carregados de particularidades, que facilitam a identificação dos leitores, que percebem similaridades com suas histórias.

2.5.1 – Marcelo D’Salete

Marcelo D’Salete é um quadrinista que alcançou fama internacional após receber o Prêmio Eisner de melhor edição americana de material estrangeiro pelo seu quadrinho “Cumbe”, em 2018. Sua produção gira em torno de histórias relacionadas à população negra brasileira, principalmente durante o período escravocrata no país, mas, também, nos problemas raciais da atualidade. Sua produção ganha destaque não só entre quem lê quadrinhos, mas também entre pesquisadoras e pesquisadores de diversos campos do conhecimento, como história, educação ou comunicação. Além disso, em muitas escolas, é fácil encontrar alguns de seus quadrinhos nas estantes das bibliotecas ou nas salas de aula.

Focadas nas histórias das pessoas, as narrativas construídas por D’Salete constroem personagens, fictícios ou baseados em figuras reais, com uma grande complexidade, com muitas camadas, algumas muito evidentes, enquanto outras apenas pequenos reflexos que se mostram rapidamente, devido a algum detalhe no roteiro ou no traço do artista. A busca por construir personagens dessa forma faz com que o leitor encontre identificações com ele; é uma forma de humanização, principalmente em relação aos personagens relacionados à escravidão.

É muito comum observarmos em produções gráficas indivíduos escravizados representados como uma massa de pessoas sem particularidades, por mais que haja personagens com nomes e comportamentos distintos, normalmente não apresentam distinções que os façam indivíduos únicos, com um plano de fundo específico. Quando isso ocorre, é de forma genérica, retratando apenas um passado de sofrimento.

Marcelo D’Salete tem a preocupação de construir essa identidade, seus personagens carregam consigo marcas do passado, mas, também, suas relações no presente e suas ambições para o futuro; são personagens com formulações, complexas como qualquer outro de uma história bem escrita.

A obra de Marcelo D'Salete é um ótimo exemplo de quadrinhos que utilizam fundamentação histórica e busca fugir das marcas estéticas estereotipadas de pessoas não brancas, nesse caso, especificamente, pessoas negras. Nas quatro obras analisadas, “Encruzilhada” (2011), “Cumbe” (2016), “Angola Janga” (2017) e “Mukanda Tiodora” (2022), D'Salete apresenta seu olhar acerca de parte da história do Brasil e de histórias individuais de pessoas negras no país, seja no período colonial, no período monárquico, ou na atualidade. A escolha dos títulos é um importante indício das intenções do autor, os quatro nomes se referem às decisões tomadas por pessoas que, historicamente, tiveram sua autonomia destruída por um processo de dominação, que não se encerra com a abolição.

“Encruzilhada” é um espaço de decisão sobre o caminho a seguir, da rota que se escolhe para continuar sua jornada, uma manifestação simbólica de liberdade e autonomia. “Cumbe” é o sinônimo de quilombo, espaço de resistência e luta pela liberdade. “Angola Janga”, que significa “pequena Angola” na língua quimbundo, representa o desejo de construção de um território para si, com suas regras, suas tradições, e protegido da opressão colonizadora. E “Mukanda” que, em quimbundo, significa carta ou escrita, mas também é o ritual de circuncisão da cultura Tchokwe, de Angola, ou seja, o ritual de passagem do menino para a vida adulta.

Nos quadrinhos “Encruzilhada” e “Cumbe”, o autor narra histórias do cotidiano em contos curtos, que se interligam por meio de um elemento comum em todos eles: a violência relacionada às questões raciais no Brasil em diferentes momentos históricos.

Nos seis contos que compõem a primeira obra, D'Salete narra a história de personagens negras que vivem em uma grande cidade nos tempos atuais, retratadas como pessoas comuns, que sofrem violências de diferentes formas e de modo constante.

Na segunda obra, o autor apresenta, por meio de quatro contos, histórias relacionadas à escravidão no Brasil durante o período colonial e, da mesma forma que em sua primeira publicação, esses contos se interligam pela violência que as personagens sofrem no cotidiano, desta vez, relacionada diretamente com as práticas escravocratas.

A violência retratada nos dois quadrinhos tem suas motivações vinculadas às condições em que vivem as pessoas negras, aos projetos de controle ou de extermínio que associam a cor da pele a uma situação de subalternidade. Parte dessa violência se relaciona ao privilégio que pessoas brancas possuem de nunca serem consideradas suspeitas imediatamente de terem cometido algum crime, como demonstram os dois exemplos a seguir.

O primeiro exemplo apresenta um quadro do conto “Encruzilhada”, do quadrinho de mesmo nome, onde a personagem em foco, de nome Janu (figura 16), é confundida com um criminoso que roubava carros de um estacionamento particular. A certeza de que ele é o ladrão se dá apenas pelo fato de Janu ser negro e estar no estacionamento, sendo que o verdadeiro ladrão é um indivíduo que não levantava suspeitas, por ser branco.

Figura 16: Personagem Janu confundido com um ladrão de carros – Conto “Encruzilhada”



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Encruzilhada*. São Paulo: Veneta, 2016. Acervo Particular.

No segundo exemplo, podemos ver uma página do conto “Risco” (Figura 17), também do quadrinho “Encruzilhada”, onde uma abordagem policial acontece após um ato de violência cometido por um jovem branco de classe média contra um jovem negro que olhava carros na rua para conseguir algum dinheiro. Nessa sequência de imagens, os policiais liberam os jovens brancos depois de averiguarem seus documentos, mesmo eles estando visivelmente embriagados e os policiais terem presenciado a agressão.

Por outro lado, o jovem negro passa a receber ameaças e tem uma arma apontada para o seu rosto. Por mais que essa história seja um conto de ficção, é baseada na realidade, visto o grande número de mortes de pessoas negras, principalmente jovens, relacionadas às ações policiais por todo o Brasil e que vêm ganhando notoriedade com a ação da “juventude negra denunciando que a situação é mais do que extermínio. O número de homicídios e assassinatos apontam para uma situação de genocídio”¹⁴⁷.

D’Salete aborda o tema do genocídio da juventude negra sem citá-lo, mas a tensão dada pela narrativa da história e a expectativa pelo desfecho criam a situação que induz à reflexão sobre a realidade e nos fazem desenvolver um posicionamento perante ela.

O privilégio branco fica evidente nesta sequência. Ao se trabalhar em sala de aula sobre a violência sobre os corpos negros, fazendo relações entre a violência do período da escravidão com a dos dias atuais, é possível utilizar esse conto como um recurso didático, para demonstrar como as estruturas do Estado contribuem para a manutenção dessa situação no Brasil.

¹⁴⁷ GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista**, v. 34, p. e197406, 2018. p. 4.

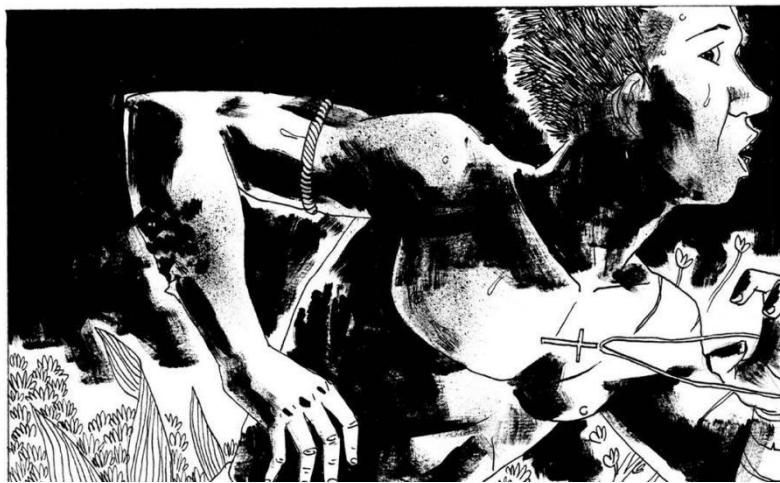
Figura 17: Abordagem policial violenta contra um jovem negro – Conto “Risco”



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Encruzilhada*. São Paulo: Veneta, 2016. Acervo particular.

Uma característica importante nessas obras é a forma como D'Salete apresenta as personagens negras, que são centrais nas tramas; todas são retratadas como indivíduos, com características particulares visuais, como indumentárias, adornos, cicatrizes e marcas na pele, ou características não visuais, como nome, personalidade, passado e emoções. As personagens que o autor constrói são figuras com as quais criamos uma afinidade, justamente por serem complexas e que poderiam ser reais, como a personagem Valu (Figura 18), do conto “Calunga”, contido no quadrinho “Cumbe”.

Figura 18: Personagem Valu fugindo de um capitão do mato – Conto “Calunga”



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Cumbe*. São Paulo: Veneta, 2014. Acervo pessoal.

Na imagem acima, podemos perceber uma série de elementos que individualizam a personagem Valu, as cicatrizes e as feridas abertas, o Contra Egum em seu braço direito, o cordão com um crucifixo em sua mão esquerda, o olhar de medo durante a fuga. Esses elementos constroem um indivíduo com personalidade, alguém que carrega uma história e pode ter um futuro, de acordo com a narrativa construída.

Esse tipo de elaboração de personagens aproxima quem lê a obra do drama que se passa diante de seus olhos; o sofrimento, as angústias, os amores criam um sentimento de empatia com o indivíduo ficcional, que não é mais um entre tantos de uma massa amorfa de pessoas, no caso, de pessoas negras enquanto um tipo humano abstrato e sem particularidades, mas sim uma figura humanizada, quebrando uma tradição secular de bestialização do corpo negro.

Uma das formas de se humanizar um indivíduo é relacioná-lo a alguma forma de afeto, de amor, a preocupação manifesta com a possibilidade de um futuro em comum e o sonho de voltar para a terra de seus antepassados. Na figura 19, percebemos esse processo, a construção de personagens que são capazes de afeto, de um momento de felicidade, mesmo em meio a uma situação de exploração e dor, algo subentendido na imagem, por meio das cicatrizes aparentes. Essas marcas na pele concedem à personagem uma profundidade: há um passado ali, coisas aconteceram com ela até aquele momento retratado e fazem parte de sua constituição.

Figura 19: Humanização por meio da demonstração de afeto



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Cumbe*. São Paulo: Veneta, 2014. Acervo pessoal.

Também há relações além do que a imagem apresenta: a referência ao Tata, palavra relacionada a uma figura paterna e sábia, demonstra que há uma estrutura familiar, mais um elemento de humanização da personagem.

Pensando em como trabalhar com todos esses elementos em sala de aula, é possível utilizá-los em muitos momentos e em vários conteúdos definidos no planejamento. Além das questões relacionadas à escravidão no Brasil Colônia, é possível contextualizar as diversas configurações familiares existentes no país, a diversidade religiosa, os elementos culturais de origem africana ou afro-brasileira etc. Ou seja, esse quadrinho possibilita um questionamento acerca dos padrões ocidentais de sociabilidade naturalizados por meio da branquitude hegemônica.

A escolha do autor, ao contar a história da escravidão no Brasil por meio de experiências individuais de seus personagens, traz uma dimensão de como uma tragédia de grande proporção afeta cada ser. Ao apresentar a tragédia individual, o leitor tem a oportunidade de refletir o quanto uma estrutura político-econômica como a escravidão pode transformar a vida de uma família.

Figura 20: A violência extrema exercida sobre corpos escravizados



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Cumbe*. São Paulo: Veneta, 2014. Acervo pessoal.

A figura 20 apresenta a cena em que a personagem Calu descobre que seu filho recém-nascido foi jogado em um poço pela esposa do seu senhor, como forma de punição por ela ter engravidado após um estupro cometido por ele. É uma situação extrema, de sofrimento individual, oriundo de um sistema cruel que submetia as pessoas escravizadas às vontades de seus senhores.

Neste conto, intitulado “Sumidouro”, também contido na obra “Cumbe”, Calu é a protagonista, uma mulher negra colocada em situação de subalternidade, violentada sexualmente, mas que não passa pelo processo de desumanização na narrativa, pois, “ao escolher não narrar o estupro e mantê-

lo insinuado por meio de elipses, a autoria preserva a humanidade de Calu ao não enfocar a violência, mas sim a pessoa violentada.”¹⁴⁸

Essa humanização de Calu se completa por outros símbolos na narrativa. A demonstração de tristeza e desespero nas muitas situações de sofrimento, como as lágrimas que surgem perante a expectativa da violação, ou a busca por ajuda ao procurar o padre da região. Outro elemento são as roupas e adereços utilizados por ela, há uma preocupação com a beleza, com a profissão de sua fé, existe uma resistência às violências sofridas, mesmo que ela venha somente por meio da manutenção de sua dignidade como ser humano.

Figura 21: A humanização por meio dos detalhes e da beleza



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Cumbe*. São Paulo: Veneta, 2014. Acervo pessoal.

Em contrapartida, a senhora que não possui nome na narrativa, perpetradora do ato hediondo de infanticídio, aparece poucas vezes na história, quase sempre com seu rosto encoberto por sua mão, possui pouquíssimas falas e sempre entrecortadas, como se tivesse dificuldade em pronunciar as palavras. O que Marcelo D'Salete faz aqui é apresentar a barbárie enquanto um aspecto vinculado à escravocrata, ao retratar uma pessoa que perdeu, ou nunca teve, a condição de sequer estabelecer um diálogo, capaz de matar um bebê por ciúme de seu marido.

¹⁴⁸ MINERVINO DA SILVA NETO, José. Calu, nascedouro da luz: uma análise do conto “Sumidouro”, de Marcelo D’Salete. *Revista Leitura*, [S. l.], n. 80, p. 173–191, 2024. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/16247>. Acesso em: 1 jun. 2024. p. 178.

O protagonismo negro se estabelece ante seu antagonista branco. Além de humanizar Calu por meio das manifestações de sentimentos e pelos detalhes estéticos, ao final da história, há um embate físico entre a personagem e um de seus algozes, Tomé, que é morto com uma faca ao lado do sumidouro onde seu bebê havia sido jogado. É uma demonstração de força e resistência contra toda a opressão que sofreu, é a atitude de quem, mesmo que por apenas um momento, toma as rédeas de sua vida e decide sobre seu destino.

Figura 22: A violência como forma de controlar seu próprio destino



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Cumbe*. São Paulo: Veneta, 2014. Acervo pessoal.

Marcelo D'Salete consegue, nesse conto e em toda a sua obra, construir uma narrativa que estabelece a possibilidade de libertação da opressão sofrida, cria a expectativa da redenção ao final da história, mesmo que ela não venha, mas suas personagens demonstram que são sujeitos em suas próprias histórias e, dessa forma, se constituem como protagonistas, com as quais os leitores podem se identificar.

A terceira obra de Marcelo D'Salete é “Angola Janga”, quadrinho que narra a história do Quilombo dos Palmares pela perspectiva de Soares, um dos homens de confiança de Zumbi e que é conhecido como traidor de seu líder.

A narração sobre o Quilombo dos Palmares pela perspectiva dos quilombolas é uma forma de construir um outro entendimento sobre o fato histórico, uma percepção de dentro da comunidade, e não uma descrição feita por quem a compreendia como uma ameaça ao poder estabelecido. Ao apresentar cenas de práticas religiosas, de configurações familiares, de relações de poder e de dilemas éticos, o autor possibilita a humanização das personagens perante quem lê, uma forma de desconstruir a imagem naturalizada de escravo, como se essa não fosse uma condição constituída historicamente, onde há ação objetiva para se manter pessoas em cativeiro e ter o seu trabalho e corpo explorado.

Constituiu-se, dessa forma, um indivíduo histórico, formado por uma série de situações que o colocaram exatamente onde ele está agora, um indivíduo com memória, que traz consigo as marcas de seu passado, como apresenta a figura 23.

Figura 23: A importância das marcas físicas na história dos indivíduos – “Angola Janga”



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Angola Janga: uma história de Palmares*. São Paulo: Veneta, 2017.

Este exemplo permite elaborar questionamentos em sala de aula sobre como cada cultura pensa o corpo, de como marcas feitas por meio da escarnificação representam toda uma tradição que se busca manter mesmo distante de sua terra natal e, ao mesmo tempo, como as cicatrizes feitas pela violência passam também a ter sentido, uma memória que gera ódio e desejo de vingança, mais um elemento humanizante na construção de personagens.

Outro ponto que pode ser abordado em sala de aula são as motivações que definem as ações dos dois grupos de personagens, os quilombolas e os

portugueses. Há uma guerra acontecendo devido a interesses distintos, enquanto os quilombolas estão em guerra para manter a liberdade, os portugueses querem a destruição da resistência, querem a manutenção do sistema escravocrata, que garante o lucro na empresa colonial.

Essa posição dicotômica permite que se debata o processo de constituição da branquitude no Brasil, pois ela está no cerne da compreensão de que pessoas brancas possuem direitos exclusivos, ou seja, privilégios em nossa sociedade. Direitos sobre os corpos das pessoas negras, encaradas no período da escravidão como propriedades, e que qualquer ação de resistência seria uma afronta à ordem social. Discutir as motivações de cada grupo para o conflito define muito bem a formação da sociedade brasileira, enquanto uns lutam para manter seus privilégios, outros lutam por sua liberdade e sobrevivência.

Em “Mukanda Tiadora”, o autor busca retratar tanto a escravidão urbana quanto a rural, por meio da história verídica de Tiodora Dias da Cunha, mulher negra escravizada de origem angolana, trazida para o Brasil no século XIX. Sua história ganha notoriedade devido às cartas ditadas por ela e redigidas por um escravizado alfabetizado próximo que a conhecia. As cartas eram direcionadas ao seu marido, que não via desde que foi vendida ao padre que explorava seu trabalho como escrava de ganho.

A narrativa não foca apenas nas cartas, mas também na rede de apoio que existia entre as pessoas escravizadas, e entre elas e as pessoas libertas. Ao apresentar essas relações, Marcelo D’Salete descreve indivíduos humanizados, com preocupações além da sobrevivência, que buscam construir uma noção de coletividade mesmo em uma condição de extrema violência a que estão submetidos.

A figura 24 mostra uma dessas situações: Tiodora se encontra com Seu Claro, um homem escravizado que sabe escrever e que será responsável por articular uma rede que fará com que essa carta chegue até seu destinatário. Mesmo que seja mediante um pagamento, o risco que Seu Claro corre ao fazer isso é muito grande, mas, mesmo assim, o faz, a partir de uma lógica de mutualidade, uma união forçada devido à condição de escravizados.

Figura 24: Humanização por meio da demonstração de cuidado com o outro



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Mukanda Tiodora*. São Paulo: Veneta, 2022.

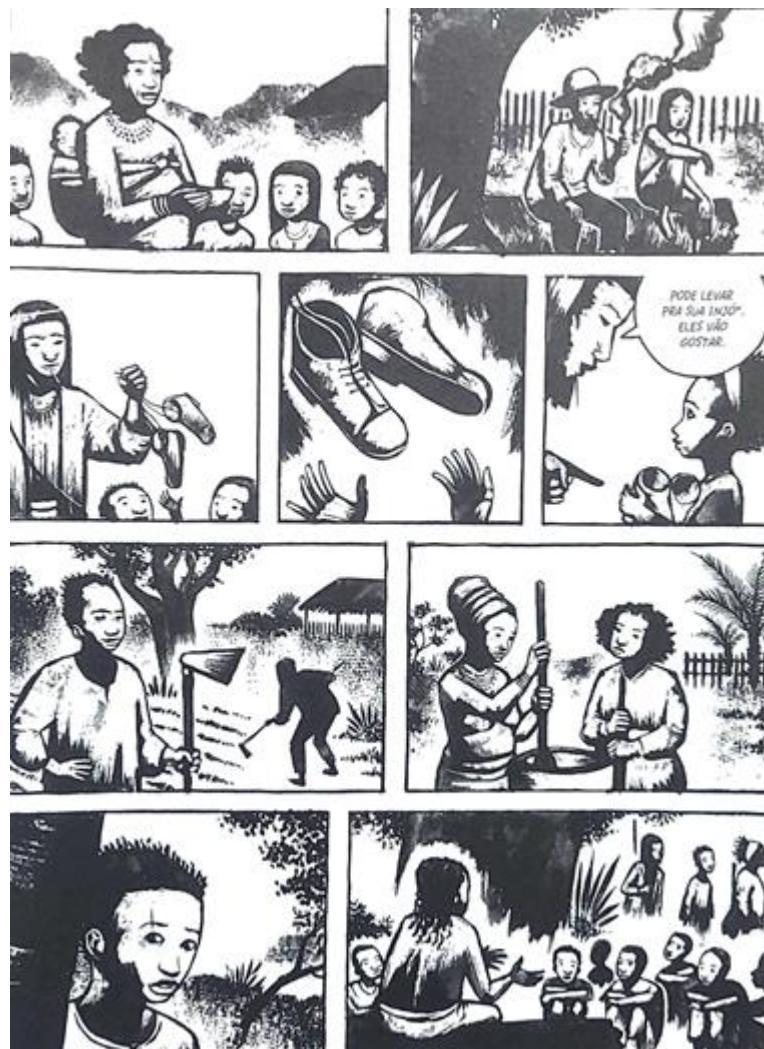
A página não apresenta balões com falas, mas é repleta de diálogo entre as personagens. É possível sentir a carga emocional da cena por meio das expressões faciais, na mensagem sussurrada para que ninguém mais ouça e no foco dos detalhes da ação de escrever a carta; são manifestações de sentimento e zelo, cuidado com o outro, medo de serem descobertos e a esperança de que suas palavras encontrem o destinatário e toda a situação se resolva.

O simples ato de escrever uma carta ganha uma dimensão poética, devido aos fatores externos à ação, enquanto para pessoas brancas de uma forma geral, não há riscos ou dificuldades ao escrever uma carta. Para pessoas escravizadas, uma série de barreiras se impõe: não saber escrever, não poder se comunicar com quem deseja, não saber se sua mensagem chegará ao destino e as possíveis punições se descobrirem o ato de rebeldia; o simples ato de escrever para alguém, nesse caso, se configura como um privilégio.

Um outro elemento demonstrado na obra é a dicotomia que existe entre as lógicas produtivas. O quilombo é apresentado como um lugar de vida, onde

as pessoas trabalham de forma coletiva para o sustento da comunidade, e também um lugar onde há desenvolvimento humano, com imagens destacando tradições da cultura africana e indígena, como crianças sentadas em volta de alguém mais velho, aprendendo sobre algo relacionado à sua vida, e não sendo forçadas ao trabalho na lavoura. Nesse espaço há diálogo, tempo para pensar e a vida acontece no ritmo da natureza, não da lógica da produtividade capitalista e escravocrata.

Figura 25: Coletividade e aprendizado no quilombo – A força da vida



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Mukanda Tiodora*. São Paulo: Veneta, 2022.

Em contrapartida, o cafezal é apresentado como um cemitério, um local de tristeza, violência e morte, com pessoas realizando um trabalho que sabem que não lhes renderá nada, que apenas enriquecerá o dono da fazenda. O quadro que apresenta o cafezal é sombrio, a imponência da sede da fazenda

demonstra o poder do proprietário, distante de todos e, ao mesmo tempo, presente por meio de seus capatazes.

Figura 26: Cafetal como alegoria do sofrimento e da morte – Semelhanças com um cemitério



Fonte: D'SALETE, Marcelo. *Mukanda Tiodora*. São Paulo: Veneta, 2022.

Esse contraponto pode ser interpretado como uma forma de apresentar os dois mundos e as diferenças fundamentais entre suas lógicas de funcionamento, mesmo que todos os personagens presentes sejam pessoas negras ou indígenas, o poder da elite branca está presente no contexto da fazenda de café como uma aura de opressão que paira sobre essas pessoas.

O medo que essa situação provoca no jovem protagonista é um sinal da estrutura de poder vigente, que submete certos indivíduos ao controle de seus corpos, por meio da violência e/ou da expectativa da perda da liberdade.

A obra de Marcelo D'Salete é fundamental, não apenas como um recurso didático para as aulas de História, já que é elaborada por meio de uma profunda pesquisa acerca dos períodos abordados e das relações sociais vigentes, mas,

também, se configura como grande fonte histórica do tempo presente, pois é um artefato cultural de uma sociedade em que parte não admite mais que pessoas negras sejam desumanizadas, seja em discursos racistas proferidos cotidianamente no país, seja nas representações gráficas e literárias que, por muito tempo, naturalizaram uma suposta inferioridade dessas pessoas.

2.5.2 – Rafael Calça e Jefferson Costa

Rafael Calça possui uma produção de quadrinhos consolidada, trazendo ao público obras como “Jockey” (2015), em parceria com André Aguiar; “Crônicas da Terra da Garoa” (2016), em parceria com Tainan Rocha; “Contos Novos de Mário de Andrade” (2022), em parceria com Daniel Esteves e Audaci Junior; “O Fim da Noite” (2022), em parceria com Diox; e “Dueto” (2023). Da mesma forma, Jefferson Costa publicou diversos quadrinhos, como “A Dama do Martinelli” (2012), em parceria com Marcela Godoy; “A Tempestade” (2012), “La Dansarina” (2017) e “Amantikir” (2022), em parceria com Lillo Parra; “Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias” (2019) e “Quando Nasce a Autoestima?” (2024), em parceria com Regiane Braz.

As obras desses autores abarcam uma série de temas, muitos vinculados às questões raciais, seja de forma central ou tangencial, abordando de maneira profunda as relações humanas em variados contextos.

Os dois autores também possuem alguns trabalhos em conjunto, como “Feliz Aniversário, Feliz Obituário” (2023) e as três edições que focam no personagem Jeremias, da Turma da Mônica: “Jeremias: Pele” (2018), “Jeremias: Alma” (2020) e “Jeremias: Estrela” (2024). Nas três edições publicadas pela Panini Group e produzidas pelos Estúdios Mauricio de Sousa, Rafael Calça, no roteiro, e Jefferson Costa, nos desenhos, recontam a história de um personagem secundário no universo da turma do Bairro do Limoeiro¹⁴⁹.

Jeremias, criado por Mauricio de Sousa em 1960, é um garoto negro, que aparecia esporadicamente, sem grande destaque e, por mais que pudéssemos considerar que sua presença já pudesse se caracterizar como uma preocupação

¹⁴⁹ Bairro do Limoeiro é o bairro fictício, onde residem os personagens da Turma da Mônica e o local onde se passa a maior parte das aventuras.

do autor com a representatividade em seus quadrinhos, a forma como o personagem é trabalhado nas histórias nunca o estabeleceu como um protagonista no conjunto da obra.

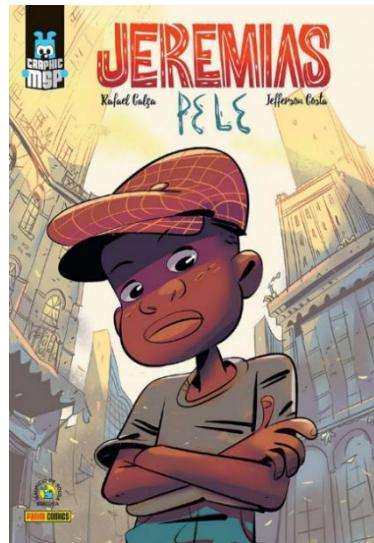
Por se tratar de revistas em quadrinhos infantis, obviamente, a linguagem deve ser adaptada para esse público. Definir a forma como a temática racial será abordada nessas histórias passa por escolhas editoriais e artísticas, sem contar que, talvez, não haja o interesse do autor em abordar o assunto. Isso fez com o personagem Jeremias nunca tivesse um protagonismo nas revistas da Turma da Mônica.

Com as produções de Rafael Calça e Jefferson Costa, essa situação é revisada: o personagem ganha protagonismo, as questões raciais tornam-se centrais nas histórias; temas como racismo institucional, ancestralidade e narrativas preconceituosas são elementos fundamentais nos roteiros. As produções ganharam tamanha visibilidade que o quadrinho “Jeremias: Pele” ganhou o Prêmio Jabuti¹⁵⁰ de Melhor HQ no ano de 2019 e “Jeremias: Alma” foi um dos finalistas no ano de 2021.

Ao pensar em protagonismo negro, a edição “Jeremias: Pele” traz exatamente o percurso do desenvolvimento desse protagonismo, de como um jovem negro se descobre como alguém capaz de percorrer o caminho que quiser, de trilhar seu rumo em direção aos seus sonhos, porém, sem a fantasia de que basta o esforço individual para que isso aconteça. Essa temática é muito bem trabalhada na junção roteiro/imagem.

¹⁵⁰ O Prêmio Jabuti é a maior premiação literária do Brasil, sendo concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro.

Figura 27: Capa do quadrinho “Jeremias: Pele”



Fonte: CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. *Jeremias – Pele*. São Paulo: Panini Comics, 2018. Acervo particular.

A história começa com uma alusão à história de origem do personagem Batman, onde ele, ainda criança, e sua família estão saindo de uma sessão de cinema e são assaltados por um criminoso que acaba matando seus pais. Na história de Jeremias, após saírem da sessão de cinema, ele e seus pais voltam em segurança para casa (Figura 28). É uma referência de quanto a presença da família é importante para o crescimento de um indivíduo, como será demonstrado muitas vezes durante a obra.

Figura 28: A importância da presença familiar na construção da identidade



Fonte: CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. *Jeremias – Pele*. São Paulo: Panini Comics, 2018. Acervo particular.

A história continua apresentando a casa do personagem, um espaço de convívio saudável e diálogo, onde Jeremias encontra possibilidades de desenvolver sua criatividade e alimentar seus sonhos, como, por exemplo, de ser um astronauta. É justamente esse sonho que será o mote para toda a narrativa: como um jovem negro poderia sonhar em ser um astronauta?

Esse questionamento aparece pela primeira vez na escola, após uma atividade proposta pela professora branca de Jeremias, que organiza uma apresentação de profissões às alunas e alunos da sala, onde ela mesma indica qual profissão cada um irá representar. Enquanto as outras crianças recebem profissões consideradas de maior prestígio, Jeremias é escolhido para ser o pedreiro. O personagem interpela a professora, dizendo que gostaria de ser astronauta, gerando um riso quase que generalizado na sala, situação que se agrava com a resposta de menosprezo da docente, como demonstra a figura 29.

Figura 29: Menosprezo do grupo pelo sonho tido como inalcançável para um garoto negro



Fonte: CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. *Jeremias – Pele*. São Paulo: Panini Comics, 2018. Acervo particular.

O descontentamento com a profissão atribuída se soma a uma série de outros problemas enfrentados pelo personagem, todos relacionados ao preconceito que recai sobre ele, seja entre os colegas de sala, da gestão escolar e até mesmo do seu melhor amigo. É um conjunto de questões que afeta fortemente um jovem negro que, apesar de contar com o apoio de toda a sua família, ainda não consegue lidar com eles.

A situação piora após uma briga na escola, que acontece após um dos alunos da sala agredi-lo fisicamente; Jeremias responde da mesma forma e os dois são encaminhados para a direção. Ao mesmo tempo, o pai de Jeremias, Alex, é abordado pela polícia, que o revista sem nenhum motivo e seus documentos são requisitados; ele entrega sua carteira de trabalho, que indica sua profissão como arquiteto, informação que é desdenhada pelo policial. Aqui, há uma referência à necessidade que pessoas negras têm de provar que são trabalhadoras ao serem abordadas por policiais¹⁵¹.

Figura 30: Violência policial contra indivíduos negros



Fonte: CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. *Jeremias – Pele*. São Paulo: Panini Comics, 2018. Acervo particular.

Após pegar o filho na escola e chegar em casa, junto com a mãe, há uma discussão sobre o que aconteceu com o filho. O pai orienta que a solução nunca

¹⁵¹ MARIA, Silvia. **Carteira de emprego no bolso de uma pessoa negra pode proteger sua vida diante de um policial?**: Poder ser desempregado em uma abordagem é um privilégio branco. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/carteira-de-emprego-no-bolso-de-pessoas-negras-pode-proteger-suas-vidas-diantes-de-um-policial/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

será por meio da violência; Jeremias insiste em saber o porquê de não poder se defender da mesma forma que foi atacado. Motivado pela abordagem policial, o pai explica, de maneira explosiva, apresentando rapidamente todo um conjunto de problemas que pessoas negras sofrem, somente por terem a pele mais escura do que outras (Figura 31).

Figura 31: Duros ensinamentos que uma família negra precisa ensinar a seus filhos em uma sociedade racista



Fonte: CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. *Jeremias – Pele*. São Paulo: Panini Comics, 2018. Acervo particular.

Essa discussão desencadeia uma transformação em Jeremias, que começa pela negação do próprio cabelo, ao cortá-lo sozinho, mas que passa pela valorização do que ele de fato é: um garoto negro. E chega ao entendimento de que pode ser o que bem entender, sem precisar negar suas raízes, o que fica demonstrado com o orgulho que passa a ter pelo avô, que sempre trabalhou como pedreiro.

Jeremias apresenta o trabalho para a sala vestido de pedreiro, subverte a proposta inicial da professora e argumenta sobre como as pessoas constroem narrativas sobre o Outro, estabelecendo papéis a partir da lógica do estrangeiro, daquele que não se adapta parcial ou totalmente ao modelo estabelecido.

A cena se encerra com Jeremias ficando gigante em relação à sala, colocando na cabeça a boina do avô, que é um adereço tradicional do personagem nas histórias mensais da Turma da Mônica. É uma alegoria sobre

o protagonismo, de como ele se transforma no centro das atenções por seus feitos admiráveis: é como se fosse uma crítica ao próprio Estúdio Mauricio de Sousa, que sempre relegou o personagem a um segundo plano nas revistas da Turma e, agora, ele se transforma na estrela da história.

Figura 32: O surgimento do protagonismo negro



Fonte: CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. *Jeremias – Pele*. São Paulo: Panini Comics, 2018. Acervo particular.

É difícil medir o impacto que uma HQ como essa pode causar em jovens negros, até mesmo em pessoas adultas, mas é certo que, além da ideia de representatividade, uma série de questionamentos podem ser levantados a partir dela. Os problemas como a violência policial, as dificuldades de afirmação de identidade, o racismo no cotidiano, mas, também, as potências, como o protagonismo negro, o empoderamento negro e feminino e a resistência.

Enfim, as obras de Marcelo D'Salete, Rafael Calça e Jefferson Costa são grandes exemplos de como artistas negros são importantes para que se tenha uma arte que construa a representatividade das pessoas negras, para que possam se enxergar nas produções culturais de formas não preconceituosas, e eduquem todas as pessoas, para que artistas brancos aprendam a contar histórias livres da perspectiva protetora da branquitude.

CONCLUSÕES FINAIS

Compreender que imagens racistas participam da construção de uma sociedade racista não é uma tarefa que se dá de forma automática. Essa compreensão se estabelece no desenvolvimento da sensibilidade construída por meio da militância antirracista e do estudo teórico sobre os elementos constituintes do racismo. Dentre eles, encontramos a branquitude como fator importante na constituição dessa sociedade, um mecanismo que garante uma série de privilégios e vantagens para indivíduos brancos em uma realidade multiétnica.

Nesta dissertação, a branquitude não se apresenta como objeto de pesquisa, mas sim enquanto uma ferramenta de análise utilizada na compreensão de seus impactos na produção e divulgação de imagens acerca do Outro que difere do modelo hegemônico, o quanto a branquitude está presente na elaboração de HQs e como ela interfere na interpretação sobre a realidade de quem as lê.

O objetivo desta pesquisa é demonstrar como é possível realizar uma leitura crítica de HQs, e utilizá-las em sala de aula como fontes históricas e recursos didáticos em práticas antirracistas, mesmo que certas obras possuam conteúdos questionáveis, mas que, com a devida problematização, podem trazer elementos riquíssimos.

Essa leitura crítica não é simples, não basta possuir uma concepção antirracista da prática escolar para conseguir realizar uma interpretação das obras e usá-las nas aulas, é necessário que haja um encontro da prática com a teoria para a construção de um olhar atento aos detalhes das histórias narradas nas HQs, fazendo com que elas se tornem meios de desconstrução de imaginários racistas acerca do Outro.

A forma pela qual se desenvolve um imaginário negativo sobre o Outro passa pelo desenvolvimento de narrativas/imagens sobre esse indivíduo, um instrumento de perpetuação de um modelo de segregação que não se baseia somente em questões objetivas e materiais, mas também na sedimentação desse imaginário negativo sobre esse indivíduo narrado. Se somos influenciados pelas produções culturais da sociedade em que vivemos, a forma como essas

elaborações apresentam seus temas exerce um poder sobre o imaginário acerca do que é representado; se o que se produz é pautado por um olhar racista, haverá o fortalecimento dessa estrutura na sociedade. Por outro lado, se a produção cultural se pauta pelo questionamento às estruturas, por um novo olhar, busca apresentar novas perspectivas a quem consome tal produto, há, nesse caso, um movimento de resistência, de criação de algo novo e com potencial concreto de agência sobre a realidade.

Os quadrinhos possuem esse poder, sejam edições mensais comercializadas em bancas de jornal, edições de luxo vendidas em livrarias, os tão populares mangás japoneses, as tradicionais revistinhas de super-heróis estadunidenses, ou as histórias autorais e profundas de autoras e autores novatos ou consagrados no ramo. Não importa, o que vale é a capacidade que essas produções culturais têm de agir no desenvolvimento de ideias sobre o mundo que nos cerca, fornecer interpretações que não havíamos contemplado e contribuir com a resolução de problemas que enfrentamos cotidianamente.

O fruto imediato deste trabalho se apresenta como um catálogo de quadrinhos antirracistas, um compilado de obras de autoras e autores brasileiros que desenvolveram suas obras com muitos objetivos distintos, mas um que se apresenta comum a todos: a preocupação com a forma com que pessoas negras são retratadas. O que é possível notar em todas as HQs analisadas é a forma humanizada que todos os personagens não brancos foram retratados, mesmo que estejam em situações de profunda opressão, a violência sofrida não retira deles o papel de sujeito de sua própria história, pelo contrário, demonstra como o perpetrador da violência é o indivíduo que tem sua humanidade questionada.

Pensar como esses conhecimentos, a interpretação do fenômeno da branquitude, a construção de narrativas/imagens sobre o Outro e a linguagem dos quadrinhos podem contribuir para o exercício de uma prática pedagógica significativa, com uma concepção antirracista, é uma tarefa que não se encerra nesta dissertação, pelo contrário, é somente um ponto de partida para futuras reflexões deste autor ou de quem mais nutrir interesse pelo tema. E como é comum em muitas HQs, que quase sempre, em sua última página ou no último quadro, deixam algum tipo de gancho para a próxima aventura, digo, fim... por enquanto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Wlamyra. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** São Paulo: Jandaíra, 2020.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- BALABAN, Marcelo. **Poeta do lápis:** a trajetória de Angelo Agostini no Brasil imperial - São Paulo e Rio de Janeiro - 1864-1888. 2005. 363p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2005.
- BERNARDES, Anelice. **Educação das Relações Étnico-Raciais, Ensino de História da África e Literatura Africana: O Amkoullel, o menino fula, de Amadou Hampâté Bâ, nos anos finais do Ensino Fundamental.** 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- BRAGA, Evandro José. **Leitura da HQ Angola Janga no Ensino de História: Uma reflexão sobre o racismo e a escravidão.** 2020. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliação Quadrienal 2017-2020.** Brasília: Ministério da Educação, 2022.
- BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história. In: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula:** São Paulo: Contexto, 1997.
- CAMPOS, Rogério de. **Imageria: o nascimento das histórias em quadrinhos.** São Paulo: Veneta, 2015.
- CAMPOS, Rogério de. **HQ: Uma pequena história dos quadrinhos para o uso das novas gerações.** São Paulo: Veneta, 2022.
- CARDOSO, Lourenço C. **O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007).** Dissertação [Mestrado], Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008.
- CARDOSO, Lourenço C. O branco objeto: o movimento negro situando a branquitude. **Instrumento**, Juiz de Fora, v. 13, p. 81-93, 2011.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude e Justiça: Análise sociológica através de uma fonte jurídica: Documento técnico ou talvez político? **Journal Of Hispanic And Lusophone Whiteness Studies**, [s. l.], v. 1, p. 84-106, 2020.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 3. ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. **Perfil do professor da educação básica**. Brasília-DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/_asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/1473981. Acesso em 02 jun. 2022.

CHINEN, Nobu. **O negro nos quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2019.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)**. Trad. Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Mores. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, [S.L.], v. 2, n. 4, p. 19, 19 jun. 2014. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/90>. Acesso em: 17 mar. 2024.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas princípios e práticas da lenda dos quadrinhos**. 2ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Devir Editora, 2005.

FAGUNDES, Maria Cristina de Fagundes; HENNING, Paula Correa. Os “múltiplos afluentes” que permeiam as relações raciais contemporâneas: problematizações sobre branquitude, políticas de inimizade e segurança pública. **Horizontes Antropológicos** [online]. 2022, v. 28, n. 63 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000200007>. Acesso: 12 dez 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. São Paulo: ZAHAR, 2022.

FERREIRA, Luciano dos Santos. **HQ caminhos e descaminhos de uma escrava da África a Sergipe**. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

FREITAS, K.; MESSIAS, J. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. **Imagofagia**, [S. l.], n. 17, p. 402–424, 2018. Disponível em:

<https://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/225>.
Acesso em: 26 may. 2024.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educar em Revista**, n.47, p.19-33, jan. 2013.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista**, v. 34, p. e197406, 2018.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Caetana diz não: histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005.

GUIA DOS QUADRINHOS (Brasil). **Superaventuras Marvel/Abril**. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/capas/superaventuras-marvel/sam0301>. Acesso em: 12 maio 2024.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)**. São Paulo: Editora 34, 2021.

HESSEL, Marcelo. **Pantera Negra tem a HQ mais vendida do ano nos EUA**: resultado da primeira edição da nova série surpreende. Resultado da primeira edição da nova série surpreende. 2016. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/vingadores/pantera-negra-tem-a-hq-mais-vendida-do-ano-nos-eua>. Acesso em: 25 maio 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. **Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconómica**. n.41. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 01 jun. 2022.

JOB, Maria Ivette. **O tempo dos fantasmas de As 53 Estações da Yōkaidō**: Mizuki Shigeru e Aby Warburg. 2021. 148f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

KNAUSS, P. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, [S. l.], v. 8, n. 12, 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>. Acesso em: 29 jan. 2024.

KOEPSEL, Daniel Fabricio. **Timbó em Quadrinhos: A HQ como potência narrativa sobre a presença lakiñõ/xokleng no ensino de história local de Timbó**. 2021. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa.** 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LEAL, Elen Cleidiane do Socorro Chaves. **Quadrinhos no Ensino de História: uma experiência para a discussão de racismo na educação básica.** 2020. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2020.

LIBERATOR, Norberto. **A longa caminhada dos super-heróis negros.** 2020. Disponível em: <https://www.revistabadar.com.br/2020/09/06/a-longa-caminhada-dos-super-herois-negros/>. Acesso em: 09 maio 2024.

LINCK VARGAS, Alexandre. **O passado sombrio de Tintim: e o que podemos aprender com isso.** Youtube. 02 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v2XO5x1wH9I>. Acesso em: 06 de maio de 2024

MARIA, Silvia. **Carteira de emprego no bolso de uma pessoa negra pode proteger sua vida diante de um policial?:** poder ser desempregado em uma abordagem é um privilégio branco. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/carteira-de-emprego-no-bolso-de-pessoas-negras-pode-proteger-suas-vidas-diantes-de-um-policial/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

MARTINS, Marcel Alves. **O eurocentrismo nos programas curriculares de história do estado de São Paulo: 1942-2008.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sã Paulo, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Fredrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MENDES, Ivanilson de Melo. **Uma lei na “sarjeta”: a aplicação da 10.639/03 e as histórias em quadrinhos no ensino de história.** 2023. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MENESES, U. T. B. DE. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 11–36, jul. 2003.

MINERVINO DA SILVA NETO, José. Calu, nascedouro da luz: uma análise do conto “Sumidouro”, de Marcelo D’Salete. **Revista Leitura**, [S. I.], n. 80, p. 173–191, 2024. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/16247>. Acesso em: 1 jun. 2024.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. **Educação & Realidade**, [S. I.], v. 36, n. 1, p.191-211, 2011.

MOREAU, Diego; MACHADO, Laluña. **História dos Quadrinhos: EUA.** São José: Skript, 2020.

MORRISON, Toni. **A Origem dos Outros:** Seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Fundamentos antropológicos e histórico-jurídicos das políticas de universalização e de diversidade nos sistemas educacionais no mundo contemporâneo. In: SILVÉRIO, Valter; MOEHLECKE, Sabrina. (Orgs.). **Ações Afirmativas nas políticas educacionais: o contexto pós-Durban.** São Carlos: EDUFSCAR, 2009. p. 171-193.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 209–224, jan. 2004.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Entre máscaras e espelhos: reflexões sobre a identidade e o ensino de História da África nas escolas brasileiras. **Revista História Hoje**, São Paulo, vol.1, n.1, pp. 29-44, 2012.

OLIVEIRA, Amurabi. NOVA ERA E NEW AGE POPULAR: as transformações nas religiões brasileiras. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 12, n. 100, p. 65-85, jan/jul 2011.

PELED-ELHANAN, Nurit. **Ideologia e Propaganda na Educação:** a palestina nos livros didáticos israelenses. São Paulo: Boitempo; Editora Unifesp, 2019.

PESTANA, Cristiane Veloso de Araújo. Qual a cor do negro nos livros de literatura infantil? **Literafro**, 22 jun. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1541-cristiane-pestana-qual-a-cor-do-negro-nos-livros-de-literatura-infantil>. Acesso em 15 dez 2022.

PSIQUICO, Picareta. **Quadrinhos à frente de seu tempo – Milestone Media.** 2022. Disponível em: <https://quadrinheiros.com/2022/11/07/quadrinhos-a-frente-de-seu-tempo-milestone-media/>. Acesso em: 18 maio 2024.

QUIANGALA, Anne Caroline. **Ta-Nehisi Coates:** o homem por trás do pantera negra!. 2018. Disponível em: <https://www.pretaenerd.com.br/2018/02/tanehisicoates.html>. Acesso em: 25 maio 2024.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Negro Sou.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

REGINALDO, Lucilene. Racismo e naturalização das desigualdades: uma perspectiva histórica. **Jornal da UNICAMP**, Campinas, 21 nov. 2018.

REZENDE, L. L. A ética do amor nos pretos-velhos umbandistas. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 66, p. 451–505, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/47696>. Acesso em: 18 maio. 2024.

RIBEIRO, Winnie. **Imagens de Controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

RODRIGUES, Márcio dos Santos. Apontamentos para pesquisa histórica sobre quadrinhos. In: CALLARI, Victor; RODRIGUES, Márcio dos Santos (org.). **História e quadrinhos**: contribuições ao ensino e à pesquisa. Belo Horizonte: Letramento, 2021.

ROSSATO, Cesar; GESSER, Verônica. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward. W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco. D. C. F.. A virada e a imagem: história teórica do *pictorial/iconic/visual turn* e suas implicações para as humanidades. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 27, p. e08, 2019.

SANTOS, Lucas Bernardo dos. **"Os 300 de Esparta" e "Holly Terror": do orientalismo à experiência em sala de aula, a desconstrução do estereótipo árabe no ambiente escolar**. 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.

SANTOS, Marina. **Narrativas Palmarinas: usando romance gráfico histórico (Graphic Novel) para ensinar relevância e perspectiva histórica em aulas de História**. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

SANTOS, Roberto Elísio dos. O Brasil através das histórias em quadrinhos de humor. Cuad. Cent. Estud. Diseñ. Comun., Ensayos, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 74, p. 153-167, set. 2019. Disponível em http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-35232019000400153&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 19 jan. 2024.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Veneta, 2020.

SILVA, Elisângela Coêlho da. **A História da África na Escola, construindo olhares “outros”:** as contribuições do manual do professor do livro didático de história do ensino médio. 2028. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SILVA, Marcos. "TUDO QUE VOCÊ CONSEGUE SER" - TRISTE BNCC/HISTÓRIA (A versão final). **Ensino em Re-Vista**, [S. I.], v. 25, n. 4, p. 1004–1015, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/46454>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SILVA, Petronilha. B. G. E. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, v. 30, n. 3, 14 mar. 2007.

SILVA, Renato Cavalcante da. **Reflexões sobre a HQ do Pantera Negra e suas correlações entre o ensino e aprendizagem a respeito da história da África.** 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

SILVA, Severino Jaime da. **Ensinando a história da resistência dos escravizados através de Histórias em Quadrinhos (HQs) sobre o quilombo de Catucá.** 2022. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, 2022.

VELOSO, R.M. **Imagens de uma escrava rebelde: quadrinhos, raça e gênero no Ensino de História.** Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Campinas, 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VEGUEIRO, W. (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. **Os Pioneiros no Estudo de Quadrinhos no Brasil.** São Paulo: Criativo, 2013.

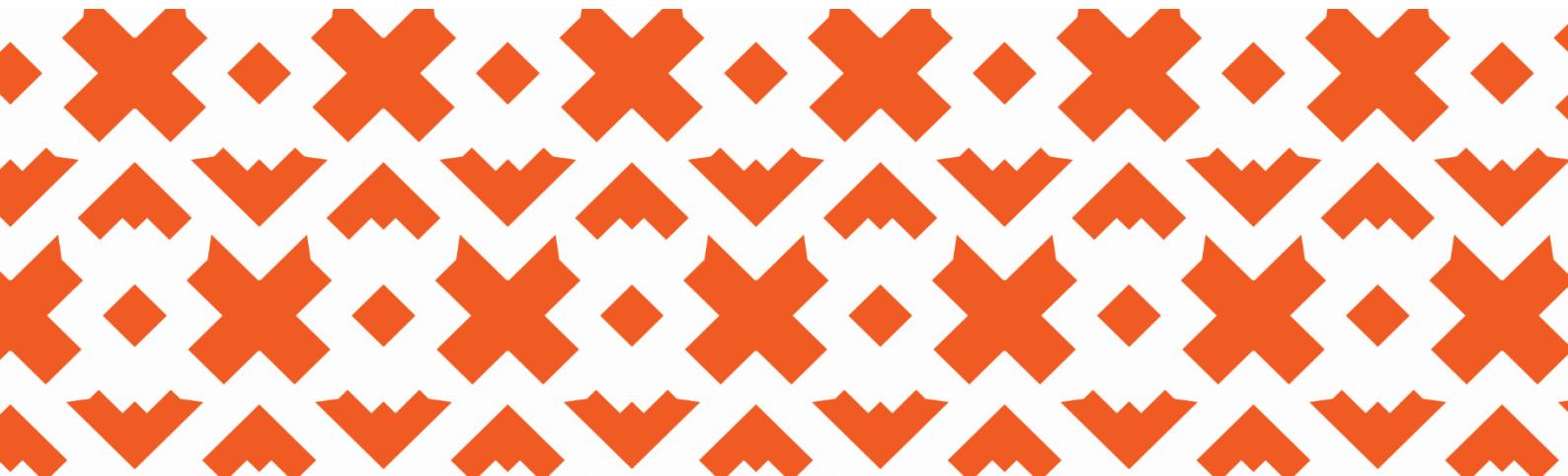
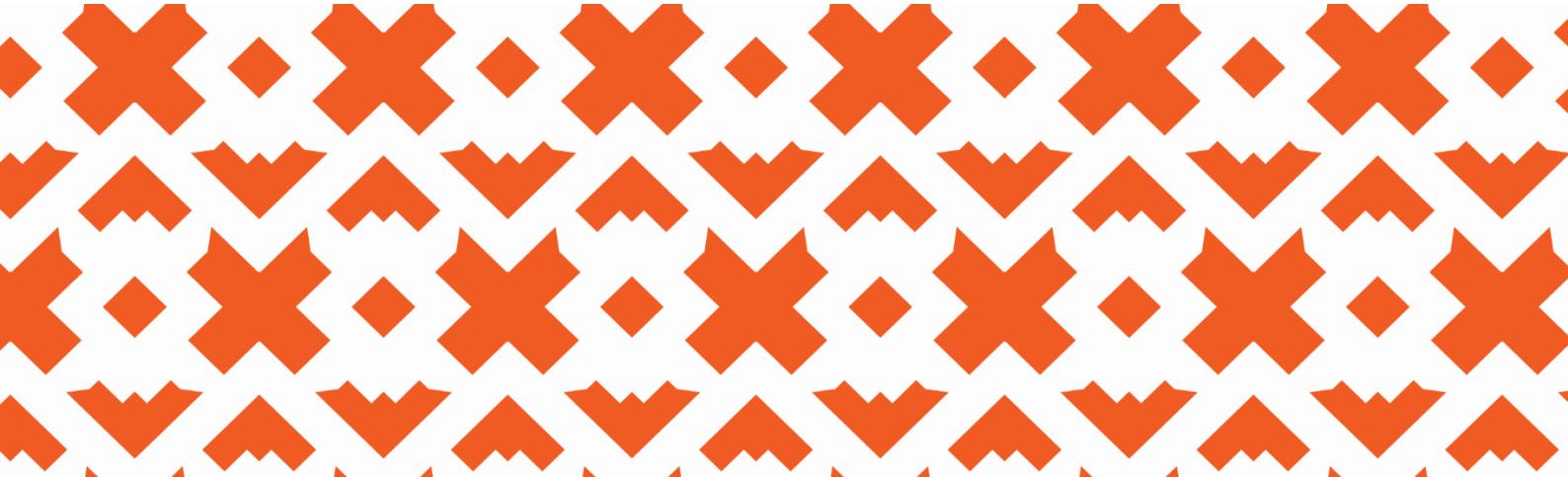
VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil.** São Paulo: Peirópolis, 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na Educação:** da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2018.

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2018.

WEINSTEIN, Barbara. **A cor da modernidade:** A branquitude e a formação da identidade paulista. São Paulo: Edusp, 2022.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.



CATÁLOGO DE QUADRINHOS ANTIRRACISTAS

SUMÁRIO DO CATÁLOGO

Apresentação	143
Roteiro de Análise de Quadrinhos	147
Vocabulário da Linguagem dos Quadrinhos	149
Século XV	
1 – Contos dos Orixás	152
2 – Contos dos Orixás – O Rei do Fogo	156
Brasil Colónia	
3 – A Infância do Brasil	160
4 – Angola Janga: Uma história de Palmares	166
5 - Cumbe	170
6 – As aventuras coloniais de Mineirão e Zé Bonfim	175
7 – A Batalha	180
Segundo Reinado	
8 – Grilhões	186
9 – Mukanda Tiodora	191
República Velha	
10 – Beco do Rosário	196
11 – Couro de Gato: Uma história do Samba	202
12 – La Dansarina	207
13 – Estórias Gerais	212
Era Vargas	
14 – Jubiaíba de Jorge Amado	217
15 – Salseirada	223
República Populista	
16 – Carolina	228
Brasil República – Anos 1960, 1970 e 1980	
17 – Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias	233
Era Vargas/República populista/Ditadura civil-militar/Brasil democrático	
18 – O Fim da Noite	239
Atualidade	
19 – Jeremias: Pele	245
20 – Jeremias: Alma	250
21 – Jeremias: Estrela	255
22 – Em ti me vejo	260
23 – Pérolas Brancas	265
24 – Crianças Selvagens	269
25 – Encruzilhada	274
Atualidade/Período da Pandemia de COVID-19	
26 - Confinada	279
Futuro	
27 – Ebó 2022	285
28 – Para todos os tipos de vermes	289

APRESENTAÇÃO

Este catálogo apresenta HQs que tratam de questões raciais e questionam os mecanismos de perpetuação do modelo hegemônico eurocêntrico, ou seja, apontam os privilégios da branquitude e as desigualdades raciais.

O catálogo visa auxiliar professoras e professores nas escolhas de recursos didáticos que tratem de temas históricos e abordem de forma crítica as relações raciais no país. Ao apresentar essas obras, algumas pouco conhecidas do público ao qual esse catálogo é direcionado, o produto trará um pequeno relatório com análises internas e externas sobre cada uma delas, demonstrando possibilidades de uso em sala de aula. Além de indicar uma série de HQs, o produto também possibilitará que docentes façam suas próprias análises de obras que não se encontram nesse catálogo, ou seja, ampliem o volume de produções que podem ser trabalhadas em sala de aula, desenvolvendo práticas antirracistas ao questionarem os privilégios da branquitude.

Há uma grande variedade de quadrinhos que sugerem provocações importantes ao tratar de questões emergentes na atualidade, trazendo, por exemplo, situações de violação de direitos e de como o contexto no qual as cenas ocorrem destrincham os mecanismos da branquitude. Por que determinada pessoa é caracterizada como suspeita por ter cometido um crime? Qual o tipo de abordagem? Por que essas violências se perpetuam? Muitas problematizações podem ser realizadas a partir das narrativas, podendo se caracterizar como um ponto de partida para as discussões sobre o conceito de branquitude, racismo e desigualdade racial nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Os quadrinhos estão dispostos por ordem cronológica dos períodos abordados, sendo apresentadas primeiramente informações técnicas bibliográficas, os temas abordados, as premiações recebidas e uma breve biografia de seus autores. Posteriormente, o catálogo apresenta um resumo da história, seguido pela análise propriamente dita, com a elaboração de possibilidades de interpretação sobre a obra, relacionando-as ao contexto desta dissertação. Além desses aspectos, relacionarei as habilidades contidas na BNCC que podem ser trabalhadas em sala na disciplina de História no Ensino Fundamental e na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio.

Os quadrinhos podem ser tomados por fontes históricas e, por isso, utilizados como recursos didáticos. Para isso, é necessário estabelecer premissas para seu uso, principalmente no que se refere às intencionalidades no processo educativo. Como prática no ensino de História, o uso de quadrinhos pode seguir três orientações, segundo Túlio Vilela:

- A) Para ilustrar ou fornecer uma ideia de aspectos da vida social de comunidades do passado;
- B) Para serem lidos e estudados como registros da época em que foram produzidos;
- C) Para serem utilizados como ponto de partida de discussões de conceitos importantes para a História.¹⁵²

Esses três usos abrem muitas possibilidades de práticas em sala de aula, mas é preciso ter uma compreensão precisa do que se quer ao selecionar uma obra que servirá de recurso didático. O objetivo deste catálogo é apresentar quadrinhos com potencial para desenvolver práticas antirracistas associadas ao ensino de História. Para isso, as análises se darão por meio da interpretação do conjunto imagem/texto contido em suas páginas, buscando demonstrar como a branquitude pode ser questionada por meio dessas obras.

As 28 obras analisadas foram escritas e desenhadas por autores e autoras brasileiras, que abordam, de alguma forma, a questão racial no Brasil, mesmo que o tema central não seja esse, mas apareça como um elemento da história. Para construir essa listagem, utilizei, primeiramente, meu acervo pessoal de quadrinhos, procurando obras que tratassesem do tema. Depois, realizei uma busca na internet por sites e reportagens com indicações de produções brasileiras que abordassem questões raciais e, por último, um garimpo nos eventos de quadrinhos, como a Comic Con Experience (CCXP) dos anos de 2022 e 2023 e a Perifacon de 2024, na cidade de Diadema.

Importante destacar que há um crescente número de quadrinhos que tratam de questões raciais sendo lançados, inclusive no exato momento da escrita desta dissertação, dificultando a criação de uma lista completamente atualizada. Dessa forma, o catálogo, muito provavelmente, terá ausências importantes, porém, o objetivo

¹⁵² VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 105-129.

é que ele sirva como um ponto de partida para o uso de quadrinhos em sala de aula, deixando a possibilidade para professoras e professores inserirem novas edições.

Quadro 2: Lista de quadrinhos analisadas nesta dissertação

AUTOR/AUTORA	TÍTULO	ANO	TEMAS
1 Hugo Canuto	Contos dos Orixás	2019	Religiões de matriz africana/ Império de Oiô
2 Hugo Canuto	Contos dos Orixás – O Rei do Fogo	2023	Religiões de matriz africana/ Império de Oiô
3 José Aguiar	A Infância do Brasil	2022	A infância no Brasil ao longo da história do país
4 Marcelo D'Salete	Angola Janga	2017	Quilombo dos Palmares/Zumbi dos Palmares/Escravidão colonial
	Cumbe	2014	Escravidão colonial e resistência à opressão escravocrata/ Relações interpessoais entre pessoas escravizadas
6 Al Stefano e Marcos Araújo	As aventuras coloniais de Mineirão e Zé Bonfim	2016	Escravidão/Inconfidência Mineira/Ciclo do ouro
7 Eloar Guazelli e Fernanda Verissimo	A Batalha	2022	Batalha Mboroé (Tratados de limites)
8 Marcelo D'Salete	Mukanda Tiodora	2022	Escravidão no período imperial/ Movimento abolicionista/Redes de apoio mútuo entre pessoas escravizadas
9 Alex Mir e Diógenes Neves	Grilhões	2022	Escravidão no período monárquico/Resistência à escravidão
10 Ana Luiza Koether	Beco do Rosário	2020	Reformas urbanas/Segregação racial/Preconceito de gênero/ Feminismo
11 Carlos Patati e João Sánchez	Couro de Gato	2017	História do samba
12 Lilo Parra e Jefferson Costa	La Dansarina	2017	Gripe espanhola/Desigualdade social e racial/Religiosidade afro-brasileira/Coronelismo
13 Wellington Srbek e Flávio Colin	Estórias Gerais	2001	Conflitos no interior do Brasil/ Preconceito racial/Coronelismo/ Cultura popular

14	Spacca	Jubiabá de Jorge Amado	2009	Religiões de matriz africana/Preconceito racial/Movimento de trabalhadores
15	Al Stefano	Salseirada	2019	Sertão nordestino/Coronelismo/Escravidão/Folclore nordestino/Êxodo rural/Cangaço
16	Sirlene Barbosa e João Pinheiro	Carolina	2016	Racismo/Pessoas marginalizadas/Biografia de Carolina Maria de Jesus
17	Jefferson Costa	Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias	2019	Sertão nordestino/Êxodo rural/Mundo do trabalho
18	Rafael Calça e Diox	O Fim da Noite	2022	Exclusão social/Racismo/Períodos políticos do Brasil
19	Rafael Calça e Jefferson Costa	Jeremias: Pele	2018	Preconceito racial/Representatividade negra
20		Jeremias: Alma	2020	Representatividade negra/Ancestralidade africana
21		Jeremias: Estrela	2024	Narrativas sobre o Outro/Violência urbana
22	Regiane Braz e Marília Marz	Em ti me vejo	2023	Representatividade negra/Preconceito racial/Movimento negro
23	Robson Moura	Pérolas Brancas	2019	Racismo estrutural brasileiro
24	Gabú Brito	Crianças Selvagens	2020	Abandono infantil/Violência policial/Pobreza urbana/Infância marginalizada
25	Marcelo D'Salete	Encruzilhada	2011	Relações raciais no cotidiano das grandes cidades/Violência policial/Desigualdade racial
26	Leandro Assis e Triscila Oliveira	Confinada	2021	Relações de trabalho/Privilégios da branquitude/Pandemia de COVID-19/Desigualdade social e racial/Crítica ao negacionismo científico
27	Alex Mir e Dainreson	Ebó 2222	2022	Religiosidade de matriz africana/Preconceito racial/Relacionamentos abusivos
28	Kyone Ayo	Para todos os tipos e vermes	2020	Preconceito racial/Segregação racial

Fonte: Levantamento realizado pelo próprio autor.

ROTEIRO DE ANÁLISES DE QUADRINHOS

Informações bibliográficas

Neste campo, a intenção é fazer um levantamento de dados bibliográficos da obra analisada, para que possamos ter informações acerca de sua produção. Se o objetivo é utilizar o quadrinho como uma fonte histórica em sala de aula, saber quando a HQ foi produzida, quem produziu, o local de publicação e a editora que a publicou podem ser pontos de partida para uma análise externa da fonte, pois, por meio dessas informações, poderíamos começar a compreender o contexto em que ela foi produzida e quais as intenções da(o) artista.

Boa parte dessas informações estão contidas na própria obra, fazendo com que essa parte da análise seja realizada de forma rápida. Importante notar que essas informações são fundamentais no processo de catalogação, pois situam essas fontes no tempo e no espaço em que foram produzidas.

Tema

O tema de uma obra nem sempre é evidente no título ou na observação da capa, sendo necessário, por vezes, ler toda a HQ para identificá-lo. É possível que uma HQ aborde variados temas, sendo que um pode ser o central enquanto os outros são secundários, ou que todos os temas sejam tratados com a mesma importância, interligando-se pela narrativa construída pela(o) artista.

Identificar o tema nos permite definir as possibilidades de uso dessa obra em sala de aula, definindo em quais momentos é pertinente introduzi-la no planejamento da aula. Interessante perceber que um quadrinho não precisa ser utilizado em sua totalidade, um trecho da história, uma página ou até mesmo um único quadro pode servir ao objetivo traçado para uma determinada aula.

Prêmios

As premiações são formas de perceber a relevância de uma obra dentro de um determinado contexto, ou seja, analisar um quadrinho enquanto fonte histórica, compreender o motivo da sua premiação, nos possibilita compreender o período em que foi produzido e se seu tema dialoga com as preocupações e debates de seu tempo.

Fazer essas associações não é uma tarefa simples, é necessário, além de conhecer a conjuntura do período em que a obra foi lançada, ‘compreender as sutilezas das premiações, como por exemplo, quem são as pessoas envolvidas com a concessão do prêmio, a quais interesses estão vinculados, quem são os financiadores da premiação, etc. Dessa forma, é uma escolha individual de quem analisa a obra fazer esse levantamento, isso se dará de acordo com as intenções de uso da HQ em sala de aula.

Biografia de autoras(es)

Conhecer quem produziu a obra é muito importante para compreendermos o contexto do quadrinho. Muitas das biografias estão presentes na própria obra, mas mesmo que isso aconteça, é interessante que se busque outras informações sobre a(o) artista, para que essas informações fiquem mais completas e nos apresente um panorama mais amplo sobre a elaboração do quadrinho.

Em sala de aula, trabalhar a obra junto com a biografia de quem a produziu nos permite desenvolver um debate acerca das intencionalidades e influências das(os) artistas, em quais contextos se deu sua formação, quais ideias estão presentes na obra, mesmo que elas não estejam evidentes em suas páginas. Obviamente não é uma tarefa simples, mas nos permite construir uma atividade muito rica de análise de fonte histórica junto às alunas e alunos.

Resumo

Fazer um resumo da obra analisada é importante para que se possa apresentá-la para alunas e alunos com a finalidade de estimular a leitura do quadrinho, é como se fosse uma espécie de sinopse que pode criar a expectativa pela leitura.

É necessário que se perceba os pontos mais relevantes da obra, mesmo que essas partes não estejam ligadas diretamente com a narrativa central da história. Como a intenção desta análise é elaborar possibilidades de usos de HQs em sala de aula, uma narrativa secundária na obra pode servir perfeitamente para o objetivo traçado pela professora ou professor.

Análise

Esta certamente é a parte mais importante da criação do catálogo, é o momento em que se analisa a HQ sob a ótica antirracista, buscando perceber os indícios da branquitude, ou a ausência dela, nas páginas do quadrinho. Realizar uma leitura cuidadosa é necessário para perceber nos traços, nos textos, nas composições dos quadros, como as(os) artistas elaboraram sua obra, se são influenciados pelas concepções racistas da sociedade em que vivem, ou se usam de sua arte para desenvolver um debate antirracista.

Importante notar a forma como a narrativa desenvolve os personagens não brancos, se são humanizados, se apresentam traços de personalidade, se possuem um contexto coletivo e histórico, se há elementos complexos como religiosidade, posicionamento político, manifestação de pensamento, desejos e medos aparentes. Dessa forma é possível identificar se a obra questiona os privilégios da branquitude ao apresentar os indivíduos como seres plenos, com suas qualidades e defeitos, distante dos estereótipos que marcam a criação de personagens não brancos em muitas produções culturais.

Habilidades da BNCC

No último item da análise do quadrinho, é necessário relacioná-lo com as habilidades apresentadas na BNCC, a fim de respaldar seu uso em sala de aula e no planejamento da disciplina. Ao realizar essa ação é possível perceber que cada quadrinho pode ser utilizado em diferentes anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, não ficando restrito apenas ao conteúdo específico vinculado ao tema principal da obra.

VOCABULÁRIO DA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

Este vocabulário tem como objetivo apresentar alguns dos termos mais importantes da Linguagem dos Quadrinhos, com a intenção de estimular a leitura crítica e o uso das HQs em sala de aula de uma forma mais elaborada. Muitos desses termos não estão presentes neste catálogo, porém, são de grande importância na compreensão desta linguagem e estão divididos em dois grupos: Elementos gráficos e estruturais e Elementos narrativos.

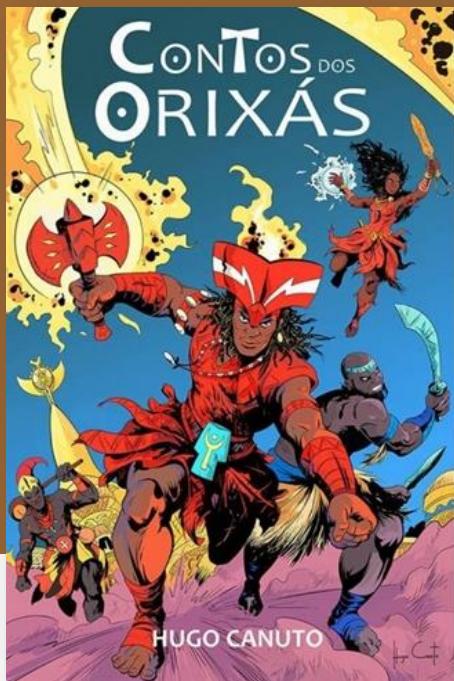
Elementos gráficos e estruturais

- **Balão:** Forma gráfica onde aparecem os diálogos ou pensamentos dos personagens.
 - **Balão de fala:** Indica diálogo entre personagens, normalmente ovalado com um apêndice em direção do falante.
 - **Balão de pensamento:** Apresenta os pensamentos do personagem, frequentemente com linhas onduladas com um apêndice composto por bolhas, indo em direção ao falante.
- **Bordas (Molduras):** Limites dos quadros. Podem ser rígidas, suaves, ou até ausentes, dependendo do efeito desejado. Bordas irregulares podem indicar eventos caóticos ou surreais.
- **Caixa de texto (Recordatório):** Área usada para narração, informações adicionais ou pensamentos que não cabem nos balões.
- **Cenário:** Fundo ou ambientação representados nos quadros, ajudando a contextualizar a narrativa.
- **Contornos (Linhas de Bordas):** Linhas que delimitam personagens, objetos ou elementos narrativos dentro do quadro. Variam em espessura para criar ênfase ou contrastes.
- **Cores e sombreamento:** Usados para definir o tom, a atmosfera ou o foco de uma cena.
- **Double Spread (Splash Dupla):** Imagem que se estende por duas páginas adjacentes, criando um efeito expansivo. Comumente utilizadas para criar um grande impacto em quem lê.
- **Estilo de traço:** Característica do desenho, que pode variar entre realista, estilizado ou cartunesco.
- **Layout (Composição):** Organização dos quadros na página para guiar a leitura.
- **Letreiramento:** Estilo de escrita utilizado nos balões, caixas de texto ou efeitos sonoros. Também pode ser considerado como um recurso narrativo.
- **Linha de Movimento (Speed Lines):** Traços usados para indicar movimento ou velocidade dentro de um quadro
- **Margem:** Área que delimita os quadros, destacando sua separação ou criando hierarquia visual. Também pode ser considerado como um recurso narrativo.

- **Metáforas visuais:** Uso de símbolos ou imagens para representar conceitos abstratos (ex.: corações para amor, nuvens negras para tristeza).
- **Página:** Conjunto de quadros organizados para compor uma narrativa em uma única folha.
- **Perspectiva:** Uso de ângulos para criar profundidade e dinamismo.
- **Plano:** Posição e ângulo da imagem em relação à quem lê (ex.: plano geral, plano médio, close-up).
- **Quadro (Painel):** Área delimitada onde a ação é representada. Pode variar em forma e tamanho.
- **Sarjeta (Calha):** Espaço em branco entre os quadros. Possui uma função importantíssima na leitura de quadrinhos, o estímulo à imaginação de quem lê, que precisa completar a narrativa entre um quadro e outro. Também pode ser considerado como um recurso narrativo.
- **Splash page:** Página inteira dedicada a uma única imagem, geralmente usada para criar impacto.

Elementos narrativos

- **Cliffhanger:** Suspense no final de uma página ou edição, usado para manter o interesse do leitor.
- **Encenação (Mise-en-scène):** Organização dos elementos visuais no quadro para transmitir informações narrativas.
- **Flashback:** Representação de eventos passados.
- **Flashforward:** Antecipação de eventos futuros.
- **Onomatopeia:** Palavra que reproduz sons, como "BANG!" ou "ZZZZ".
- **Pacing (Ritmo):** Controle da velocidade da narrativa através do número, tamanho e organização dos quadros.
- **Personagem:** Protagonistas, antagonistas e coadjuvantes que conduzem a narrativa.



1 - Contos dos Orixás

Hugo Canuto

Século XV

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2018
Ano da edição analisada	2018
Editora	Independente
Local de publicação	Salvador

TEMAS

Religiões de matriz africana
História do Império de Oiô

PRÊMIOS

Prêmio Angelo Agostini de Melhor Lançamento - 2020
Finalista do Prêmio Jabuti - 2020

BIOGRAFIA DO AUTOR

O soteropolitano Hugo Canuto é roteirista, ilustrador e pesquisador, formado em Arquitetura, busca apresentar as histórias relacionadas ao candomblé, trazendo para um público diverso a cultura iorubá por meio de HQs.

Inspirado no traço de Jack Kirby, famoso quadrinista estadunidense, Hugo Canuto se aproveita da popularidade dos quadrinhos de super-heróis para narrar histórias da cultura africana, inserindo a dinâmica típica dos personagens uniformizados, com a finalidade de popularizar o conhecimento sobre as religiões de matriz africana.

Sua obra é exposta em diversos eventos, além de estar no acervo permanente do National Museum of African American History & Culture do Smithsonian, nos EUA.

RESUMO

Ao apresentar o Império de Oió sob o reinado de seu terceiro governante, Xangô, Hugo Canuto consegue trazer elementos da cultura iorubá para a linguagem dos quadrinhos, com a intenção de aproximar o leitor desses elementos culturais, tão importantes para a construção da sociedade brasileira, mas que sofrem um pesado preconceito, devido ao histórico de depreciação de qualquer herança africana no país.

Por meio de uma narrativa heroica, Xangô, auxiliado por outras divindades da cultura iorubá, como Oxum, Iansã, Exu e Ogum, enfrentam invasores que pretendiam dominar todos os reinos pertencentes ao Império de Oió, em uma batalha épica e de uma beleza gráfica, que se compara às grandes obras de Jack Kirby.

ANÁLISE

Esta obra pode ser utilizada para discutir a branquitude justamente pela sua ausência, pois se trata de um quadrinho que tem como foco exclusivo a narração da cultura iorubá sob o olhar de um artista negro, pesquisador do candomblé e preocupado com a representatividade negra nas produções culturais brasileiras.

Ao apresentar elementos da cultura iorubá, o quadrinho pode ser utilizado em sala de aula como um recurso didático para se trabalhar com os reinos africanos e a importância deles na construção da cultura brasileira, ao relacionar o conjunto das culturas africanas que foram trazidas para o Brasil por meio do processo de escravização de pessoas negras no continente africano.

O quadrinho se configura como um ótimo elemento de combate aos estereótipos construídos acerca das sociedades africanas, que sofrem com o imaginário de pobreza e escassez vinculados a elas, construído por meio de imagens e textos minuciosamente escolhidos para difundir uma determinada ideia sobre esses povos e territórios. Ao apresentar uma sociedade desenvolvida, pujante, rica econômica e culturalmente, professores poderão debater com alunas e alunos como a visão eurocêntrica dificulta, e até mesmo impede, que percebamos a complexidade e o desenvolvimento das sociedades africanas ao longo do tempo.

HABILIDADES DA BNCC

(EF07HI01) Explicar o significado de “modernidade” e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.

(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

(EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).

(EF08HI06) Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade,

cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplam outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

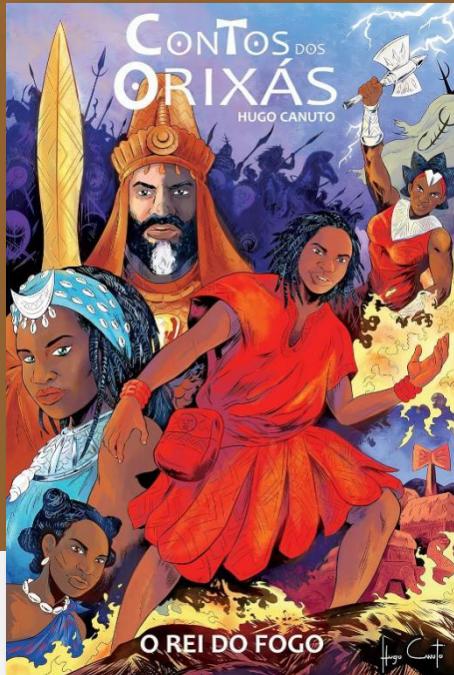
(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).



2 – Contos dos Orixás: O Rei do Fogo

Hugo Canuto

Século XV

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2023
Ano da edição analisada	2023
Editora	Trem Fantasma
Local de publicação	Salvador

TEMAS

Religiões de matriz africana
História do Império de Oió

BIOGRAFIA DO AUTOR

O soteropolitano Hugo Canuto é roteirista, ilustrador e pesquisador, formado em Arquitetura, busca apresentar as histórias relacionadas ao candomblé, trazendo para um público diverso a cultura iorubá por meio de HQs.

Inspirado no traço de Jack Kirby, famoso quadrinista estadunidense, Hugo Canuto se aproveita da popularidade dos quadrinhos de super-heróis para narrar histórias da cultura africana, inserindo a dinâmica típica dos personagens uniformizados, com a finalidade de popularizar o conhecimento sobre as religiões de matriz africana.

Sua obra é exposta em diversos eventos, além de estar no acervo permanente do National Museum of African American History & Culture do Smithsonian, nos EUA.

Resumo

A primeira parte do quadrinho é a narração da origem de toda a existência por meio da cosmogonia iorubá e serve como uma ótima apresentação das principais divindades e dos preceitos religiosos do candomblé. A sequência apresenta os reinos que se formam a partir do grande Reino de Ilê-Ifé, principalmente o Reino de Oió, que será o foco da história.

A narrativa prossegue com a história do primeiro rei de Oió, Oraniã, e sua família, focando principalmente no seu filho mais novo, Xangô, mas também nas lutas contra reinos invasores e membros traidores da Corte.

Xangô é o herói da trama, passando pelo trauma da perda de seu pai e de seu lar. Buscando refúgio em outras terras, descobre que possui poderes que o ajudarão a libertar seu povo do domínio dos invasores do Reino de Oió.

ANÁLISE

Da mesma forma que o primeiro quadrinho de Hugo Canuto, essa obra pode ser utilizada para se discutir a branquitude a partir de sua ausência, ou seja, pela apresentação de uma cultura africana de grande importância para a história brasileira, sem a interferência do olhar eurocêntrico sobre ela.

Ao construir uma narrativa relacionada com muitos elementos do candomblé e com a história do Reino de Oió, um dos mais importantes reinos iorubás, o quadrinho se configura como um ótimo recurso didático para se trabalhar em sala de aula com a história do continente africano, aprofundando elementos que, normalmente, não são contemplados nos livros didáticos, ou são tratados de forma superficial.

O quadrinho, em suas páginas finais, apresenta um mapa de todos os reinos da região que existiam no período abordado, estimulando que o leitor realize uma pesquisa sobre eles, já que alguns não aparecem na obra. Esse é mais um elemento de potencial didático.

Enquanto um documento histórico, tratá-lo como uma evidência da importância do movimento negro para a conquista de representatividade nas produções culturais é outra possibilidade de se trabalhar o quadrinho. A apresentação do contexto em que a obra foi produzida, quem produziu, com quais intenções e influências são elementos interessantes para se debater em sala de aula, na construção de uma prática pedagógica eficiente e, neste caso, antirracista.

HABILIDADES DA BNCC

(EF07HI01) Explicar o significado de “modernidade” e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.

(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

(EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade etnicoracial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).

(EF08HI06) Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).



3 - A Infância do Brasil

José Aguiar

Brasil Colônia –

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2017
Ano da edição analisada	2022
Editora	Nemo
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

A infância no Brasil ao longo da história do país

PRÊMIOS

Finalista do Prêmio Jabuti Melhor História em Quadrinho – 2018
Prêmio Leblanc Melhor Quadrinho Nacional Publicado por Editora – 2018
Prêmio Minuano de Melhor Quadrinho – 2018
Troféu HQMIX de Melhor Adaptação para outras linguagens - 2017

BIOGRAFIA DO AUTOR

José Aguiar é mestre em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Premiado quadrinista, também publicado na Europa. Indicado ao Prêmio Jabuti, pelos seus livros “Reisetagebuch – Uma viagem ilustrada pela Alemanha”, “Coisas de adornar paredes”, “A Infância do Brasil” e “CWB”. Este último também foi finalista do Prix BD Alternative do Festival de Angoulême, na França. Sua tira de humor “Nada com coisa alguma” é publicada no jornal O Globo. Escreveu sobre cultura pop na Folha de São Paulo e no site Omelete, e o livro “Narrativas gráficas curitibanas”, resgate da história dos quadrinhos, *charges* e cartuns em sua cidade natal. Autor também da webcomic adolescente “Malu”.¹⁵³

Resumo

Contando a história de violências que crianças sofrem desde o início do período colonial no Brasil até os dias atuais, José Aguiar traz um quadrinho visceral, que nos causa um nó no estômago enquanto o lemos, sensação que não nos abandona quando terminamos. Com seis contos curtos, cada um apresentando um século da história do Brasil, a obra narra a brutalidade imposta às crianças brasileiras, principalmente às indígenas e negras, sempre sendo tratadas como uma espécie de propriedade de senhores brancos.

A cada conto, o autor traz, em sua última página, uma relação com a atualidade, demonstrando que, mesmo com o passar do tempo, as condições de vida das crianças pobres não mudaram significativamente: ainda são sujeitas a todas as formas de violência e têm seus direitos negligenciados, sofrendo abusos e tendo sua dignidade retirada, como se não fossem indivíduos que merecessem respeito.

Em contraposição, o autor apresenta crianças em situação oposta, cercadas de carinhos e cuidados, demonstrando o abismo que existe entre as classes sociais no país e como essa situação possui uma origem histórica, caracterizando-se como uma permanência em nossa sociedade.

¹⁵³ Biografia disponível em <https://www.grupoautentica.com.br/autor-detalhe/2127>.

ANÁLISE

A branquitude se apresenta em muitos aspectos da obra, um deles é a contraposição que existe em relação às condições distintas de vida das crianças brasileiras ao longo da história. A forma como crianças negras e indígenas são tratadas demonstra a percepção que se tem sobre elas: não são encaradas como indivíduos, e sim como coisas, que servem a uma determinada estrutura de produção, ou a um determinado capricho dos adultos.

Essa situação também se estende às crianças brancas pobres, principalmente às imigrantes, que serviam como mão de obra barata nas fábricas no começo do século XX, sujeitas a acidentes que podiam até levar à morte. Porém, o quadinho mostra como a questão da classe social afeta fortemente a condição de vida das pessoas, de como as elites exploram o trabalho das camadas mais pobres da sociedade, como se fosse um direito natural, por serem ricos.

Em sala de aula, é possível trabalhar com todos os períodos da história brasileira, abordando como as estruturas políticas e econômicas afetavam diretamente as pessoas, principalmente as crianças, normalmente esquecidas nas análises históricas, por não serem consideradas sujeitos nessas sociedades. Utilizando o enfoque da branquitude nessas aulas, podemos apresentar como as pessoas brancas foram construindo seus privilégios em uma sociedade colonial e escravocrata, passando para o período monárquico, o pós-abolição e a atualidade, demonstrando como as elites brancas detêm o poder de decidir os destinos de pessoas negras, indígenas e pobres.

HABILIDADES DA BNCC

(EF07HI09) Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência.

(EF07HI10) Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial.

(EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade etnicoracial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).

(EF07HI15) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval.

(EF07HI16) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.

(EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF08HI22) Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

(EF09HI06) Identificar e discutir o papel do trabalhismo como força política, social e cultural no Brasil, em diferentes escalas (nacional, regional, cidade, comunidade).

(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

(EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres

etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

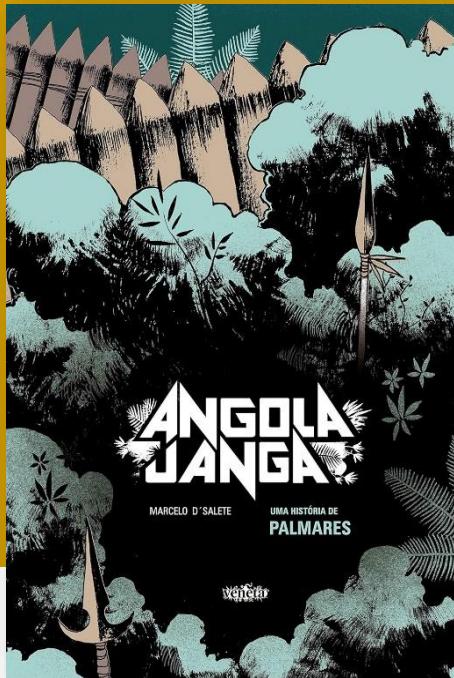
(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicorraciais no país.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira—com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes — e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



4 – Angola Janga: Uma história de Palmares

Marcelo D'Salete

Brasil Colônia

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2017
Ano da edição analisada	2017
Editora	Veneta
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Quilombo dos Palmares
Zumbi dos Palmares
Escravidão colonial

PRÊMIOS

Prêmio Jabuti de Quadrinhos - 2018
Prêmio Grampo de Ouro - 2018
Prêmio HQMIX de Desenhista, Roteirista, Destaque Internacional e Edição Especial Nacional – 2018
Rudolph Dirks Award Roteiro América do Sul - 2019

BIOGRAFIA DO AUTOR

Marcelo D'Salete é um quadrinista paulista licenciado em Artes Plásticas e mestre em Estética e História da Arte pela USP. Seus quadrinhos já receberam diversas premiações, como o Eisner Awards, o Prêmio Jabuti, o Grampo de Ouro e o Troféu HQMIX. Sua obra é composta por cinco quadrinhos, “Noite Luz” (2008), “Encruzilhada” (2011), “Cumbe” (2014), “Angola Janga” (2018) e “Mukanda Tiodora” (2022), sendo que “Cumbe” e “Angola Janga” foram selecionados para o Plano Nacional do Livro Didático Literário de 2018 e para o Plano Nacional de Leitura (LER+) de 2016 e 2019, em Portugal.

Resumo

A obra traça a história do Quilombo dos Palmares, por meio da trajetória de diversos personagens, reais e fictícios, vinculados de alguma forma com o Quilombo. Com uma narrativa entrecortada por *flashbacks* das histórias dos personagens, construindo as relações entre eles, o autor apresenta a resistência quilombola em Palmares, entrelaçando o passado de personagens como Ganga Zumba, Zona, Zumbi e Soares com a luta pela liberdade e a busca por um lar em lugar distante de sua terra natal. Além da história do Quilombo e de seus integrantes, D'Salete apresenta a ação dos senhores brancos da região para destruir a resistência e recapturar as pessoas que conseguiram escapar de seus cativeiros e se organizaram em torno de líderes negros.

ANÁLISE

Ao centralizar a narrativa na história de personagens e não no fato histórico, Marcelo D'Salete desenvolve uma percepção em torno das pessoas que construíram o Quilombo dos Palmares, fazendo com que o leitor perceba a dimensão humana de todo o contexto que envolve o processo de resistência contra a escravidão. Apresentando as relações entre os indivíduos, os dilemas éticos, os percursos individuais de cada personagem até o momento culminante da narrativa, a obra possibilita um debate acerca do peso da escravidão sobre as pessoas negras e como

elas encontram caminhos para suportar, ou até mesmo superar, a situação de opressão.

A branquitude enquanto um modelo é questionada quando personagens negros são humanizados, ou seja, quando suas histórias são narradas e estão cheias de detalhes, como, por exemplo, as marcas que Soares carrega em seu corpo, sejam elas relacionadas à cultura que pertence, sejam aquelas adquiridas pelos castigos físicos impingidos pelos feitores das fazendas. Nesta obra, Marcelo D'Salete mostra como as tradições podem ser questionadas e a busca pela sobrevivência pode determinar ações individuais e coletivas, fazendo com que o leitor possa compreender que as ações humanas, independentemente de qual grupo essas pessoas pertençam, podem ser repletas de contradições e, por isso, configuram-se enquanto um aspecto da humanidade de cada um desses personagens.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.

(EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas a uma percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo.

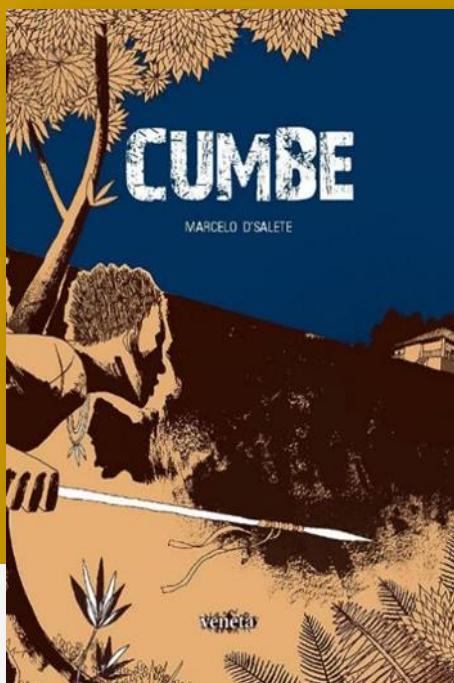
(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, para fundamentar a crítica à desigualdade entre indivíduos, grupos e sociedades e propor ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência dos jovens.



5 – Cumbe

Marcelo D'Salete

Brasil Colônia

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2014
Ano da edição analisada	2018
Editora	Veneta
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Escravidão colonial e resistência à opressão escravocrata
Relações interpessoais entre pessoas escravizadas

PRÊMIOS

Eisner Awards Melhor Edição de Material Internacional - 2018
Prêmio HQMIX Destaque Internacional - 2019

BIOGRAFIA DO AUTOR

Marcelo D'Salete é um quadrinista paulista licenciado em Artes Plásticas e mestre em Estética e História da Arte pela USP. Seus quadrinhos já receberam diversas premiações, como o Eisner Awards, o Prêmio Jabuti, o Grampo de Ouro e o Troféu HQMIX. Sua obra é composta por cinco quadrinhos, “Noite Luz” (2008), “Encruzilhada” (2011), “Cumbe” (2014), “Angola Janga” (2018) e “Mukanda Tiodora” (2022), sendo que “Cumbe” e “Angola Janga” foram selecionados para o Plano Nacional do Livro Didático Literário de 2018 e para o Plano Nacional de Leitura (LER+) de 2016 e 2019, em Portugal.

Resumo

Composto por quatro contos, o livro aborda a escravidão no período colonial, a partir da perspectiva individual das pessoas escravizadas. Ao narrar as dores de cada um dos personagens principais, o autor evidencia o sofrimento causado pelo sistema escravocrata aos indivíduos, que têm, além de sua liberdade, toda a possibilidade de alegria e paz tiradas à força.

“Calunga” – Este conto narra a história de Valu, homem escravizado que procura uma forma de fugir do cativeiro junto de sua amada, Nana. O horror da escravidão e a perspectiva de ser vendido para outra fazenda e não mais poder se encontrar com Nana faz com que Valu tome medidas drásticas e fuja do engenho, em direção ao mar. É possível trabalhar em sala de aula sobre como os laços entre pessoas escravizadas são impedidos pelos seus proprietários, com a prática da venda de pessoas escravizadas entre uma fazenda e outra, fazendo com que famílias sejam destruídas, devido à lógica de mercado no processo escravocrata.

“Sumidouro” – Nesta trágica história, o foco é Calu, mulher negra escravizada que trabalha na casa do senhor de engenho, onde sofre abusos sexuais e acaba engravidando por conta deles. Após o parto, seu bebê é roubado pela esposa do senhor e é jogado em um poço profundo, como forma de vingança pela traição do marido. A narrativa evidencia como os corpos das pessoas escravizadas são

encarados como propriedades de seus senhores, estando sujeitas a todas as formas de violência, inclusive a impossibilidade de ter consigo seu próprio filho.

“Cumbe” – Este conto apresenta uma forma de resistência à escravidão, a organização coletiva em busca de uma revolta armada. Centralizando a história no personagem Ganzo, o autor narra os laços de confiança construídos entre pessoas escravizadas devido às condições de opressão em que vivem, ao mesmo tempo em que criam desconfiança com quem possui algum tipo de privilégio dentro desse sistema. Ao apresentar esses laços e as resistências que surgem a partir deles, a história desconstrói a imagem de que o escravizado aceitava sua condição e não lutava contra ela, buscando caminhos para escapar dessa condição.

“Malungo” – Essa é a história de Damião e de sua irmã caçula, Ciça, uma criança deficiente visual, que é violentada e acaba morrendo nas mãos do senhor da fazenda. Após fugir e encontrar novos parceiros em um mocambo, Damião participa de um ataque à fazenda, buscando vingança contra seu antigo senhor. Este conto apresenta uma outra faceta da escravidão, o desejo de vingança que esse regime pode criar nas pessoas oprimidas por ele.

ANÁLISE

Marcelo D’Salete faz uma grande inversão do discurso escravocrata de desumanização do indivíduo como mecanismo de dominação. Ao apresentar as pessoas escravizadas como indivíduos capazes de manifestar afeto, tristeza, amor e perdão, o autor quebra com a narrativa bestializante elaborada acerca do escravizado e transfere os comportamentos animalescos para os indivíduos brancos. Em todos os contos da obra, as pessoas brancas são aquelas capazes de realizar as maiores atrocidades, que sentem prazer pelo sofrimento alheio. Não há características civilizatórias nos escravocratas, ao ponto que os indivíduos negros manifestam relações humanas complexas, mesmo que, por vezes, de forma violenta, porém, motivadas pelo desespero e pelo medo, sentimentos inerentes ao ser humano, demonstram vínculos com sua ancestralidade, sua religiosidade, tradições, buscam manter elementos de sua cultura, mesmo distante de onde nasceram. Ao apresentar

pessoas negras dessa forma, Marcelo D'Salete quebra com a perspectiva da branquitude sobre o Outro enquanto selvagem e atribui a barbárie ao escravocrata.

HABILIDADES DA BNCC

(EF07HI15) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval.

(EF07HI16) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.

(EF08HI11) Identificar e explicar os protagonismos e a atuação de diferentes grupos sociais e étnicos nas lutas de independência no Brasil, na América espanhola e no Haiti.

(EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotônicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais e culturais.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos e classes sociais diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contextos.

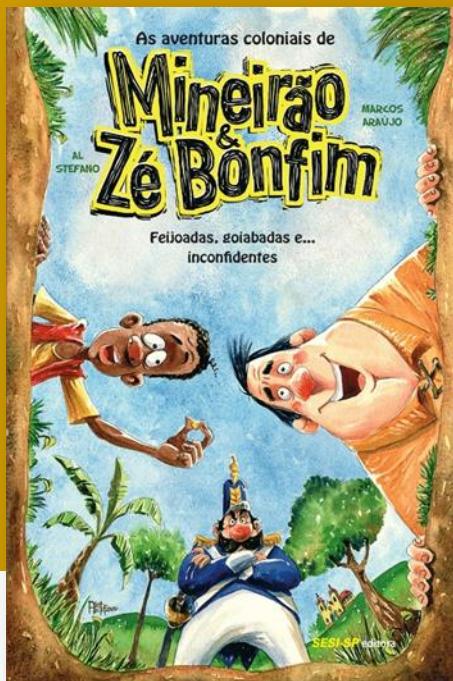
(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens e as gerações futuras, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS501) Compreender e analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a autonomia e o poder de decisão (vontade).

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, para fundamentar a crítica à desigualdade entre indivíduos, grupos e sociedades e propor ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência dos jovens.



6 – As aventuras coloniais de Mineirão e Zé Bonfim

Al Stefano e Marcos Araújo

Brasil Colônia

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2016
Ano da edição analisada	2016
Editora	SESI-SP Editora
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Ciclo do ouro
Inconfidência Mineira
Escravidão no período colonial

PRÊMIOS

Indicação para o Prêmio Troféu HQ MIX de melhor publicação Infantil – 2017

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Al Stefano – Ilustrador e quadrinista desde 1991, o paulistano Al Stefano, nome artístico de Alberto de Stefano, elabora ilustrações em livros didáticos para diversas editoras brasileiras. Ilustrou livros de autores como Ruth Rocha e Walcyr Carrasco, além de produzir suas próprias obras, como “Por mais um dia com Zapata”, “Salseirada”, “As aventuras coloniais de Mineirão e Zé Bonfim” e “Piratas do Cangaço”, e de participar em coletâneas como “São Paulo dos Mortos”, “Orixás”, “Bichos” e “Archimedes Bar”.

Marcos Araújo – Graduado em Publicidade e Propaganda, Marcos Araújo fez sua estreia como roteirista de quadrinhos nesta publicação. O autor não possui outras publicações.

Resumo

De forma bem-humorada, “As aventuras coloniais de Mineirão e Zé Bonfim” conta a história de dois amigos faiscadores durante o ciclo do ouro em Minas Gerais, mais precisamente no período da Inconfidência Mineira. Inspirados pelos famosos quadrinhos de Asterix e Obelix, produzidas por René Goscinny e Albert Uderzo, Al Stefano e Marcos Araújo trazem nesta obra muitos elementos importantes para a compreensão do período da história brasileira.

Mesmo que o foco seja os dois personagens principais e suas trapalhadas, o contexto, as reproduções da arquitetura local, as apresentações de personagens históricos e a preocupação com as indumentárias são elementos que contribuem para a construção de um cenário complexo para a narrativa. Entre os personagens reais da história, podemos citar Chico Rei, Tiradentes, Aleijadinho, Tomás Antônio Gonzaga, Visconde de Barbacena e Silvério dos Reis. Mineirão, um homem branco, e Zé Bonfim, um homem negro que conseguiu sua alforria, se envolvem involuntariamente com o movimento inconfidente e os ajudam, mesmo que isso possa significar grandes problemas para os dois.

Os autores brincam com a possibilidade de alterar a história do movimento inconfidente, fazendo com que o leitor ache que a traição que levou os inconfidentes

a serem presos antes que o processo revolucionário fosse deflagrado não acontecesse. Essa expectativa persiste até o final da história, e somente na última página há um desfecho em relação a isso.

ANÁLISE

As questões raciais são trabalhadas de maneira tangencial na obra, o foco são os problemas enfrentados pela dupla Mineirão e Zé Bonfim em relação aos representantes da Coroa portuguesa em Minas Gerais. Porém, por todo o quadrinho, a escravidão e as relações sociais entre pessoas brancas e negras estão presentes. Um dos pontos mais interessantes para se trabalhar em sala de aula é o perfil do personagem Zé Bonfim, um homem negro liberto, que busca juntar dinheiro para libertar sua família com o trabalho de faiçador nas minas de ouro.

Zé Bonfim é representado como um indivíduo um tanto egoísta, que foge de confusões e não quer se envolver em nada que possa lhe causar problemas. De forma superficial, podemos considerá-lo uma pessoa covarde, porém, há um contexto importante para ser levado em consideração: ele é um homem liberto, um indivíduo negro em uma sociedade escravocrata, qualquer problema que aconteça com a dupla, as consequências serão mais graves para ele do que para o seu parceiro, um homem branco.

Mineirão é um homem grande, muito forte, bondoso e que não mede muito as consequências de suas ações. Isso se deve, provavelmente, à sua ingenuidade, mas podemos interpretar como uma característica do privilégio da branquitude que, de certa forma, concede às pessoas brancas um certo grau de proteção sobre seus atos, mesmo que eles sejam cometidos contra o poder estabelecido: as consequências de suas ações serão menores do que as que recairiam sobre uma pessoa negra.

Utilizar esse quadrinho em sala de aula, além de ser um recurso didático relacionado à Inconfidência Mineira, pode levantar debates acerca de como a sociedade colonial mineira funcionava, as relações de poder, os mecanismos de dominação, os processos de resistência, tanto no caráter emancipacionista político, como no aspecto cotidiano das pessoas oprimidas, principalmente as negras escravizadas e libertas.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI04) Identificar e relacionar os processos da Revolução Francesa e seus desdobramentos na Europa e no mundo.

(EF08HI05) Explicar os movimentos e as rebeliões da América portuguesa, articulando as temáticas locais e suas interfaces com processos ocorridos na Europa e nas Américas.

(EF08HI07) Identificar e contextualizar as especificidades dos diversos processos de independência nas Américas, seus aspectos populacionais e suas conformações territoriais.

(EF08HI11) Identificar e explicar os protagonismos e a atuação de diferentes grupos sociais e étnicos nas lutas de independência no Brasil, na América espanhola e no Haiti.

(EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

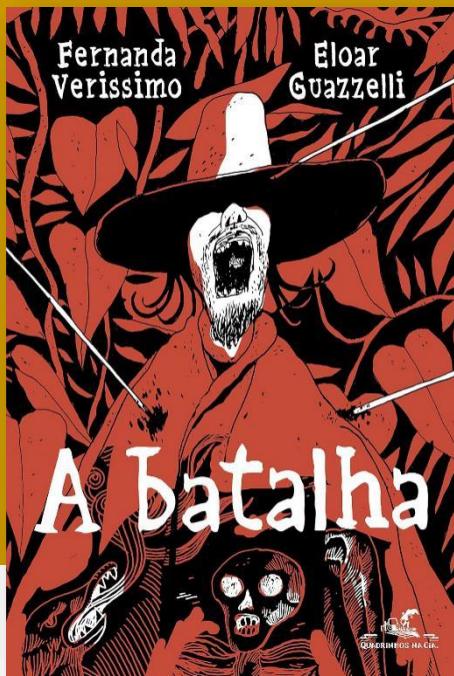
(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



7 - A Batalha

Fernanda Veríssimo e Eloar Guazzelli

Brasil Colônia

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2022
Ano da edição analisada	2022
Editora	Quadrinhos e Cia.
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Resistência Indígena
Colonização/ Missões jesuíticas
Bandeiras de apresamento
Tratados de limites/ Guerra Guaranítica

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Fernanda Veríssimo – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1965. Mora em Porto Alegre. É jornalista, tradutora e historiadora. Foi produtora da Otto Desenhos Animados e do Núcleo de Cinema de Animação do Rio Grande do Sul, em parceria com o National Film Board, do Canadá. Especializou-se em Bibliografia e História do

Livro na Universidade de Leeds, na Grã-Bretanha. Fez mestrado em Gestão Cultural e doutorado em História Moderna na Universidade Sorbonne, em Paris. Estudou os livros impressos nas Missões Jesuítico-Guaranis como pesquisadora convidada da Biblioteca John Carter Brown, em Providence, EUA. Foi diretora do Centro Cultural Brasil-Moçambique, em Maputo, Moçambique. É organizadora do livro “A história de Nicolas I, rei do Paraguai e imperador dos mamelucos” (Editora Unesp) e autora de “Impressão nas missões jesuítas do Paraguai” (Brasiliana/Edusp).¹⁵⁴

Eloar Guazzelli – Gaúcho, o quadrinista, ilustrador e animador publica quadrinhos desde 1990, pelos quais recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, como o Yomiuri International Cartoon Contest, em 1991, e o Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 1991, 1992 e 1994. Sua produção se concentra na adaptação de clássicos da literatura brasileira para os quadrinhos, como, por exemplo, “Demônios em Quadrinhos” (2010), “Vidas Secas” (2015), “Grande Sertão: Veredas” (2016) e “O Bem-Amado” (2023).

Resumo

O quadrinho produzido por Fernanda Verissimo no roteiro e por Eloar Guazzelli nos desenhos retrata uma parte da história brasileira que vem recebendo maior atenção nos últimos tempos: a resistência indígena ao processo colonizador. Apresentando a região dos Sete Povos das Missões, ao Sul do país, a obra narra a história de dois conflitos que tiveram resultados muito distintos, utilizando cores diferentes como recurso estético para distinguir um momento do outro.

A primeira em 1641, a Batalha de M'Bororé, quando guaranis derrotaram uma grande expedição bandeirante de apresamento, transformando-se em um importante marco na história da região. A segunda em 1756, dentro do contexto da Guerra Guaranítica, que se iniciou após o Tratado de Madri, que fez com que indígenas fossem massacrados por tropas espanholas e portuguesas.

Utilizando os estudos da historiadora e roteirista Fernanda Verissimo sobre as impressões de livros realizadas nas missões jesuíticas da região, o quadrinho dialoga com o imaginário acerca das populações indígenas e de sua relação com os padres

¹⁵⁴ Biografia contida no site da Editora Companhia das Letras: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/04710/fernanda-verissimo?>

jesuítas, demonstrando que essa interação era mais complexa do que simplesmente uma estrutura de dominação da ordem religiosa sobre a população local.

ANÁLISE

A obra se mostra não apenas como um grande recurso didático para se utilizar nas aulas sobre o tema, como também um documento histórico, que retrata o momento em que foi produzido. As recentes notícias e alertas acerca do genocídio indígena no Brasil propiciaram um crescente debate acerca da resistência indígena, que se iniciou com a chegada dos portugueses ao Brasil e que, nos últimos anos, ganhou força com a política de exploração das áreas ocupadas por essa população.

Esse quadrinho traz uma grande contribuição ao debate ao apresentar o ponto de vista dos indígenas em relação ao combate contra as forças invasoras, a resistência ao apresamento e suas formas de organização. A branquitude pode ser abordada com essa obra a partir da discussão de como nosso olhar pautado por concepções eurocêntricas induz a um imaginário sobre os indígenas relacionado à barbárie, irracionalidade e precariedade.

Os bandeirantes, historicamente retratados como heróis nacionais, responsáveis pela expansão territorial do país, são traçados como bárbaros, figuras monstruosas e violentas, que sentem prazer no sofrimento alheio. É uma forma de desconstruir a imagem heroica e estabelecer uma leitura crítica sobre esse grupo, pessoas sujeitas ao modelo econômico voraz do período colonial e que serviam como fornecedoras de mão de obra para o sistema.

Ao retratar os indígenas enquanto um grupo organizado e capaz de traçar estratégias de ataque e defesa, argumentando com os jesuítas sobre quais decisões tomar em um momento de crise, retira da população branca a exclusividade da razão, atributo que a branquitude carrega consigo como um elemento do discurso que justifica seu poder.

Em sala de aula, o quadrinho possibilita o trabalho de muitos temas de forma interligada: a questão indígena, a ampliação das fronteiras brasileiras, o papel do catolicismo no processo colonial no país e a construção do imaginário construído sobre os povos derrotados, ou seja, as narrativas para justificar a dominação.

HABILIDADES DA BNCC

(EF07HI08) Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências.

(EF07HI09) Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência.

(EF07HI10) Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial.

(EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade etnicoracial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).

(EF07HI15) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval.

(EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF08HI27) Identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscuratismo, cidade/campo, entre outras).

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

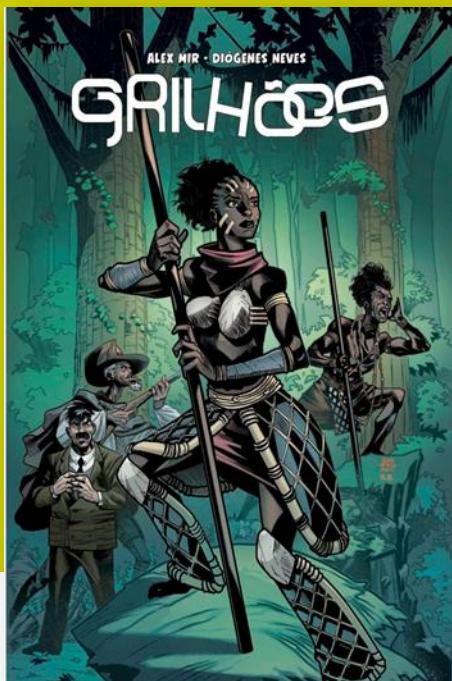
(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicoraciais no país.

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



8 - Grilhões

Alex Mir e Diógenes Neves

Segundo Reinado

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2022
Ano da edição analisada	2022
Editora	Independente
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Escravidão no período monárquico
Resistência à escravidão

BIOGRAFIA DO AUTOR

Alex Mir – Paulistano do ABC e com uma vasta carreira nos quadrinhos, o prolífico roteirista e escritor Alex Mir coleciona títulos e prêmios por várias editoras e de maneira independente, com parcerias com grandes nomes do quadrinho nacional. Entre seus títulos e personagens, estão antologias, como “Clássicos Revisitados #1 e 2”; álbuns como “Demétrius Dante #1”, “Frankenstein 200”, “O Mistério da Mula Sem

Cabeça”, “Segundo Tempo”; e as séries em quadrinhos “Orixás” e “Valkíria”. Foi vencedor do troféu HQMIX em 2010 (Roteirista Revelação), em 2018 e 2019 (Publicação Independente de Grupo). Ganhou o Troféu Ângelo Agostini duas vezes como Melhor Roteirista (2016 e 2017) e Melhor Álbum (2016 e 2020).

Diógenes Neves – Desenhista e arte-finalista, trabalha para o mercado norte-americano há mais de 15 anos. Durante esse tempo, contribuiu com diferentes editoras, entre elas, a IDW, com o livro “Road to Hell”; Marvel Comics, com os títulos: “Storm”, “X-Men”, “Wolverine”, “Spider-Man”, “The Avengers”, entre outros. Na DC Comics, já desenhou “Teen Titans”, “Deathstroke”, “Superman”, “Justice League”, “Batman”, entre outros. Além disso, já participou de diversos trabalhos autorais brasileiros, como a coleção de livros da Chiaroscuro Studios Yearbook e trabalhos autorais europeus. Hoje, segue na trilha de projetos autorais, sem deixar de atender ao público das HQs de heróis norte-americanos.¹⁵⁵

RESUMO

O quadrinho traz a história de origem da personagem Pacificadora, criada pelo artista Di Leonardi em 1997, que retrata uma heroína dos tempos atuais, que combate o crime buscando não usar a violência como primeiro recurso da sua luta. Nesta obra, o roteirista Alex Mir e o desenhista Diógenes Neves contam a origem da personagem que se dá no período do segundo reinado no Brasil, como se houvesse sempre uma mulher com o título de Pacificadora ao longo do tempo no país.

A narrativa começa com a fuga das irmãs Iera e Bonami, perseguidas pelo capitão do mato Chico Gaiola, que acaba matando Bonami e ferindo gravemente Iera, que se salva ao cair em um rio. Após se recuperar com a ajuda de Kamau, um homem liberto que vive na mata, Iera começa um treinamento, com a intenção de se vingar das pessoas responsáveis pela morte de sua irmã.

Nessa busca por vingança, a protagonista percebe que a violência não é o melhor caminho para combater o sistema escravocrata, que consegue transformar indivíduos oprimidos em instrumentos de manutenção da própria organização.

¹⁵⁵ A biografia de Diógenes Neves está contida no quadrinho “Grilhões”.

ANÁLISE

Ao abordar a violência da escravidão como motivação para a personagem, os autores procuram demonstrar as estruturas de poder relacionadas ao modelo escravocrata no Brasil, e como desumanizam indivíduos, obrigando-os a participarem como elos de transmissão da violência inerente a esse sistema. Ao transformar homens negros libertos em capitães do mato, como é o caso da personagem Chico Gaiola, o modelo escravocrata cria uma camada de proteção para a elite proprietária, que não precisa agir diretamente sobre o grupo escravizado, evitando os riscos relacionados ao controle dessas pessoas.

O quadrinho possibilita que se trabalhe em sala de aula com a perspectiva do indivíduo escravizado sobre questões como, por exemplo, a violência. Os dilemas que se apresentam em suas vidas quando se encontram na possibilidade de retomarem/conquistarem sua liberdade, e qual caminho irão seguir após isso, podem ser instrumentos de desenvolvimento de debate sobre o quanto eram limitadas as possibilidades que pessoas negras tinham em suas vidas quando conseguiam fugir do cativeiro ou comprar sua alforria.

Esse debate sobre possibilidades de escolhas pode ser abordado pelo viés da branquitude, ao demonstrar que essas escolhas estão sujeitas a uma série de condições predispostas sobre os indivíduos, seja no período da escravidão, seja na atualidade, e que essas condições são muito diferentes, de acordo com o grupo ao qual esses indivíduos pertencem. Pessoas brancas, afetadas pelos privilégios da branquitude, podem ter dificuldades para compreender o quanto os caminhos percorridos pelos indivíduos não são fruto apenas de escolhas individuais, mas também, e de forma bastante intensa, das condições sociais e históricas em que estão inseridos.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

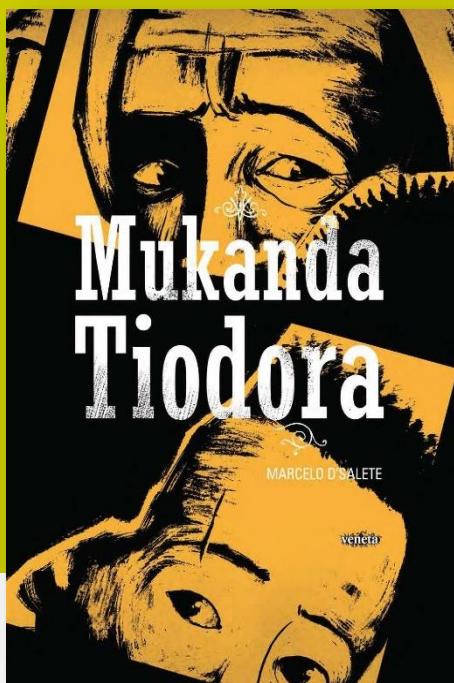
(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o

contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



9- Mukanda Tiodora

Marcelo D'Salete

Brasil Colônia

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2022
Ano da edição analisada	2022
Editora	Veneta
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Escravidão no período imperial
Movimento abolicionista
Redes de apoio mútuo entre pessoas escravizadas

PRÊMIOS

Prêmio Grampo de Ouro - 2023
Troféu HQMIX Arte-finalista Nacional e Desenhista Nacional - 2023
Prêmio Jabuti de Quadrinhos - 2023

BIOGRAFIA DO AUTOR

Marcelo D'Salete é um quadrinista paulista licenciado em Artes Plásticas e mestre em Estética e História da Arte pela USP. Seus quadrinhos já receberam diversas premiações, como o Eisner Awards, o Prêmio Jabuti, o Grampo de Ouro e o Troféu HQMIX. Sua obra é composta por cinco quadrinhos, “Noite Luz” (2008), “Encruzilhada” (2011), “Cumbe” (2014), “Angola Janga” (2018) e “Mukanda Tiodora” (2022), sendo que “Cumbe” e “Angola Janga” foram selecionados para o Plano Nacional do Livro Didático Literário de 2018 e para o Plano Nacional de Leitura (LER+) de 2016 e 2019, em Portugal.

Resumo

“Mukanda Tiodora” é uma narrativa gráfica sobre as cartas escritas por Tiodora Dias da Cunha com a ajuda de Claro Antônio dos Santos, ambas pessoas escravizadas em meados do século XIX, em São Paulo. Além de apresentar personagens reais, o autor também foca no personagem Benê, um garoto que terá a responsabilidade de levar as cartas de Tiodora até seu marido, homem escravizado em uma fazenda de café no interior do estado.

Marcelo D'Salete também aborda o movimento abolicionista, ao retratar um diálogo entre Luiz Gama e José Ferreira de Menezes, personagens importantes na luta por direitos das pessoas negras no Brasil Império, além de abordar a rede de apoio mútuo que existia entre as pessoas escravizadas e libertas nesse período.

ANÁLISE

A obra nos permite perceber uma constante dicotomia entre a barbárie e a civilização, mas de forma invertida, se levarmos em consideração o olhar viciado pela branquitude acerca da população escravizada. O que se percebe são os fortes vínculos construídos entre as pessoas escravizadas, com o intuito de amenizar as dores oriundas da escravidão, uma rede de apoio que possibilitava ações em busca da liberdade, mesmo que fossem apenas mínimas esperanças de conseguir algum recurso financeiro para comprar a alforria.

Em muitas partes da narrativa, a apresentação da população negra e indígena está relacionada à solidariedade, com o convívio mútuo e a busca pelo desenvolvimento comunitário. Dessa forma, Marcelo D'Salete aponta um caminho de humanização de indivíduos que foram brutalizados desde o início do processo colonial e, atualmente, ainda sofrem com narrativas distorcidas sobre suas comunidades e culturas. A contraposição feita pelo autor destaca como aquilo que é a base da economia imperial brasileira, a produção de café, simbolizada pelo cafezal, se assemelha a um cemitério, um local de dor, sofrimento e morte, onde a violência retira qualquer possibilidade de convívio solidário e humano.

A narrativa é construída de forma a humanizar os personagens negros e indígenas, em contraposição ao modelo escravocrata que os bestializa, uma lógica vinculada à branquitude. Mesmo que os personagens brancos pouco apareçam durante toda a história, estão presentes pelo poder que permeia a sociedade, oprimindo todos os grupos subjugados e perpetuando a estrutura social baseada na desigualdade.

Enquanto um recurso didático, podemos usar a obra como uma forma de contrapor o discurso da importância econômica do ciclo do café, problematizando o desenvolvimento da economia nacional vinculada ao uso da mão de obra escravizada.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI10) Identificar a Revolução de São Domingo como evento singular e desdobramento da Revolução Francesa e avaliar suas implicações.

(EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.

(EF08HI18) Identificar as questões internas e externas sobre a atuação do Brasil na Guerra do Paraguai e discutir diferentes versões sobre o conflito.

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF08HI22) Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX.

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

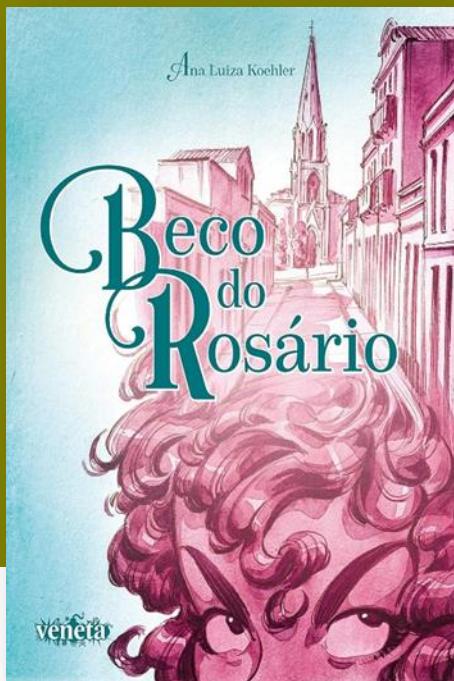
(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicorraciais no país.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.



10 - Beco do Rosário

Ana Luiza Koehler

República Velha

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2015 (1º volume)
Ano da edição analisada	2020 (Edição integral)
Editora	Veneta
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Reformas urbanas
Segregação racial
Preconceito de gênero
Feminismo

PRÊMIOS

Troféu HQMIX de Desenhista Nacional - 2021
Troféu HQMIX de Arte-Finalista Nacional - 2021
Troféu HQMIX de Colorista Nacional - 2021
Troféu HQMIX de Edição Especial Nacional - 2021

BIOGRAFIA DA AUTORA

Natural de Porto Alegre, Ana Luiza Koehler produz ilustrações desde os 16 anos de idade. Atualmente, produz quadrinhos para os mercados franco-belga e brasileiro. Formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestra em Planejamento Urbano e Regional pela mesma Universidade, elaborou o quadrinho “Beco do Rosário” concomitantemente à sua dissertação de mestrado, que tratam basicamente do mesmo tema: o processo de reforma urbana da cidade de Porto Alegre.

RESUMO

A obra foca na personagem Vitória, jovem negra que mora nos mal-afamados becos de Porto Alegre, áreas urbanas predominantemente ocupadas por pessoas negras, e que veem suas casas serem desapropriadas no contexto das reformas urbanas que buscavam modernizar os grandes centros brasileiros no início do século XX, inspiradas nas grandes capitais europeias.

Além de apresentar os conflitos relacionados ao processo de modernização da cidade, que atenderia aos anseios da elite local em detrimento da população menos favorecida, que teria que se deslocar para regiões mais afastadas do Centro, a obra aborda, de forma muito sensível, as tensões raciais em uma cidade que se desenvolve poucos anos após a abolição da escravidão no país.

Retratando duas famílias de condições sociais muito distintas, mas que se relacionam por laços de amizade, a autora busca trazer os impactos das mudanças ocasionadas nas grandes cidades pelas ideias modernistas e de como as relações interpessoais eram afetadas pelo racismo que permeia a sociedade. A linha narrativa da história demonstra como esse processo de modernização das cidades tinha resultados distintos para os diferentes grupos sociais; enquanto para a elite branca se configurava como uma oportunidade de negócios e enriquecimento, para as camadas populares e majoritariamente negra, significava a perda de suas casas e o crescimento considerável das dificuldades na vida cotidiana.

ANÁLISE

A branquitude é extremamente evidente nesta obra; a forma como Ana Luiza Koehler constrói a narrativa apresenta, de forma explícita, todos os privilégios usufruídos pelas pessoas brancas em sociedades multirraciais, como a brasileira: o acesso à educação de qualidade, aos melhores empregos, a valorização do trabalho exercido pelo indivíduo branco, o acesso à moradia de qualidade e todas as vantagens simbólicas relacionadas à branquitude.

Em sala de aula, o quadrinho pode ser trabalhado de muitas formas, como um recurso didático sobre o período histórico abordado, podendo ser relacionado com temas de maior amplitude, como o contexto político da República Velha e os movimentos de contestação, como a Revolta da Vacina, trazendo um enfoque para as questões raciais. Além disso, também pode servir como um elemento de apresentação das evidências da desigualdade racial no país, em conjunto com dados estatísticos da atualidade, elaborando um raciocínio de como as condições de vida da população negra tiveram pouca ou nenhuma evolução ao longo do tempo.

Por se tratar de uma obra criada por uma arquiteta, a preocupação com as construções, os traçados viários e a paisagem como um todo faz com que o quadrinho traga mais um recurso para se trabalhar com a temática da desigualdade racial e os privilégios da branquitude. Apresentar as discrepâncias entre as casas e bairros demonstra como as condições de vida eram muito diferentes. É possível construir um debate acerca de como a segregação racial acontece pelo direito à cidade e como a posição geográfica de uma residência e o acesso aos aparelhos urbanos podem se configurar enquanto mecanismo de perpetuação das desigualdades.

HABILIDADES DA BNCC

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

(EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões

dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

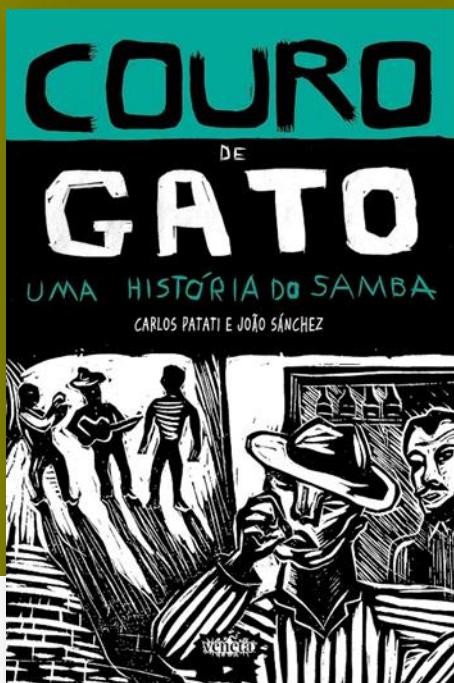
(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicoraciais no país.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



11 – Couro de Gato: Uma história do Samba

Carlos Patati e João Sánchez

República Velha

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2017
Ano da edição analisada	2017
Editora	Veneta
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

História do samba
Processo de urbanização do Rio de Janeiro
Revolta da Vacina

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Carlos Patati – Carioca, roteirista de quadrinhos desde 1979, tem uma longa e produtiva carreira no mundo da narrativa gráfica, elaborando roteiros para quadrinhos produzidos em parceria com diversos ilustradores, como Júlio Shimamoto, Allan Alex, Márcio de Castro e Hélio Jesuíno. Escreveu, em conjunto com Flávio Braga, o livro “Almanaque dos Quadrinhos – 100 anos de uma mídia popular”, publicado pela

Ediouro, em 2009. Sua última obra foi o quadrinho “Couro de Gato” (2017), produzido em parceria com o gravurista João Sánchez.

João Sánchez – Carioca, formado em gravura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem a sua carreira direcionada para a produção de gravuras e estreou como quadrinista com a produção de “Couro de Gato”, em parceria com Carlos Patati.

RESUMO

A história do samba no Rio de Janeiro é contada neste quadrinho por meio de personagens fictícios, como Camunguelo e Macabeu, e outros reais, como Cartola, Noel Rosa, Mário Reis e Madame Satã. De sua origem nos morros cariocas até o sucesso nas rádios e gravadoras, o samba é apresentado como um elemento fundamental na cultura do Rio de Janeiro, em especial para a população discriminada e que sofria com a segregação racial.

Intercalando a história do samba com acontecimentos importantes na história brasileira, como a Revolta da Chibata e a reforma urbana da cidade do Rio de Janeiro, “Couro de Gato” constrói uma narrativa que permite ao leitor compreender a importância desse estilo musical não apenas como uma expressão artística, mas também como um instrumento de resistência.

O quadrinho também aborda a importância da capoeira como mais um elemento de resistência dos grupos oprimidos, considerada uma prática criminosa desde o final do século XIX, mas que nunca deixou de ser praticada no Brasil, sofrendo perseguições da polícia e se configurando como mais uma característica da figura do malandro, personagem importante na construção do imaginário do Rio de Janeiro.

ANÁLISE

O quadrinho apresenta um panorama da história do samba no Rio de Janeiro por meio da associação desse estilo musical com a cultura popular dos morros cariocas, local habitado majoritariamente por pessoas negras, muitas delas ex-escravizadas, que buscaram na capital do país uma possibilidade de sobrevivência. Dessa forma, o quadrinho relaciona os elementos da cultura negra no Brasil com o

surgimento do samba e, devido a isso, o preconceito que esse estilo musical sofria em seus primeiros anos de existência.

A branquitude não fica evidente no quadrinho, porém, é possível trabalhar com esse conceito elaborando um raciocínio em sala de aula sobre como manifestações culturais de origem negra sofrem preconceito por um certo tempo, até que passam a ser incorporadas pelo capital e tornam-se elementos da indústria cultural. É possível traçar uma linha histórica de como isso acontece e apresentar outros exemplos, como *blues, jazz, rap, hip-hop* e funk, que hoje são estilos musicais estabelecidos e geram grandes fortunas para a indústria fonográfica.

Essa incorporação se dá pela percepção de como determinados estilos musicais caem no gosto popular, e que isso possui um potencial de geração de lucros. Dessa forma, as gravadoras começam a financiar artistas do gênero e ampliam a popularidade deles, alcançando um público cada vez mais diverso. Essa prática amplia não só os apreciadores do estilo, como também faz surgir novos artistas, que nem sempre possuem um vínculo com a comunidade de origem do gênero, algo que não necessariamente é ruim, mas que pode, de certa forma, descaracterizar a manifestação cultural original.

HABILIDADES DA BNCC

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

(EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres

etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotônicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

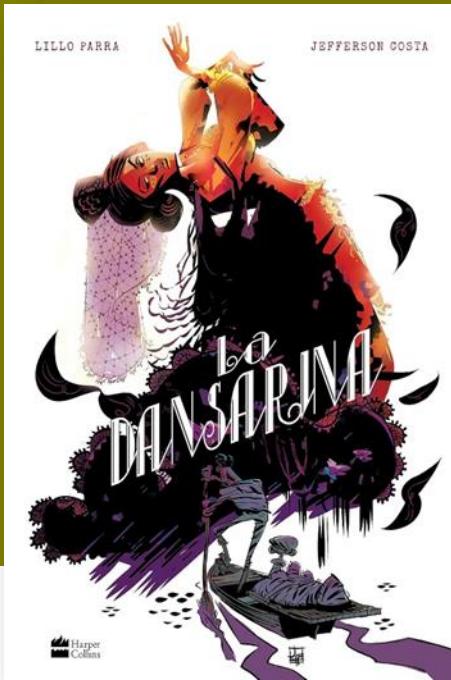
(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicoraciais no país.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



12 - La Dansarina

Lillo Parra e Jefferson Costa

República Velha

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2015
Ano da edição analisada	2022
Editora	Harper Collins
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Gripe espanhola
Desigualdade social e racial
Religiosidade afro-brasileira
Coronelismo

PRÊMIOS

Troféu HQMIX de Melhor Edição Especial Nacional – 2016
Troféu HQMIX de Melhor Roteirista – 2016

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Lillo Parra – O paulista Lillo Parra é um quadrinista, que inicia sua carreira no mundo da 9^a arte como crítico de quadrinhos em seu *blog* “Gibi Rasgado”, e se lança como roteirista em 2011, com o quadrinho “Sonho de uma noite de verão”, da coleção “Shakespeare em Quadrinhos”, da Editora Nemo. Após sua estreia como roteirista, o autor produziu uma série de outros quadrinhos, entre os principais: a adaptação da obra “A Tempestade” (2012), de Willian Shakespeare; “La Dansarina” (2015); “Descobrindo um Novo Mundo” (2015); “O Cramulhão e o Desencarnado” (2019); “João Verdura e o Diabo” (2021) e “Amantikir” (2021).

Jefferson Costa – Desenhista paulistano, atua em diversas áreas da ilustração, trabalha como ilustrador, *storyboarder*, desenhista de personagens e cenários para animações. O autor possui uma vasta produção, tanto em coletâneas, como também em álbuns próprios, em parceria com outros roteiristas, como “A Tempestade” (2012), “La Dansarina” (2015), “A Dama do Martinelli” (2016), “Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias” (2019), “Amantikir” (2021), e pelo Selo Graphic MSP: “Jeremias – Pele” (2018), “Jeremias – Alma” (2020) e “Jeremias – Estrela” (2023).

RESUMO

A obra traz a história do jovem Petro, um menino filho de espanhóis que moram em São Paulo no início do século XX, durante a epidemia de gripe espanhola, que se alastrou pelos grandes centros do país. Após a morte de sua mãe, Petro decide levar seu corpo para ser enterrada na Capela de São Miguel, pois na cidade de São Paulo não havia mais cemitérios suficientes para sepultar todas as pessoas mortas naquele momento.

Enfrentando muitas dificuldades, mas também encontrando ajuda do mundo espiritual, o jovem protagonista atravessa uma jornada até o seu destino, conseguindo cumprir a promessa que havia feito no leito de morte de sua mãe.

Por meio de elipses temporais, a narrativa apresenta o menino Petro e o velho Petro, em ambos os momentos, lidando com a morte de alguma forma, tema central de toda a obra. Trazendo fatos históricos relacionados ao período, como o negacionismo de líderes políticos acerca da pandemia, que certamente intensificou o

número de mortes, o poder de grandes fazendeiros sobre as vidas das pessoas e elementos das religiosidades que coexistem no Brasil, “La Dansarina” consegue emocionar o leitor com uma história de amor e carinho em um momento intenso de dor e sofrimento.

ANÁLISE

O tema central da história não remete às questões raciais, mas elas estão presentes de forma intensa na obra. A religiosidade afro-brasileira entrará no caminho do protagonista Petro, que é um menino branco, vindo de uma família de trabalhadores espanhóis católicos, que atuavam nas primeiras fábricas de São Paulo. Órfão após a morte de seu pai na fábrica e de sua mãe pela gripe espanhola, Petro precisa crescer rapidamente e a sua jornada para enterrar sua mãe será seu ritual de passagem para a vida adulta.

A branquitude nesta obra não é um elemento evidente, pelo contrário, é muito difícil de identificar qualquer relação com os privilégios que ela oferece. A população branca imigrante sofre com a pandemia, que não poupa ninguém, mas afeta, principalmente, a população mais pobre e, por mais que houvesse um grande número de pessoas brancas morando em regiões insalubres nos grandes centros, historicamente, esses locais eram habitados majoritariamente por pessoas negras.

Portanto, essa obra pode auxiliar o debate sobre como políticas públicas são, historicamente, pensadas e realizadas para proteger um determinado grupo de pessoas, relegando à maioria o descaso e o abandono. De modo semelhante ao que aconteceu durante a pandemia de COVID-19, durante a pandemia de gripe espanhola, as pessoas pobres foram as mais afetadas, estatisticamente, em sua maioria, pessoas negras.

Cabe ao docente construir essa relação em sala de aula, seja por meio de dados estatísticos, textos sobre o tema ou imagens da época, contextualizando o quadrinho nesse cenário de crise.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

(EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

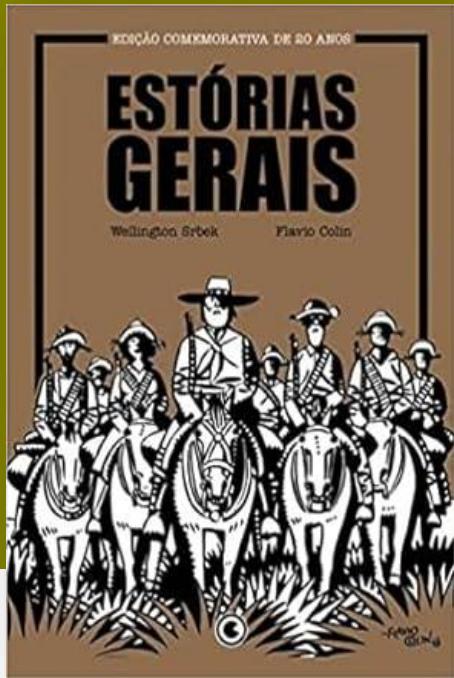
(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.



13 - Estórias Gerais

Wellington Srbek e Flávio Colin

República Velha

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2001
Ano da edição analisada	2021
Editora	Conrad
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Conflitos no interior do Brasil
Preconceito racial
Coronelismo
Cultura popular

PRÊMIOS

Troféu HQMIX de Melhor Graphic Novel - 2002
Troféu HQMIX de Melhor Roteirista Nacional – 2002
Troféu Angelo Agostini de Melhor Roteirista - 2002
Troféu Angelo Agostini de Melhor Desenhista - 2002

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Wellington Srbek – Mineiro, formado em História e doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), além de ser quadrinista e roteirista, atualmente, é editor do Selo Nemo, setor especializado em quadrinhos da Editora Autêntica. Seus trabalhos como quadrinista datam da década de 1990, lançando revistas em quadrinhos independentes, trabalho que chamou a atenção de Flávio Colin, com o qual elaborou um dos quadrinhos mais notáveis do país: “Estórias Gerais” (2001).

Flávio Colin – Carioca, começou a produzir quadrinhos profissionalmente em 1956, para a extinta RGE, desenhou personagens como X-9, Águia Negra, Dom Quixote e Cavaleiro Negro, todos do mercado internacional, o que lhe rendeu notoriedade no território brasileiro. Suas produções mais marcantes foram “Fawcett” (2000), “Estórias Gerais” (2001) e a obra póstuma “Caraíba” (2007).

RESUMO

O quadrinho apresenta uma região ao Norte do estado de Minas Gerais na década de 1920, período em que o poder dos coronéis ainda era muito presente e definia as vidas de toda a população local. Por meio das histórias sobre diversos personagens que se interligam ao longo da narrativa, os autores constroem um cenário complexo, rico em detalhes e repleto de reviravoltas que prendem a atenção do leitor.

Personagens como o jagunço Antônio Mortalma, Coronel Soturno, Manuel Grande, Joana, Tião Valente e os irmãos Justinianos têm suas histórias contadas de forma individual, para construir o caminho que os levou até o momento central da obra, demonstrando a relação entre eles e como as interações humanas com o ambiente em que vivem podem definir seus destinos.

Elaborado a partir de uma profunda pesquisa do historiador e roteirista Wellington Srbek, e com os desenhos do renomado quadrinista Flávio Colin, “Estórias Gerais” apresenta uma realidade que ainda se repete em muitas regiões do país: a ausência do Estado como garantidor de direitos, a violência cotidiana e o medo

constante, a imposição da vontade daqueles que detêm o poder e como a vida das pessoas comuns são definidas pelos caprichos da elite local.

ANÁLISE

O quadrinho tem o foco nas relações humanas em um ambiente hostil, seja devido ao rigor do bioma, seja devido à dureza das pessoas que ali vivem; a violência e o medo são constantes e determinam a vida de todos os habitantes da região.

Nesse ambiente, as tradições são mantidas à revelia das mudanças políticas e econômicas no país, as leis que vigoram na região são definidas pelos coronéis, que encaram tudo e todos como se fossem suas propriedades. Mesmo que a escravidão tenha acabado há mais de 30 anos quando a narrativa se passa, as vidas das pessoas negras na região ainda são definidas na mesma lógica: homens e mulheres negras não são livres de fato, têm suas vidas definidas pelos grandes fazendeiros e seus filhos.

A branquitude pode ser trabalhada de duas formas com esse quadrinho, seja pela maneira que os autores retratam as pessoas negras, seja pelo contexto desses indivíduos na história.

Os personagens negros são retratados como indivíduos complexos, que buscam sobreviver em uma sociedade que os opõe, como, por exemplo, Tião Valente, o herói da trama. Anteriormente submetido às vontades de coronel Soturno e seus filhos, o protagonista consegue se libertar da situação e passa a fazer parte do grupo de Manuel Grande, onde ganha importante destaque por sua valentia e inteligência. Usar esse personagem como exemplo de como é possível construir narrativas onde pessoas negras são subalternizadas devido ao contexto histórico retratado, sem representá-las de forma bestializada ou cômica, é uma forma de debater a branquitude em sala de aula.

Também é possível abordar a branquitude a partir dos privilégios que os personagens brancos possuem, principalmente os vinculados às elites locais, como o personagem Tenente Floriano, filho do Coronel Soturno, figura incompetente que, desde pequeno, sempre se demonstrou incapaz de realizar coisas simples, sempre sendo ajudado pelo jovem Tião Valente, mas que, devido à sua condição social, conseguiu galgar uma posição de destaque no Exército Brasileiro.

Ao trabalhar com o contexto histórico do período abordado pela obra, professoras e professores podem elaborar um raciocínio acerca da desigualdade racial que perdura no país, debatendo o papel do Estado no combate ao racismo e de como as políticas públicas sobre o tema podem ou não serem eficientes.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

(EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotônicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

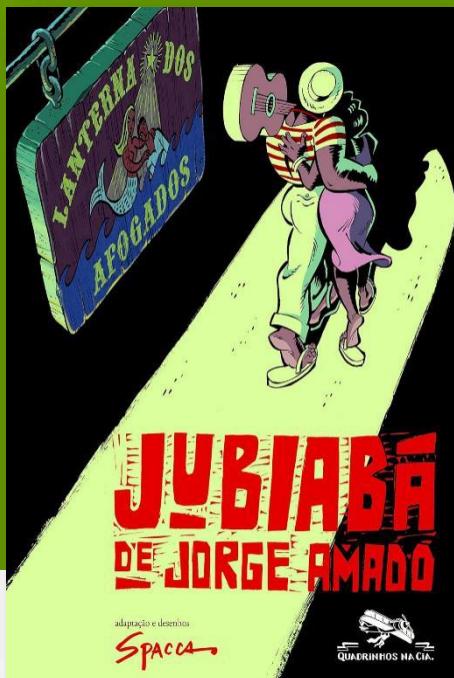
(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



14 – Jubiabá de Jorge Amado

João Spacca de Oliveira

Era Vargas

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2009
Ano da edição analisada	2021
Editora	Quadrinhos e Cia.
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Religiões de matriz africana
Preconceito racial
Movimento de trabalhadores

PRÊMIO

Troféu HQMIX de Melhor Adaptação para os Quadrinhos - 2010
--

BIOGRAFIA DO AUTOR

Artista paulistano, formado em Comunicação Visual pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), começou sua carreira como cartunista em 1985, quando teve seus desenhos publicados no Pasquim. Em 1986, começou a trabalhar no Jornal Folha de São Paulo como chargista editorial.

Entre seus trabalhos, pode-se destacar “Santô e os pais da aviação” (2005), “D. João Carioca – A Corte Portuguesa chega ao Brasil (1801-1821)” (2007), “Debret em viagem histórica e quadrinhesca ao Brasil” (2006), “Jubiabá de Jorge Amado” (2009) e “As Barbas do Imperador, D. Pedro II” (2014), em parceria com Lilian Schwarcz.

RESUMO

Adaptação de livro homônimo de Jorge Amado lançado em 1935, esse quadrinho conta a história de Antônio Balduíno, garoto que morava no morro do Capa-Negro, em Salvador, até que sua tia que o criava precisa ser internada e “Baldo”, como é chamado, passa a morar com um rico empresário da cidade.

A partir desse momento, o protagonista passará por diversas situações até a vida adulta, fazendo de tudo um pouco: garoto de rua, estivador, lutador de boxe, artista circense, trabalhador rural e sindicalista, além de ser um grande capoeirista e tocador de violão. A história do personagem se interliga com as mudanças da sociedade baiana do período, o processo de urbanização da cidade, a modernização da economia, o movimento sindical, mas, também, com as estruturas solidificadas na sociedade brasileira, como a segregação racial, a desigualdade social e o preconceito com tudo aquilo que não diz respeito ao modelo de sociedade construído pela elite branca.

Mesmo sendo uma adaptação de uma obra de quase 90 anos, o quadrinho apresenta uma história onde muitos elementos poderiam acontecer na atualidade: a violência, o abandono de crianças e a segregação racial são características que ainda não foram superadas em nossa sociedade.

ANÁLISE

Esse quadrinho apresenta uma série de características da sociedade brasileira que podem ser trabalhadas nas aulas de História: a condição da população negra no pós-abolição, a segregação racial e urbana nas grandes cidades, as manifestações culturais e religiosas presentes no país, as relações de trabalho, a organização de movimento de trabalhadores e como todos esses aspectos podem se interligar com os privilégios da branquitude.

Ao narrar a história de Antônio Balduíno desde a infância em uma sociedade excludente, é possível problematizar porque algumas crianças possuem vidas precárias, enquanto outras gozam de todos os direitos, associando essa situação com dados estatísticos que dizem respeito às categorias de raça/cor em relação às condições sociais.

O quadrinho aborda a precariedade da vida das pessoas pobres, em sua maioria pessoas negras periféricas, batalhando para sobreviverem em um mundo segregado e constituído por privilégios historicamente construídos por e para as pessoas brancas. Em sala de aula, é necessário que a professora e o professor abordem o conceito de biografia e de como a análise da vida de um indivíduo pode contribuir para uma compreensão apurada sobre os fatos históricos.

Entrelaçar a história pessoal com a história de uma cidade ou de um país possibilita que se perceba a relação entre as decisões políticas e econômicas e a vida cotidiana, como se pode perceber por meio do quadrinho, a política sobre saúde mental no Brasil da década de 1910. A tia que criava Antônio Balduíno começa a apresentar transtornos mentais e, quando tem uma crise, a decisão das autoridades é de interná-la em um manicômio, afastá-la do convívio em sociedade.

Esse é apenas um trecho da obra, mas demonstra como o Brasil lidava com essa situação quando se tratava de pessoas negras, uma internação massiva de pessoas que eram consideradas inadequadas para a sociedade, pelo fato de não terem condições de servirem como mão de obra no mercado de trabalho, restando o encarceramento em instituições semelhantes a presídios. É possível comparar essa situação com o tratamento dado às pessoas brancas em melhores condições econômicas que apresentavam transtornos semelhantes: a diferença no tratamento, a diferença dos locais de internação, os motivos que levavam à internação, tudo isso

serve como instrumento para se debater os privilégios da branquitude em nossa sociedade.

É importante alertar às professoras e professores que o uso desse quadrinho em sala de aula requer uma mediação cuidadosa, pois contém algumas passagens que podem causar desconforto entre alunas, alunos e suas famílias. Portanto, se julgarem necessário, algumas partes da obra podem ser omitidas.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

(EF09HI06) Identificar e discutir o papel do trabalhismo como força política, social e cultural no Brasil, em diferentes escalas (nacional, regional, cidade, comunidade).

(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes.

(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade,

cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplam outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os

Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

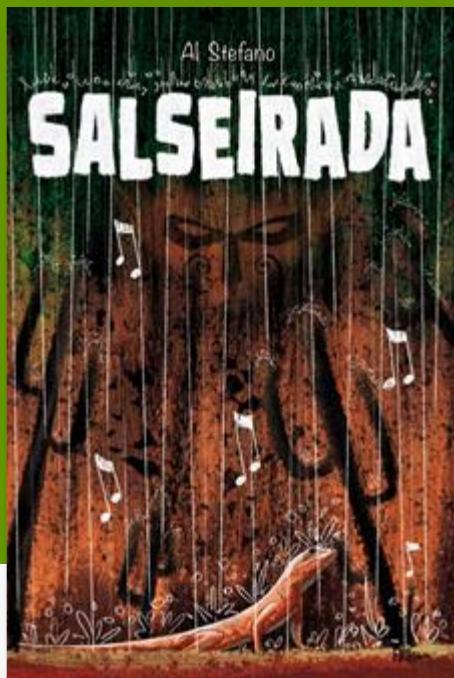
(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicoraciais no país.

(EM13CHS602) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



15 - Salseirada

Al Stefano

Era Vargas

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2019
Ano da edição analisada	2019
Editora	Zapata Edições
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Sertão nordestino
Coronelismo
Sequelas da escravidão
Folclore nordestino
Êxodo rural
Cangaço

PRÊMIOS

Indicado ao Troféu HQMIX de Melhor Desenhista Nacional - 2020
Indicado ao Troféu HQMIX de Melhor Arte-Finalista Nacional - 2020
Indicado ao Troféu HQMIX de Melhor Roteirista Novo Talento - 2020
Indicado ao Troféu HQMIX de Melhor Publicação Independente de Autor - 2020

BIOGRAFIA DO AUTOR

Ilustrador e quadrinista desde 1991, o paulistano Al Stefano, nome artístico de Alberto de Stefano, elabora ilustrações em livros didáticos para diversas editoras brasileiras. Ilustrou livros de autores como Ruth Rocha e Walcyr Carrasco, além de produzir suas próprias obras, como “Por mais um dia com Zapata”, “Salseirada”, “As aventuras coloniais de Mineirão e Zé Bonfim” e “Piratas do Cangaço”, e de participar em coletâneas como “São Paulo dos Mortos”, “Orixás”, “Bichos” e “Archimedes Bar”.

RESUMO

“Salseirada” traz a história de um casal de irmãos, Salu e Zabé, e de seu companheiro, Mutum, três músicos que alegram os festejos das vilas no interior do Ceará, quando passam a ter em mãos uma rabeca mágica, que tem o poder de controlar a natureza, fazendo chover e revigorar plantações e a criação de animais, mas, também, com o poder de secar e destruir o solo da região.

Utilizando o folclore nordestino, Al Stefano apresenta uma história sobre a desigualdade, condições precárias de vida e a opressão sendo combatidas pelo indivíduo nordestino, auxiliado por figuras míticas da região, como a Caipora, o Quibungo, o Pé-de-Garrafa e outros, em uma busca por justiça e pela proteção da natureza.

ANÁLISE

A obra trata de uma série de elementos relacionados ao Nordeste brasileiro: o folclore local, as estruturas de poder político e econômico, as condições de vida no interior do estado e o desejo por uma nova vida nas cidades grandes. Ao apresentar esse contexto, o autor cria um plano de fundo histórico da realidade nordestina para contar uma aventura ficcional, interligando constantemente a fantasia com crítica social acerca dos problemas enfrentados pela população local.

Apesar da questão racial não ser o foco da obra, ela fica evidente quando a escravidão aparece na explicação da origem da rabeca mágica e na relação entre os irmãos Salú e Zabé, duas pessoas brancas, com seu amigo Mutum, um garoto negro.

Coronel Romério Fidalgo é um dos vilões da história; ele não mede esforços para encontrar a “rabeca do tempo”, que foi de seu avô, Olegário Fidalgo, fazendeiro escravocrata da região, que se beneficiava do poder mágico do instrumento, favorecendo aliados e prejudicando adversários, uma alusão às relações políticas habituais da estrutura de poder do período.

Em sala de aula, apresentar o conceito de coronelismo, seja na sua origem, seja na continuidade dessa estrutura na sociedade brasileira, permite que se estabeleça um diálogo com os privilégios da branquitude, onde homens brancos ricos possuem poderes praticamente absolutos nessas regiões, controlando as estruturas de poder. Utilizar a história da família Fidalgo como um exemplo desse poder, estabelecendo relações entre o poder e a branquitude, permite ao docente elaborar um percurso de como a questão racial está presente em muitos momentos da história do país.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI15) Identificar e analisar o equilíbrio das forças e os sujeitos envolvidos nas disputas políticas durante o Primeiro e o Segundo Reinado.

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF08HI22) Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX.

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotônicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos

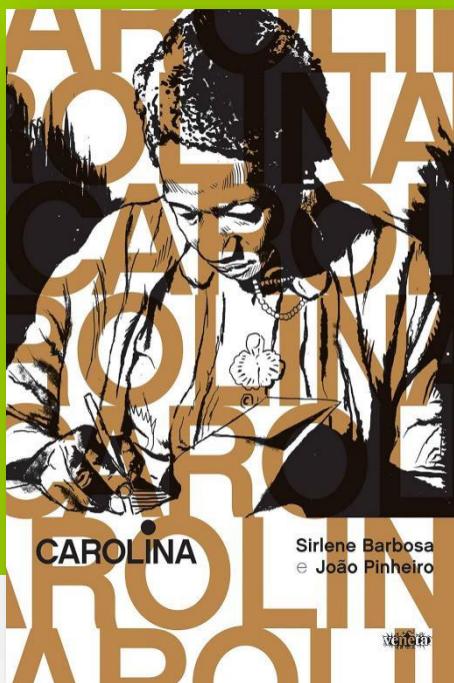
que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS602) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



16 - Carolina

Sirlene Barbosa e João
Pinheiro

República Populista

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2016
Ano da edição analisada	2018
Editora	Veneta
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Racismo Estrutural
Marginalização de pessoas pobres
Biografia de Carolina Maria de Jesus

PRÊMIOS

Indicação ao Prêmio Jabuti de Melhor História em Quadrinho - 2017
Prêmio Especial do Júri Ecumênico no Festival de Angoulême - 2019
Troféu HQMIX de Relevância Internacional - 2020

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Sirlene Barbosa – Professora de Língua Portuguesa na rede municipal de São Paulo, a paulistana Sirlene Barbosa desenvolve pesquisas sobre literatura negra e periférica e relações étnico-raciais na educação. Possui mestrado em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e cursa doutorado em Educação pela mesma Universidade.

Como professora, desenvolveu uma preocupação em divulgar e estimular a leitura produzida por escritores e escritoras negras, questionando o currículo escolar que prioriza a leitura do cânone literário, quase sempre composto por pessoas brancas.

João Pinheiro – Quadrinista paulistano, colaborou em muitas revistas no Brasil e no exterior como ilustrador e também publicou quadrinhos em coletâneas independentes, como “Front”, “Graffiti” e “Cavalo de Teta”. Em 2011, João Pinheiro lança sua primeira HQ autoral, “Kerouac,” (com uma vírgula no final), que segue com os lançamentos de “O espelho de Machado de Assis em HQ” (2012), “Burroughs” (2015), “Carolina” (2016), “Depois que o Brasil acabou” (2021) e “Barrela” (2022).

O autor costuma andar pelas ruas da periferia da cidade de São Paulo buscando retratar o cotidiano das pessoas que moram nesses lugares. Essa ação resultou em um trabalho chamado “Diário de Vagulino – Desenhos da quebrada”, disponível na internet.

RESUMO

O quadrinho narra a história de Carolina Maria de Jesus, a escritora do aclamado livro “Quarto de Despejo”, uma história autobiográfica que conta sua vida na favela do Canindé entre os anos de 1955 e 1959. Utilizando trechos do livro e uma pesquisa cuidadosa realizada por Sirlene Barbosa, João Pinheiro roteirizou e desenhou uma obra premiada no Brasil e no exterior, possibilitando ao leitor de quadrinhos o contato com uma das principais obras literárias brasileiras.

Com jogos entre imagens e palavras, além da representação da realidade com quadros impactantes, os autores da obra conseguem transmitir a dureza da vida de uma mulher sozinha que precisa catar papel nas ruas de São Paulo para alimentar

seus três filhos, sem perder a capacidade de observar o mundo e descrevê-lo em seus diários, quase sempre de forma visceral.

Da mesma forma que o livro, é constante a presença da fome, da dor de ver seus filhos pedindo comida e não ter o que oferecer, mas também do sentimento de injustiça, ao compreender que, quem não passa fome, não consegue sentir o tamanho do sofrimento que ela causa.

ANÁLISE

A obra como um todo é um tratado sobre a branquitude; é possível compreender os privilégios que decorrem do fato de possuir a pele branca somente ao perceber o sofrimento que pessoas negras estão submetidas no dia a dia. Mesmo após o sucesso, Carolina Maria de Jesus ainda continuava sofrendo preconceitos por causa da cor de sua pele, recebia questionamentos se de fato havia escrito o livro, era tratada como uma pessoa estranha aos locais em que havia sido convidada para apresentar sua obra, como se aquele espaço não lhe pertencesse.

A branquitude é um elemento presente do início ao fim da obra, mas fica mais evidente quando Carolina se insere nos círculos da elite, espaço privilegiado de pessoas brancas, que se sentem incomodadas com a presença de uma pessoa negra, mesmo que ela seja uma escritora de sucesso, isso não lhe garantiria o acesso ao lugar da branquitude

Mesmo após se mudar da favela do Canindé, os problemas não acabaram: sofria preconceito no bairro para onde seu mudou, tanto pela sua pele quanto pela sua origem, a vizinhança não a aceitava entre eles. O quadrinho “Carolina” é um ótimo recurso didático para se trabalhar a questão da segregação racial que existe no país, mesmo que ela possa não ser espacial, ela ainda vigora de forma simbólica, como aconteceu com a escritora.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI17) Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.

(EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo

ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

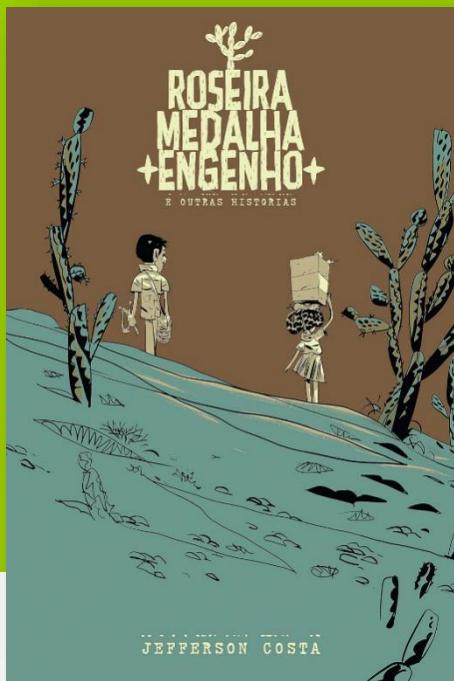
(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicorraciais no país.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



17 – Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias

Jefferson Costa

Brasil República – Anos 1960, 1970 e 1980

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2019
Ano da edição analisada	2022
Editora	Pipoca & Nanquim
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Sertão nordestino
Exodo rural
Mundo do trabalho

PRÊMIOS

Troféu HQMIX de Melhor Edição Especial - 2020
Troféu HQMIX de Melhor Desenhista – 2020
Troféu HQMIX de Melhor Roteirista Revelação - 2020
Finalista do Prêmio Jabuti - 2020

BIOGRAFIA DO AUTOR

Desenhista paulistano, atua em diversas áreas da ilustração, Jefferson Costa trabalha como ilustrador, *storyboarder*, desenhista de personagens e cenários para animações. O autor possui uma vasta produção, tanto em coletâneas, como também em álbuns próprios, em parceria com outros roteiristas, como “A Tempestade” (2012), “La Dansarina” (2015), “A Dama do Martinelli” (2016), “Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias” (2019), “Amantikir” (2021), e pelo Selo Graphic MSP: “Jeremias – Pele” (2018), “Jeremias – Alma” (2020) e “Jeremias – Estrela” (2023).

RESUMO

O quadrinho apresenta duas famílias que vivem no sertão nordestino que, apesar de todas as dificuldades, conseguem sobreviver e educar seus filhos da melhor forma possível. Mesmo que a dureza do território obrigue as pessoas a criarem cascas para resistir a ele, a obra demonstra como o carinho, o cuidado e o afeto estão presentes no cotidiano, formando pessoas com vínculos muito fortes entre si.

Com uma narrativa que utiliza saltos temporais, Jefferson Costa conta, de forma poética e sensível, o dia a dia de pessoas reais em um ambiente onde somente o esforço coletivo pode garantir a sobrevivência, demonstrando a força dos indivíduos perante a dura realidade quando se veem amparados pelo coletivo.

As questões raciais não são o foco da obra, mas se apresentam a cada página, seja nos detalhes que demandam uma sensibilidade do leitor, seja de forma evidente, com desenhos e diálogos marcantes.

Este quadrinho aborda um dos momentos da história do Brasil que ficou marcada pelo intenso processo migratório do interior para as capitais e do Nordeste para o Sudeste, processo que se relaciona com o processo de industrialização e urbanização do país e a busca por melhores condições de vida.

ANÁLISE

A branquitude nesta obra fica evidente em algumas passagens, onde se pode perceber que o desenvolvimento pessoal se relaciona com as oportunidades que as

pessoas têm, e que nem sempre essas oportunidades são disponíveis a todos, o que leva ao debate sobre como a realidade pode se impor de formas diferentes para indivíduos de origens e condições distintas.

Na história, as duas famílias apresentadas são inter-raciais, e mesmo que os preconceitos não sejam sempre evidentes, eles estão presentes em alguns comentários e em certas atitudes, principalmente nas falas do avô de Vaninha, uma das personagens principais, que usa termos racistas para falar de seu genro, Zeca Preto, pai de seus netos, a quem nutre profundo carinho.

Em um dos trechos mais profundos da história, Vaninha e seus irmãos brincam com o avô Antônio de procurar insetos verdes, ela não encontra e o castigo seria um tapinha na mão. Neste momento, Antônio lembra dos açoites que pessoas negras recebiam durante a escravidão, a imagem é completada por um verso da música “Senhor Cidadão”, do artista Tom Zé, que diz o seguinte: “Com quantos quilos de medo se faz uma tradição?” O avô troca o castigo por um beijo e muda a brincadeira para algo muito mais leve e divertido.

O que o avô pensa nesse momento é sobre que tipo de criação ele quer que suas netas e netos tenham, que adultos ele quer que sejam; é um desejo de quebrar o ciclo de opressão e sofrimento que pessoas negras sofrem desde o período colonial.

Em sala de aula, é possível trazer os impactos das mudanças que os processos de industrialização causaram no Brasil e na vida das pessoas, o quanto determinados grupos não foram beneficiados por essa modernização, pelo contrário, só viram as dificuldades e as desigualdades aumentarem. Apresentar dados estatísticos que demonstram o nível de desigualdade entre as pessoas negras e brancas, e também as desigualdades regionais, é um mecanismo de discussão sobre como a branquitude está presente na sociedade brasileira e constrói privilégios que são considerados naturais.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes.

(EF09HI17) Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.

(EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotônicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

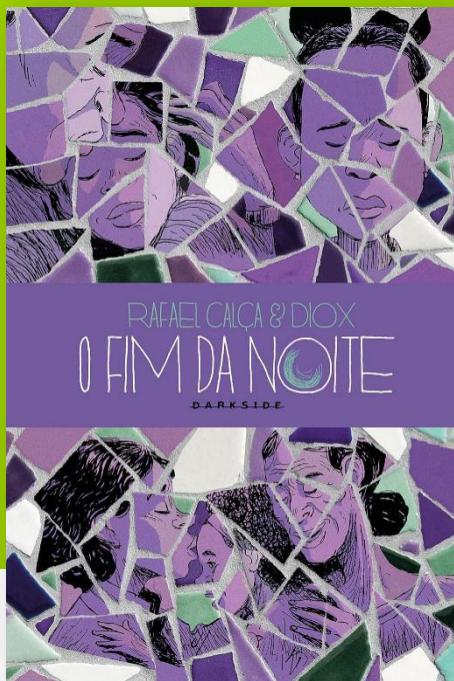
(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os

Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicoraciais no país.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



18 - O Fim da Noite

Rafael Calça e Diox

Era Vargas/República
Populista/Ditadura civil-
militar/Brasil democrático

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2022
Ano da edição analisada	2022
Editora	Darkside Books
Local de publicação	Rio de Janeiro

TEMAS

Exclusão social
Racismo
Períodos políticos do Brasil

PRÊMIO

Prêmio Machado Darkside de Melhor Quadrinho - 2020

BIOGRAFIA DO AUTOR

Rafael Calça – O quadrinista paulistano possui uma carreira consolidada no Brasil, vencedor de diversos prêmios, como o Angelo Agostini, HQMIX e Jabuti. Suas produções ganharam destaque devido à forma como trata de temas relacionados às questões raciais, sempre de maneira poética, mas sem perder o caráter de denúncia e inconformidade com o racismo. Entre suas produções, é possível destacar “Jeremias – Pele” (2018), “Jeremias – Alma” (2020), “Jeremias – Estrela” (2023) e “O Fim da Noite” (2022).

Diox – Nome artístico de Diocir José de Assis Junior, quadrinista nascido em Mogi das Cruzes, mas desde cedo morador da cidade de São Paulo. Já desenhava antes mesmo de começar a ler quadrinhos, que passou a criar somente depois de frequentar a Oficina Cultural Alfredo Volpi, em Itaquera, onde conheceu João Pinheiro. Seu primeiro quadrinho é “O Fim da Noite” (2022), criado em parceria com Rafael Calça e “Estopim” (2023).

RESUMO

A obra traz a história de três gerações de mulheres negras que sofrem com o preconceito e buscam, de alguma forma, superar os problemas que enfrentam ao longo de suas vidas. O quadrinho começa com a história da menina Aurora, que perde seus pais para a tuberculose e é adotada por uma família de pessoas brancas, que inicialmente a tratam como uma filha, mas, em pouco tempo, começa a exercer o trabalho como empregada da casa.

Sendo oferecida para trabalhar em outra casa, como se fosse uma criança escravizada que seus senhores a negociavam, continuou subserviente aos caprichos da família para quem trabalhava. Após seu casamento e o nascimento de sua filha Ruth, os problemas não acabam, a vida sofrida na periferia, o racismo estrutural e a violência doméstica são constantes, mas começam a mudar com a trajetória percorrida por sua filha.

Ruth começa a vida como sua mãe, uma trabalhadora doméstica, mas decide que não continuará nesse caminho, estuda e se forma como professora de História, buscando quebrar o ciclo de subalternidade em que historicamente sua família sempre

viveu. Porém, sua luta individual é barrada pelo governo ditatorial brasileiro, que se instalou em 1964, perseguindo opositores do regime, como seu companheiro, morto em uma emboscada.

A filha de Ruth nasce após o processo de redemocratização do país, mas Vitória ainda terá que enfrentar os mesmos problemas que sua mãe e avó, porém, com uma grande diferença: a possibilidade de resistir à opressão utilizando sua voz, que ganha potência por meio da emancipação das mulheres negras.

ANÁLISE

Ao narrar a história de três mulheres negras de gerações diferentes interligadas não apenas pela linhagem, mas também pelo racismo que enfrentam, Rafael Calça e Diox contam a história das mulheres negras de forma geral. A forma como os personagens brancos tratam as pessoas negras são evidentes indícios da branquitude, exemplos concretos de como indivíduos brancos se atribuem características de superioridade, que pretendamente lhe garantem o poder de tutelar indivíduos negros.

A história de Aurora, uma menina negra órfã que passa a morar na casa de uma família branca e é tratada como uma empregada e, depois, entregue para outra família como uma criada ideal para os serviços domésticos, principalmente por ser alguém que quase não fala, ou seja, alguém que não iria questionar sua condição.

Além do eixo central da narrativa, que trata da vida das três mulheres, há, tangencialmente, a discussão de como o racismo está no cerne de outros grandes problemas que afetam a população negra, como o desemprego e a violência, construindo um cenário complexo para a trama, o que garante muitos pontos que podem ser debatidos em sala de aula.

O ponto mais interessante da obra é a maneira como os autores constroem o processo de emancipação dessas mulheres, de Aurora, uma menina e mulher sem voz, até Vitória, uma jovem militante no movimento negro, que reivindica o fim do genocídio negro no país, com sua voz potente, que enche de orgulho sua família. É a conquista da voz que lhes emancipam; em um jogo de palavras, é por meio de Vitória que essas mulheres conquistam sua vitória.

HABILIDADES DA BNCC

(EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

(EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.

(EF09HI19) Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos.

(EF09HI22) Discutir o papel da mobilização da sociedade brasileira do final do período ditatorial até a Constituição de 1988.

(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

(EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.

(EF09HI25) Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EF09HI29) Descrever e analisar as experiências ditoriais na América Latina, seus procedimentos e vínculos com o poder, em nível nacional e internacional, e a atuação de movimentos de contestação às ditaduras.

(EF09HI30) Comparar as características dos regimes ditoriais latino-americanos, com especial atenção para a censura política, a opressão e o uso da força, bem como para as reformas econômicas e sociais e seus impactos.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade,

preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

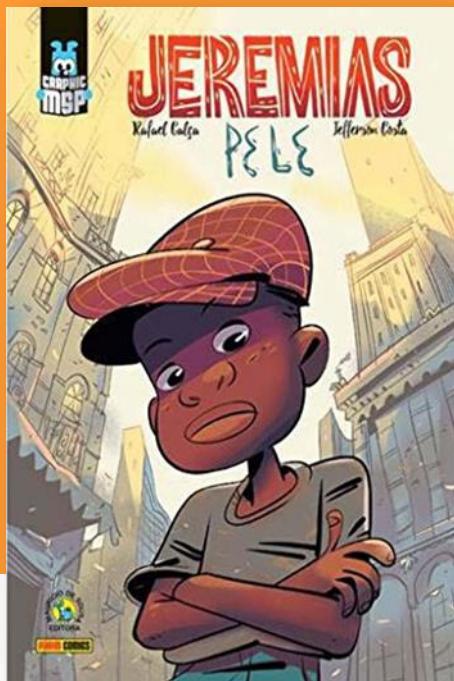
(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicorraciais no país.

(EM13CHS602) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



19 - Jeremias: Pele

Rafael Calça e Jefferson Costa

Atualidade

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2018
Ano da edição analisada	2018
Editora	Mauricio de Sousa Editora e Panini Comics
Local de publicação	Barueri

TEMAS

Preconceito racial
Representatividade negra

PRÊMIOS

Troféu HQMIX de Melhor Edição Especial - 2019
Troféu HQMIX de Melhor Publicação Juvenil - 2019
Prêmio Jabuti de Melhor História em Quadrinhos - 2019
Prêmio Angelo Agostini de Melhor Roteirista para Rafael Calça - 2019

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Jefferson Costa – Desenhista paulistano, atua em diversas áreas da ilustração, trabalha como ilustrador, *storyboarder*, desenhista de personagens e cenários para animações. O autor possui uma vasta produção, tanto em coletâneas, como também em álbuns próprios, em parceria com outros roteiristas, como “A Tempestade” (2012), “La Dansarina” (2015), “A Dama do Martinelli” (2016), “Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias” (2019), “Amantikir” (2021), e pelo Selo Graphic MSP: “Jeremias – Pele” (2018), “Jeremias – Alma” (2020) e “Jeremias – Estrela” (2023).

Rafael Calça – O quadrinista paulistano possui uma carreira consolidada no Brasil, vencedor de diversos prêmios, como o Angelo Agostini, HQMIX e Jabuti. Suas produções ganharam destaque devido à forma como trata de temas relacionados às questões raciais, sempre de maneira poética, mas sem perder o caráter de denúncia e inconformidade com o racismo. Entre suas produções, é possível destacar “Jeremias – Pele” (2018), “Jeremias – Alma” (2020), “Jeremias – Estrela” (2023) e “O Fim da Noite” (2022).

RESUMO

O quadrinho apresenta o cotidiano de Jeremias, personagem que sempre teve uma participação secundária nas histórias da Turma da Mônica, mas que, com essa obra, ganha notoriedade e profundidade. Rafael Calça e Jefferson Costa contam como o jovem protagonista enfrenta o preconceito que sofre por ser negro e de como seus sonhos não recebem o devido respeito e incentivo de seus colegas de escola, e até mesmo de sua professora.

Em um momento de profunda crise de identidade, Jeremias busca se encontrar na presença de sua família, sempre presente, principalmente na figura de seu avô, a quem nutre profunda admiração e respeito. O protagonista também encontra em figuras fora do círculo familiar, seja em um personagem negro das HQs, ou no chefe do programa espacial brasileiro, a BRASA.

Em sua jornada de descoberta, Jeremias percebe que não precisa se envergonhar do que é nem de onde veio, pelo contrário, percebe que a cor de sua pele não significa nada de negativo e que tem o potencial de fazer qualquer coisa que

quierer, deixando evidente que não serão os limites impostos pelos outros que o definirão.

ANÁLISE

A forma como os autores apresentam a jornada de Jeremias em busca de afirmação de sua identidade possibilita que se discuta em sala de aula como os pequenos elementos que compõem o cotidiano das pessoas interferem na constituição enquanto indivíduos emancipados. O que se chama de *bullying*, que acontece nas escolas, ou os preconceitos sofridos em todos os lugares, vão minando a capacidade das pessoas de valorizarem suas próprias características estéticas e culturais, sendo um dos grandes problemas causados pelo racismo.

O uso deste quadrinho em sala de aula possibilita que se trace um debate acerca de como atos preconceituosos, mesmo que não intencionais, podem prejudicar de forma muito intensa a formação da subjetividade de jovens negros, principalmente pela falta de representatividade nas produções culturais.

A branquitude pode ser um conceito trabalhado ao usar esse quadrinho, para demonstrar como indivíduos brancos encontram dificuldade para perceber as potencialidades que existem nas pessoas negras, como se todas elas estivessem sujeitas a uma condição de precariedade, devido a uma regra da natureza, e não por conta de uma ação objetiva dos grupos dominantes ao longo da história.

Esse menosprezo pelo potencial das pessoas negras fica evidente quando Jeremias tem seu sonho de ser astronauta menosprezado por sua professora, mesmo que o personagem seja um ótimo aluno e tenha as notas mais altas da turma. É como se esse bom resultado alcançado nas aulas fosse o máximo que um aluno negro pudesse atingir. Estabelecer um lugar para o Outro, definir quais espaços ele pode ocupar dentro da organização da sociedade, é uma prática comum aos grupos estabelecidos, que temem que seus privilégios sejam compartilhados com outras pessoas.

HABILIDADES DA BNCC

(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

(EF09HI25) Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

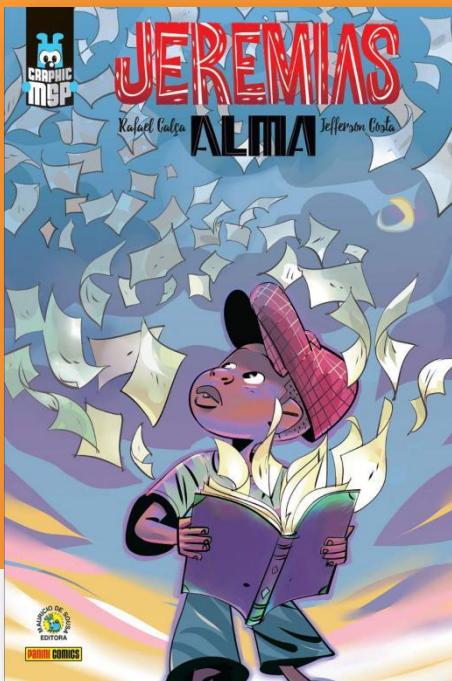
(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



20 - Jeremias: Alma

Rafael Calça e Jefferson Costa

Atualidade

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2020
Ano da edição analisada	2020
Editora	Mauricio de Sousa Editora e Panini Comics
Local de publicação	Barueri

TEMAS

Representatividade negra
Ancestralidade africana

PRÊMIOS

Finalista do Prêmio Jabuti de Melhor História em Quadrinhos – 2021
Troféu HQMIX de Melhor Publicação Juvenil – 2021
Prêmio Angelo Agostini de Melhor Publicação Infantil - 2022

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Jefferson Costa – Desenhista paulistano, atua em diversas áreas da ilustração, trabalha como ilustrador, *storyboarder*, desenhista de personagens e cenários para animações. O autor possui uma vasta produção, tanto em coletâneas, como também em álbuns próprios, em parceria com outros roteiristas, como “A Tempestade” (2012), “La Dansarina” (2015), “A Dama do Martinelli” (2016), “Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias” (2019), “Amantikir” (2021), e pelo Selo Graphic MSP: “Jeremias – Pele” (2018), “Jeremias – Alma” (2020) e “Jeremias – Estrela” (2023).

Rafael Calça – O quadrinista paulistano possui uma carreira consolidada no Brasil, vencedor de diversos prêmios, como o Angelo Agostini, HQMIX e Jabuti. Suas produções ganharam destaque devido à forma como trata de temas relacionados às questões raciais, sempre de maneira poética, mas sem perder o caráter de denúncia e inconformidade com o racismo. Entre suas produções, é possível destacar “Jeremias – Pele” (2018), “Jeremias – Alma” (2020), “Jeremias – Estrela” (2023) e “O Fim da Noite” (2022).

RESUMO

O segundo volume das histórias de Jeremias apresenta novos questionamentos feitos pelo protagonista. Enquanto a edição anterior focava na busca pela identidade, neste volume, a busca é pelo passado de sua família, o que, para pessoas negras no Brasil, é uma tarefa árdua, devido ao processo escravocrata, que tentou apagar todos os laços familiares e as origens das pessoas que foram trazidas para o país como trabalhadoras e trabalhadores escravizados.

Ao se deparar com a história da família de seu colega Franjinha, de origem italiana, que sabe de onde sua família veio, o nome das pessoas, o que fizeram, Jeremias tem poucas informações sobre seu passado, somente algumas fotos e o relato de sua avó que, ainda assim, é carente de informações. Isso gera no protagonista um questionamento sobre a importância de se contar histórias, de como a narração sobre o mundo é importante para que se construa a realidade e não permita que o passado seja esquecido.

Jeremias ainda precisa lidar com o preconceito, mas, dessa vez, o personagem já estabeleceu sua identidade e se orgulha dela; por mais que ainda o machuque, consegue enfrentar essas situações questionando a postura preconceituosa e fazendo com que mais pessoas questionem também, uma prática importante em um movimento antirracista.

ANÁLISE

O quadrinho possibilita uma série de discussões sobre como a desigualdade racial afeta as pessoas no país, uma delas está ligada às origens das pessoas. No Brasil, por ser um país formado por um intenso processo migratório, temos uma série de pessoas oriundas de diversos lugares do mundo, porém, nem todas vieram para o país da mesma forma.

Enquanto alguns grupos foram atraídos com a promessa de uma vida melhor, outros foram forçados a vir como mão de obra escravizada. A diferença nesse processo construiu condições muito distintas entre esses grupos; enquanto os primeiros nunca perderam o acesso ao seu passado, sua língua, suas tradições, os outros tiveram suas identidades apagadas, pois eram encarados como instrumentos para a geração de riqueza, e não como indivíduos que são.

Demonstrar e debater isso em sala de aula possibilita que se elabore o raciocínio da importância da concepção de consciência negra, do quanto é importante a construção da identidade negra, para que essas pessoas possam se estabelecer como sujeitos na sociedade, garantindo que suas subjetividades sejam desenvolvidas e, para isso, é necessário que se tenha acesso ao passado, para além da escravidão.

Ter acesso ao passado de sua família em um país de histórico colonial e escravocrata é um privilégio da branquitude. Na história, Franjinha mostra uma parede de sua casa repleta de fotografias de familiares, um acesso ao passado que muitas famílias de pessoas brancas possuem, principalmente aquelas com maior poder aquisitivo, mas que dificilmente famílias de pessoas negras teriam, mesmo que a situação financeira fosse muito boa. Não é uma questão relacionada à condição atual da família, mas um problema originado no passado, com o apagamento sistemático da história dessas pessoas.

HABILIDADES DA BNCC

(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

(EF09HI25) Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

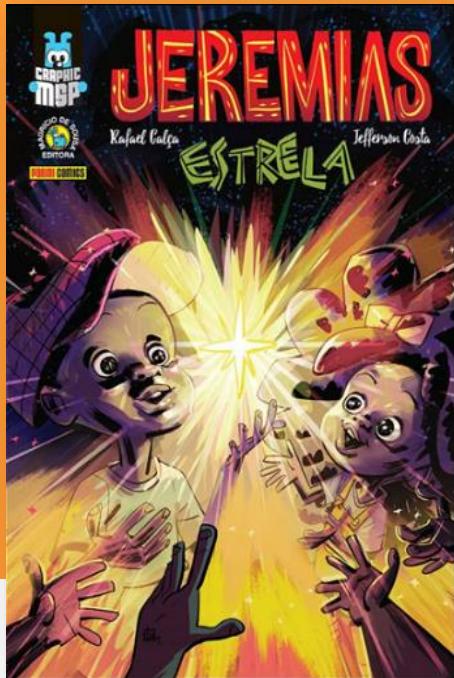
(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia



21 – Jeremias: Estrela

Rafael Calça e Jefferson Costa

Atualidade

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2023
Ano da edição analisada	2023
Editora	Mauricio de Sousa Editora e Panini Comics
Local de publicação	Barueri

TEMAS

Narrativas sobre o Outro
Violência urbana

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Jefferson Costa – Desenhista paulistano, atua em diversas áreas da ilustração, trabalha como ilustrador, *storyboarder*, desenhista de personagens e cenários para animações. O autor possui uma vasta produção, tanto em coletâneas, como também em álbuns próprios, em parceria com outros roteiristas, como “A Tempestade” (2012), “La Dansarina” (2015), “A Dama do Martinelli” (2016), “Roseira, Medalha, Engenho e

Outras Histórias” (2019), “Amantikir” (2021), e pelo Selo Graphic MSP: “Jeremias – Pele” (2018), “Jeremias – Alma” (2020) e “Jeremias – Estrela” (2023).

Rafael Calça – O quadrinista paulistano possui uma carreira consolidada no Brasil, vencedor de diversos prêmios, como o Angelo Agostini, HQMIX e Jabuti. Suas produções ganharam destaque devido à forma como trata de temas relacionados às questões raciais, sempre de maneira poética, mas sem perder o caráter de denúncia e inconformidade com o racismo. Entre suas produções, é possível destacar “Jeremias – Pele” (2018), “Jeremias – Alma” (2020), “Jeremias – Estrela” (2023) e “O Fim da Noite” (2022).

RESUMO

Neste terceiro volume das histórias de Jeremias, o protagonista já se constituiu enquanto um jovem empoderado, construiu a capacidade de lidar com os preconceitos e se transformou em escritor premiado. A questão agora é o que fazer com essa capacidade de escrever, como fazer a diferença no mundo.

Com a parceria de Milena, outra personagem negra da Turma da Mônica, Jeremias tentará ajudar o sobrinho de Tia Nancy, Isac, um jovem fotógrafo que levou um tiro de um policial após um guarda-chuva ser confundido com um fuzil, fazendo com que ele perdesse uma das pernas. Revoltado com o que lhe aconteceu e sofrendo com a narrativa sobre o ocorrido, que lhe imputava uma conduta criminosa, Isac passou a ter um comportamento cada vez mais hostil com as pessoas.

Jeremias e Milena tentarão ajudar Isac por meio do poder da narrativa, demonstrando que, da mesma forma que ela pode destruir alguém, também consegue construir uma outra percepção sobre as pessoas e situações, demonstrando que a intenção de quem conta uma história é muito importante na maneira como vamos interpretá-la.

ANÁLISE

A branquitude nesta história é menos evidente do que nas duas anteriores, mas ela também está presente quando o personagem Isac é introduzido, a forma como ele é tratado devido ao que lhe aconteceu e como a narrativa sobre o fato foi construída.

Isac foi automaticamente taxado como criminoso, estaria envolvido com algo errado e, por isso, sofreu as consequências; não houve a preocupação de ouvi-lo, de buscar o outro lado da história.

Os veículos de comunicação são majoritariamente controlados por pessoas brancas, quem trabalha para esses veículos também são, em sua maioria, pessoas brancas, isso faz com que, muitas vezes, as notícias elaboradas por esses meios sofram a interferência de uma percepção de mundo dessas pessoas, influenciada pela branquitude.

A forma como pessoas negras são retratadas na mídia está diretamente relacionada à representatividade que essas pessoas possuem em determinado veículo. Portanto, é muito comum vermos representações negativas da população negra nas reportagens ou qualquer outra produção cultural, como o cinema ou os quadrinhos.

Usar esse quadrinho em sala de aula possibilita que esse debate seja traçado, associado com outros conjuntos de imagens que professoras e professores podem selecionar, é possível demonstrar como o uso da imagem e de informações sobre uma pessoa ou um grupo pode determinar o que sentimos, o que sabemos e percebemos sobre elas. Essa proposta permite que façamos uma reflexão sobre a construção do preconceito em qualquer sociedade; mesmo que esse quadrinho aborde uma realidade brasileira, é possível transpor o tema para outros espaços e tempos, como, por exemplo, a construção da imagem sobre os judeus na Alemanha nazista.

O quadrinho aborda um tema importante na discussão sobre o racismo no Brasil: a crescente violência policial contra a juventude negra, o que possibilita traçar um debate em sala de aula sobre a diferença das taxas de mortalidade entre a população branca e negra no país, buscando construir, junto com as alunas e alunos, hipóteses que explicariam esse fenômeno.

Ao abordar um elemento importante nas culturas africanas, a contação de histórias por uma pessoa sábia, alguém que recebe a denominação de *griot*, Rafael Calça e Jefferson Costa fazem com que o quadrinho seja mais um documento histórico que sirva como recurso para práticas antirracistas em sala de aula, uma forma de apresentar a África e as culturas africanas como algo muito maior do que apenas um lugar que serviu para que europeus capturassem pessoas e as transformassem em trabalhadores e trabalhadoras escravizadas.

HABILIDADES DA BNCC

(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

(EF09HI25) Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



22 - Em ti me vejo

Regiane Braz e Marília Marz

Atualidade

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2023
Ano da edição analisada	2023
Editora	Conrad
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Representatividade negra
Preconceito racial
Movimento negro

BIOGRAFIA DAS AUTORAS

Regiane Braz – Educadora e professora de Educação Infantil, estreou como roteirista na coletânea de contos de assombração “Dossiê Bizarro” (2021), da Escript Editora. Por meio de um financiamento coletivo que visava a criação de HQs que

contassem histórias relacionadas ao racismo, conheceu Marília Marz, desenhista de “Em ti me vejo” (2023).

Marília Marz – Formada em Arquitetura, trabalha como ilustradora quadrinista. Desenvolveu trabalhos autorais como “Para onde vamos, Pai?” (2020), “Indivisível” (2022) e “Em ti me vejo” (2023) e uma série de produções para Institutos como o IDEC (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor), Pólis e Moreira Salles. É chargista do Jornal Folha de São Paulo e já foi cartunista do Programa Roda Viva.

RESUMO

Jaha, uma jovem negra que sofre desde criança com os padrões de beleza que não condizem com a cor de sua pele nem a textura de seu cabelo, passa por um processo de valorização de si mesma, ao reconhecer que não precisava mais passar por todos os métodos estéticos para se adaptar aos modelos que a sociedade impõe.

Com relances de fatos que aconteceram em sua vida, o quadrinho apresenta a transformação da personagem em uma mulher empoderada e orgulhosa de sua cor, intercalando com trechos do discurso de Lélia Gonzales na Marcha do Movimento Negro, em 20 de novembro de 1983, e com conversas imaginárias com mulheres negras em posição de poder.

A protagonista consolida sua identidade ao reconhecer seu cabelo como uma característica pessoal, algo para se orgulhar e, a partir disso, comprehende que precisa ser um exemplo para seu filho, que ainda não havia nascido.

O quadrinho se encerra com a reprodução de uma reunião de trabalho entre o grupo de quadrinistas do qual Regiane e Marília fazem parte, discutindo as várias formas de preconceito que pessoas negras sofrem, seja em um salão de beleza, nas ruas, ou em uma entrevista de emprego.

ANÁLISE

Esse quadrinho aborda um tema muito importante para o desenvolvimento de práticas antirracistas: o preconceito com as características estéticas das pessoas negras. A forma como essas características foram desvalorizadas ao longo do tempo,

por meio das críticas à sua aparência, ou devido ao fato de nunca estarem em lugares de destaque na sociedade, fez com que se estabelecesse um padrão de beleza vinculado ao colonizador, ao indivíduo branco.

Tratar desse tema em sala de aula, elaborando um histórico de como tudo o que se relaciona às pessoas negras foi inferiorizado, ao mesmo tempo em que se valoriza tudo aquilo que se relaciona às pessoas brancas, permite que professoras e professores desenvolvam atividades que não só busquem o contexto histórico acerca do racismo, mas também exerçam uma prática antirracista, educando contra essa forma de preconceito.

A branquitude pode ser trabalhada justamente ao demonstrar como os padrões de beleza na sociedade brasileira foram sendo construídos, apresentando a relação entre a formação da sociedade com as concepções eurocêntricas de humanidade, para que as características físicas de pessoas brancas sejam consideradas elementos de beleza, enquanto as características físicas de pessoas negras sejam atributos pouco valorizados, tanto em homens, mas, principalmente, nas mulheres.

HABILIDADES DA BNCC

(EF07HI01) Explicar o significado de “modernidade” e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.

(EF07HI04) Identificar as principais características dos Humanismos e dos Renascimentos e analisar seus significados.

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI22) Discutir o papel da mobilização da sociedade brasileira do final do período ditatorial até a Constituição de 1988.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

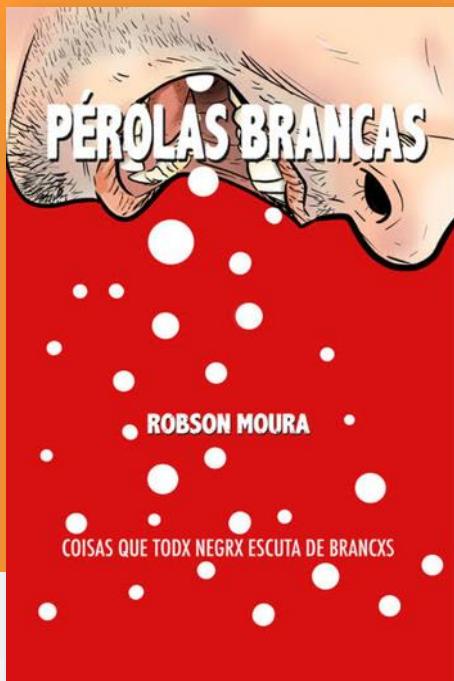
(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicorraciais no país.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



23 – Pérolas Brancas

Robson Moura

Atualidade

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2019
Ano da edição analisada	2019
Editora	Independente
Local de publicação	São Paulo

TEMA

Racismo estrutural brasileiro

BIOGRAFIA DO AUTOR

Robson Moura é ilustrador, quadrinista e professor nas redes municipal e estadual de ensino de São Paulo.

Formado em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru, trabalhou no Estúdio Mol, em São Paulo, colaborando com as HQs para o público infantjuvenil da revista Recreio, da Editora Abril. Atuou como *freelancer*, colaborando com estúdios e produtoras, fazendo

ilustrações e *storyboards*. Produz quadrinhos sobre racismo, preconceitos e o negro no Brasil e no mundo. No ano de 2017, publicou sua primeira HQ, “Black Friday”, de forma independente, através de financiamento coletivo. Acredita que não falar sobre o racismo não faz com que ele deixe de existir.¹⁵⁶

RESUMO

O autor apresenta uma série de frases ditas constantemente no Brasil com falsos argumentos, negando ou diminuindo o racismo no país, normalmente proferidas por pessoas brancas, mas que são, muitas vezes, incorporadas por pessoas negras que não passaram por um letramento racial, devido à estrutura racista em que vivem, assimilando essas ideias como se fossem verdadeiras.

A cada página do quadrinho, somos atingidos por opiniões sobre o racismo que estão difundidas na sociedade, baseadas no senso comum e em uma estrutura racista que conduziu a população brasileira, de uma forma geral, a compreender que o racismo não existe, ou que não é um problema tão grave quanto de fato é.

Além dessas frases, Robson Moura apresenta duas situações concretas de práticas racistas que geraram grandes debates quando aconteceram: a ocasião em que um famoso âncora do jornalismo brasileiro é gravado dizendo uma expressão racista e a peça de publicidade de uma marca de roupa estrangeira, que colocava um garoto negro usando uma blusa com a frase “O macaco mais legal da selva”. Nas duas ocasiões, apesar de toda a mobilização antirracista, muitas pessoas saíram em defesa do apresentador e da empresa de roupas, alegando que a movimentação era vitimismo e não havia motivo de acontecer.

ANÁLISE

As frases selecionadas por Robson Moura são ouvidas cotidianamente por pessoas negras, ou por qualquer pessoa que traga para o debate público críticas ao racismo, utilizadas como argumentos de negação e que servem como escudos

¹⁵⁶ Biografia disponível no quadrinho “Pérolas Brancas”.

protetores para pessoas que, de alguma forma, são beneficiadas por uma estrutura racista.

Negar a existência do racismo ou diminuir seus impactos na vida das pessoas que o sofrem, ou na sociedade como um todo, auxilia na perpetuação do problema, fazendo com que políticas públicas de combate alcancem pouca eficiência e que ações antirracistas, como, por exemplo, a atuação de professoras e professores nas escolas do país norteadas por concepções antirracistas, sejam desvalorizadas no ambiente escolar.

Em sala de aula, é possível utilizar o quadrinho como um grande disparador de debates acerca do racismo, fazendo com que alunas e alunos construam um raciocínio acerca das frases elencadas pelo autor, buscando compreender as origens desses pensamentos e, posteriormente, construindo argumentos que sejam contrários a eles, demonstrando, por meio de fatos históricos e dados estatísticos, o quanto as “pérolas brancas” são equivocadas.

HABILIDADES DA BNCC

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

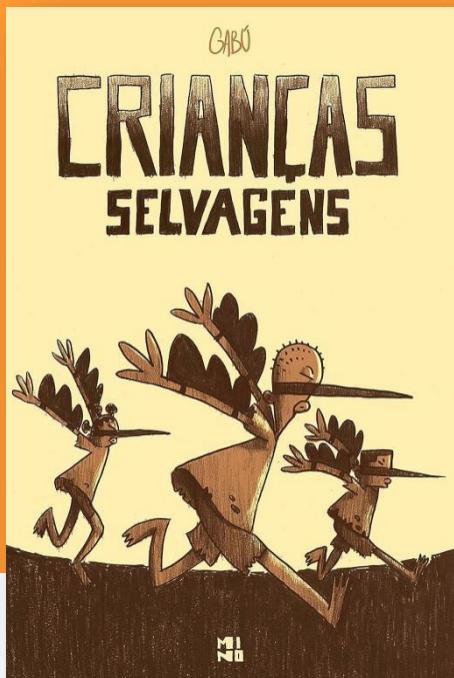
(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicorraciais no país.



24 – Crianças Selvagens

Gabu (Gabriel Brito)

Atualidade

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2020
Ano da edição analisada	2020
Editora	Mino
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Abandono infantil
Violência policial
Pobreza urbana
Infância marginalizada

PRÊMIOS

Indicação ao Troféu HQMIX de Novo Talento Roteirista – 2021
Indicação ao Troféu HQMIX de Novo Talento Desenhista – 2021

BIOGRAFIA DO AUTOR

Gabú, nome artístico de Gabriel Brito, é um quadrinista e ilustrador de São Paulo, que lançou seu primeiro quadrinho, “Crianças Selvagens”, em 2020, por meio do projeto Narrativas Periféricas, uma parceria da Editora Mino, da Chiaroscuro Studios Yearbook e da Perifacon, que busca revelar talentos periféricos na produção de quadrinhos nacionais.

Além de realizar trabalhos para o meio editorial, didático e publicitário, e criar cenários para animações, Gabú elabora ilustrações para projetos educacionais de cidades no estado de São Paulo.

RESUMO

A obra traz a história de três crianças abandonadas, que moram nas ruas de uma cidade qualquer à beira do mar, que encontram na amizade entre eles a possibilidade de suportar os problemas a que estão submetidos, mas, principalmente, encontrar alegria no cotidiano, por meio de brincadeiras e da imaginação fantástica da infância.

De forma poética, Gabú apresenta uma história tensa e triste, com muitos quadros sem diálogo, mas que transmitem sentimentos profundos acerca do sofrimento de uma criança que se vê sozinha em um mundo extremamente perigoso, cercada de violência, fome e desrespeito. Os traços, que ora são bem delineados, ora são desalinhados, trazem tensão à narrativa e, associados ao apelido do personagem principal, Borrão, conseguem criar uma conclusão impactante para a história.

ANÁLISE

Os privilégios da branquitude podem ser percebidos na obra em alguns trechos, mas ficam evidentes quando as crianças protagonistas se encontram com uma criança branca em um parque de diversões. Nesse momento, as crianças que moravam nas ruas são abordadas por uma criança menor do que elas; encantada

pelas vestimentas de pássaros que portavam, quase que imediatamente sua mãe o afasta, dizendo que não seria mais possível frequentar aquele parque.

Por mais que seja apenas uma página da história, esse trecho apresenta a discrepância entre as infâncias no Brasil, que é o foco de toda a obra: crianças negras abandonadas sendo consideradas perigosas para crianças brancas acompanhadas por suas famílias. Interessante notar que, nesse trecho da obra, a criança branca não olha com preconceito para as “crianças selvagens”, mas sim com interesse e admiração; o preconceito vem da mãe, um indivíduo adulto que carrega consigo um sentimento de superioridade construído ao longo da história brasileira, onde pessoas brancas ocupam posições de destaque na sociedade, enquanto pessoas negras são relegadas às condições de subalternidade.

O que podemos debater em sala de aula acerca deste tema é de como um determinado sentimento é construído e repassado por gerações, de como estruturas sociais racistas estimulam o racismo individual e, dessa forma, perpetuam as condições de desigualdade, fazendo com que indivíduos brancos naturalizem seus privilégios.

HABILIDADES DA BNCC

(EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.

(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

(EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e

de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

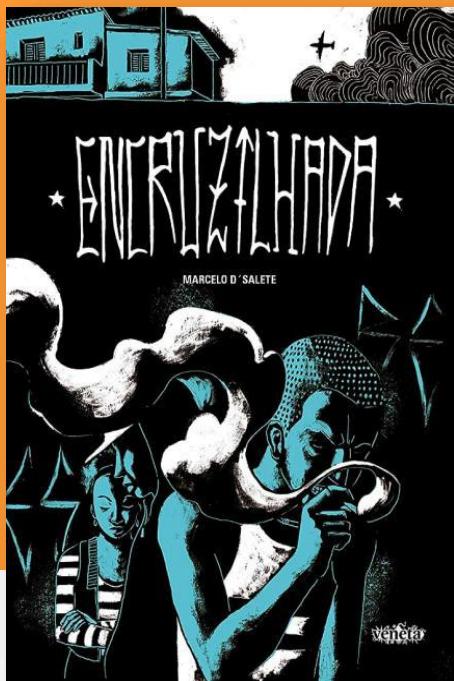
(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira—com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes

– e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



25 - Encruzilhada

Marcelo D'salete

Atualidade

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2011
Ano da edição analisada	2016
Editora	Veneta
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Relações raciais no cotidiano das grandes cidades
Violência policial
Desigualdade racial

BIOGRAFIA DO AUTOR

Marcelo D'Salete é um quadrinista paulista licenciado em Artes Plásticas e mestre em Estética e História da Arte pela USP. Seus quadrinhos já receberam diversas premiações, como o Eisner Awards, o Prêmio Jabuti, o Grampo de Ouro e o Troféu HQMIX. Sua obra é composta por cinco quadrinhos, “Noite Luz” (2008),

“Encruzilhada” (2011), “Cumbe” (2014), “Angola Janga” (2018) e “Mukanda Tiodora” (2022), sendo que “Cumbe” e “Angola Janga” foram selecionados para o Plano Nacional do Livro Didático Literário de 2018 e para o Plano Nacional de Leitura (LER+) de 2016 e 2019, em Portugal.

RESUMO

Composta por seis contos, a obra apresenta histórias curtas que trabalham com uma temática relacionada aos problemas cotidianos das grandes cidades. Sempre apresentando um olhar cuidadoso para as relações raciais nos ambientes descritos, o autor procura demonstrar o racismo sofrido por pessoas negras e os problemas que decorrem disso.

“Sonhos” – Este conto apresenta duas crianças que moram na rua, Bia e Lino, e buscam meios de sobreviver. Após ser pego por seguranças particulares de um condomínio, Lino é espancado e vê sua vida em risco quando o chefe da segurança chega. A história apresenta a diferença entre as infâncias no Brasil, as que têm e as que não têm seus direitos garantidos.

“93079482” – A história gira em torno de um celular furtado de Dora por seu próprio primo, que comente o crime para adquirir drogas. A narrativa aborda a estrutura comercial clandestina que funciona a partir desses furtos, que servem para sustentar o vício, até a receptação do objeto por um comerciante da região. Outro tema abordado é a banalização da violência, que pode ser motivada por diversos fatores, nesse caso, relacionada ao consumo de entorpecentes.

“Corrente” – Esse conto é repleto de sutilezas que dizem respeito às relações humanas – o desejo, a religiosidade, o preconceito e o carinho – todas elas perpassadas por uma linha racial. Com poucos diálogos, a história obriga o leitor a interpretar as fisionomias dos personagens e as situações em que se envolvem.

“Brother” – A história se concentra na personagem Joana, uma menina negra que trabalha com sua irmã mais velha vendendo *digital versatile discs* (DVDs) em uma

barraquinha de camelô. A narrativa se desenrola com o auxílio de *flashbacks*, que contam, em poucos quadros, a situação das irmãs que foram obrigadas a se afastar da mãe, provavelmente devido às condições precárias de vida de onde moravam. Ao mesmo tempo, o conto mostra uma situação de furto de um dos DVDs vendidos por Joana, apresentando, de forma sutil, uma relação de parceria entre pessoas negras, mesmo que elas não se conheçam.

“Encruzilhada” – Esse é o conto mais intenso de toda a obra. Há uma série de situações que se desenrolam concomitantemente, elevando a tensão sobre como a história irá terminar. Janu, um homem negro, é confundido com um ladrão de carros e sofre agressões dos seguranças de um supermercado; ao mesmo tempo, seu carro é roubado com seu bebê dentro, enquanto sua esposa fazia compras no supermercado. A narrativa apresenta muitas situações que se relacionam: o preconceito evidente ao confundir um homem negro com um ladrão, a violência banalizada, a posse de um bem como sinônimo de *status*, além de deixar subentendida a ideia de peso da maternidade sem a parceria do pai.

“Risco” – A história gira em torno de Doca, um jovem que vigia carros na rua para conseguir algum dinheiro. Geralmente, o personagem é importunado pela polícia, que o enxerga como algum tipo de bandido, somente pela sua cor de pele. A narrativa aborda como a violência policial ocorre principalmente com jovens negros, ao apresentar uma situação em que jovens brancos, visivelmente embriagados, são ignorados pela polícia, que escolhe abordar somente o jovem negro. Além disso, como o genocídio da juventude negra pode ser encarado por parte da mídia apenas como mais uma pauta de notícia, ao apresentar uma fotojornalista branca, que espera por um desfecho violento da situação, para que possa ter um furo de reportagem.

ANÁLISE

A obra como um todo apresenta muitos elementos de crítica à branquitude, seja nos privilégios evidentes que personagens brancos usufruem devido à cor de sua pele, como também pelo fato de que todos os personagens negros são profundos,

carregam consigo uma história que os humaniza, são imbuídos de sonhos, medos e desejos. A construção de personagens complexos aponta ao leitor que a cor da pele não é a única característica que importa; mesmo que ela seja central na narrativa, há muitos outros aspectos estéticos, históricos e de personalidade que definem a história sobre eles.

Trabalhar com esses contos em sala de aula permite que se discuta uma série de questões vinculadas à desigualdade racial no país, como, por exemplo, a violência policial, o desemprego, o preconceito e a branquitude. É possível fazer reflexões sobre políticas públicas de segurança e de proteção à criança e ao adolescente apontando os indícios de como são normalmente pensadas para a proteção de pessoas brancas e, geralmente, possuem muitas falhas quando são direcionadas para as pessoas negras. Ao trazer esse debate para a sala de aula, é importante construir um raciocínio de processo histórico da construção dessas políticas em um cenário de pós-abolição e de como a sociedade e o poder público passam a tratar a população negra brasileira.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.

(EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e

processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas a uma percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo.

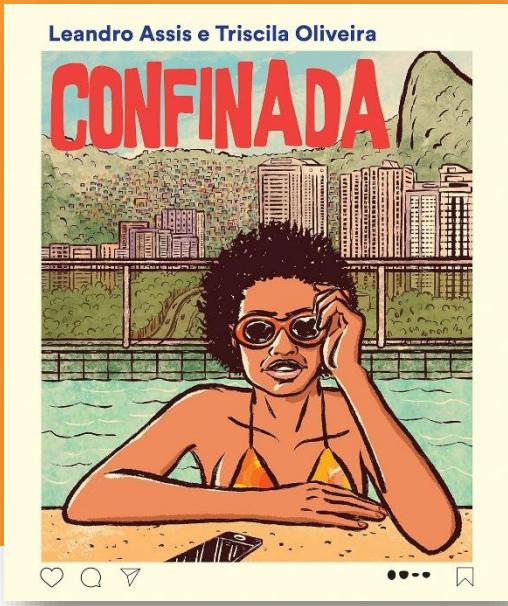
(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, para fundamentar a crítica à desigualdade entre indivíduos, grupos e sociedades e propor ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência dos jovens.



26 - Confinada

Leandro Assis e Triscila Oliveira

Atualidade/ Período da
pandemia de COVID-19

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2021
Ano da edição analisada	2021
Editora	Todavia
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Relações de trabalho
Privilégios da branquitude
Pandemia de COVID -19
Desigualdade social e racial
Crítica ao negacionismo científico

PRÊMIOS

Prêmio Angelo Agostini de Melhor Lançamento - 2022
Prêmio Angelo Agostini de Melhores Roteiristas - 2022

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Leandro Assis – Formado em Comunicação Social pela PUC-Rio de Janeiro (RJ) e estudou *storytelling* na New York Film Academy. Escreveu vários roteiros, entre eles os das séries “A mulher invisível” (2009), vencedora do Emmy Internacional (Globo), e “Surtadas na yoga” (GNT). É corroteirista do filme “Sob pressão” (2016) e desde 2019 cria e ilustra HQs.

Triscila Oliveira – Nascida em Niterói, é ciberativista feminista antirracista, estudante autodidata das pautas de gênero, raça e classe, escritora, roteirista e, o mais importante: filha de Dona Ivone¹⁵⁷.

RESUMO

Originalmente publicada como uma websérie, “Confinada” apresenta a relação entre duas mulheres que se veem na situação de confinamento durante a pandemia de COVID-19. Fran, uma *influencer* digital muito famosa, filha de um rico empresário, e Ju, uma mulher negra, empregada doméstica, que trabalha na imensa cobertura de Fran.

Ao se depararem com a situação de terem que se isolar do convívio social, Fran e Ju enfrentarão situações muito distintas, devido à realidade de cada uma. Enquanto a rica *influencer* aproveita a oportunidade de lucrar com a publicidade de produtos durante a pandemia, usufruindo de todo o conforto que sua condição financeira proporciona, Ju passou a cuidar sozinha de toda a cobertura de Fran, sendo responsável pela limpeza, comida, roupas e todos os outros cuidados necessários, enquanto sua mãe e filha estavam distantes, em uma casa minúscula na periferia do Rio de Janeiro.

A história se desenrola utilizando uma série de debates atuais sobre a desigualdade racial e a situação política que enfrentamos no país, trazendo referências sobre posicionamentos políticos, manifestações de racismo e homofobia, discursos negacionistas e de ódio, dialogando com a realidade brasileira dos últimos anos.

¹⁵⁷ As biografias de Leandro Assis e Triscila Oliveira estão contidas no quadrinho “Confinada”.

Sua publicação nas redes em forma de tiras fez com que toda a história fosse apresentada por meio de microcontos que se completam dentro de si. Mesmo que haja uma narrativa que interligue todas essas tiras, é possível abrir o quadrinho em uma página qualquer, ler e compreender a mensagem que os autores quiseram passar.

ANÁLISE

O quadrinho como um todo é um compêndio sobre a branquitude. Em suas páginas, podemos encontrar praticamente todos os elementos de privilégios que pessoas brancas possuem, ao mesmo tempo em que apresentam uma série de problemas que as pessoas negras enfrentam devido ao racismo. A contraposição constante entre as situações de vida de Fran e Ju demonstram de forma visceral o abismo que existe na sociedade brasileira.

Ao construir a personagem Fran e contar parte de sua infância, é possível perceber como o racismo e a noção de superioridade oriunda da branquitude são construídos. O discurso preconceituoso de familiares, os privilégios naturalizados, o convívio segregado com a filha da empregada doméstica fizeram com que a *influencer* crescesse em uma bolha de proteção que a impedia de compreender as dinâmicas raciais das quais faz parte, não percebendo que suas atitudes e posicionamentos são responsáveis pela manutenção de estruturas racistas na sociedade.

Apesar de Ju ser a protagonista da história, é Fran quem apresenta a maior complexidade em sua construção: ela não é uma vilã, não é alguém que planeja fazer mal para suas empregadas, paga salários considerados bons, porém, não percebe o quanto o seu comportamento as opõe e o quanto sua condição é fruto de toda uma estrutura historicamente construída para manter a elite branca no poder.

Um trecho da história que demonstra fortemente essa situação é quando, quase no fim do quadrinho, após perder muitos contratos de publicidade devido a um comportamento incorreto durante a pandemia, Fran viaja para a fazenda da família e, em uma conversa com a irmã, diz a seguinte frase: “Qualquer que seja a minha decisão, vou me sair bem!”.

Aqui, podemos perceber a certeza de sucesso que a personagem tem, independentemente do que aconteça, por mais que ela possa imaginar ser uma

questão de talento e esforço, esse sucesso é fruto principalmente da condição privilegiada que tem, da riqueza da família, de toda a trajetória de vida rodeada de proteção, conforto, boa educação, saúde de qualidade e segurança, condições essas que não são acessíveis para a maioria das pessoas.

Leandro Assis e Triscila Oliveira elaboraram um tratado sobre a branquitude nesse quadrinho, fazendo com que um momento tão intenso na vida de todas as pessoas, como foi a pandemia de COVID-19, fosse um elemento fundamental para discutir esses privilégios. Nesse período, foi possível perceber, de forma muito intensa, como a desigualdade racial interfere na forma como as pessoas lidam com a crise, e até mesmo definem as chances de sobrevivência nessas situações.

Em sala de aula, é possível utilizar o quadrinho na totalidade do conteúdo, ou apenas alguns trechos que se completam em si mesmos, pois se trata de uma linguagem de tirinhas. Construir um raciocínio histórico sobre as origens dos privilégios que a branquitude oferece fazendo um caminho contrário, apresentando as situações descritas no quadrinho e, posteriormente, os processos históricos que levaram até elas, configura-se como atividade significativa na construção de uma consciência antirracista e de questionamento dos privilégios da branquitude.

HABILIDADES DA BNCC

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

(EF09HI25) Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os

Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades etnicorraciais no país.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.



27 – Ebó 2022

Alex Mir e Daiandreson Victor
Futuro

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2022
Ano da edição analisada	2022
Editora	UB Editora
Local de publicação	Curitiba

TEMAS

Religiosidade de matriz africana
Preconceito racial
Relacionamentos abusivos

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Alex Mir – Paulistano do ABC e com uma vasta carreira nos quadrinhos, o prolífico roteirista e escritor Alex Mir coleciona títulos e prêmios por várias editoras e de maneira independente, com parcerias com grandes nomes do quadrinho nacional. Entre seus títulos e personagens, estão antologias, como “Clássicos Revisitados #1 e 2”; álbuns como “Demétrius Dante #1”, “Frankenstein 200”, “O Mistério da Mula Sem

Cabeça”, “Segundo Tempo”; e as séries em quadrinhos “Orixás” e “Valkíria”. Foi vencedor do troféu HQMIX em 2010 (Roteirista Revelação), em 2018 e 2019 (Publicação Independente de Grupo). Ganhou o Troféu Ângelo Agostini duas vezes como Melhor Roteirista (2016 e 2017) e Melhor Álbum (2016 e 2020).

Daiandreson Victor – Pernambucano de Petrolina, o criador do “Afroboy” (homenagem ao “Astroboy”, de Asamu Tesuka) escreve e desenha quadrinhos desde 2016. Licenciado em Artes Visuais, publicou sua primeira HQ impressa, “Sangue e Coragem”, de maneira independente, em 2018. Segue produzindo no Instagram desde fevereiro de 2020¹⁵⁸.

RESUMO

O quadrinho aborda um futuro distante, onde muitos elementos do que entendemos como racismo ainda persistem: o preconceito racial, a apropriação da religiosidade de matriz africana para fins de lucro e a violência policial contra a população negra estão presentes na narrativa. A história foca na personagem Elisabete, jovem negra moradora em uma São Paulo futurista no ano de 2222, onde a tecnologia resolveu muitos problemas do cotidiano, mas não todos eles.

Nesta realidade futurística, a protagonista procura meios pouco convencionais para conseguir o que quer, utilizando da prática do Ebó, uma oferenda aos Orixás em busca de equilíbrio, mas de uma forma antiética e perigosa, para fazer com que Miguel se apaixone por ela, sem levar em consideração os avisos de que sua atitude teria consequências, e é o que de fato acontece.

ANÁLISE

Essa obra, por mais que aborde um período no futuro, não pode ser considerada uma produção afrofuturista, pois não apresenta uma visão emancipadora para a população negra, pelo contrário, narra um futuro em que o preconceito ainda perdura, como, por exemplo, o fato de Thiago, amigo de Elisabete, ter que esconder sua religiosidade diante das pessoas, devido ao preconceito que as religiões de matriz africana ainda sofrem na sociedade.

¹⁵⁸ As biografias de Alex Mir e de Daiandreson Victor estão contidas no quadrinho “Ebó 2222”.

O quadrinho traz uma história curta, porém, que possibilita discutir uma série de questões em sala de aula. Além das questões raciais, a obra permite trazer para o debate assuntos como o uso ético das tecnologias e os impactos do desenvolvimento tecnológico no cotidiano das pessoas.

Um elemento muito significativo da obra, que pode ser utilizado para abordar o conceito de branquitude, é o personagem Pai Caíque, um pai de santo branco, que utiliza as tecnologias inovadoras de controle dos sonhos para praticar suas atividades religiosas como forma de ganhar dinheiro. O fato de ser um indivíduo branco, por si só, não caracteriza um problema, mas a forma como esse personagem se apropria dos preceitos religiosos do candomblé configura um mecanismo vinculado à branquitude, ao possibilitar que pessoas brancas possam explorar o conhecimento de outros grupos para benefício próprio, deturpando o conjunto de saberes produzidos ao longo da história.

HABILIDADES DA BNCC

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.



28 – Para todos os tipos de vermes

Kyone Ayo

Futuro

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Ano da primeira edição	2020
Ano da edição analisada	2020
Editora	Mino
Local de publicação	São Paulo

TEMAS

Preconceito racial
Segregação racial

BIOGRAFIA DA AUTORA

A soteropolitana Kyone Ayo fez sua estreia como autora com a obra “Para todos os tipos de vermes”, em 2020, por meio do programa Narrativas Periféricas, uma parceria da Editora Mino, da Chiaroscuro Studios Yearbook e da Perifacon, que busca revelar talentos periféricos na produção de quadrinhos nacionais. Estudante de Física pela USP, a autora busca apresentar temas vinculados aos conhecimentos científicos,

como Física, Química e Biologia, associando-os a questões raciais, por meio de personagens que possam ser identificadas enquanto inspirações para jovens da periferia, principalmente garotas negras que buscam uma representatividade em áreas que historicamente as segregaram.

RESUMO

A história narra um futuro distópico, onde a humanidade se vê obrigada a morar no interior de vermes gigantes nas profundezas do oceano, devido à destruição da superfície terrestre, em decorrência da exploração do meio ambiente. Focando na vida de Ékteon e Anokye, um casal de primos que moram nas regiões mais insalubres e ganham a vida extraindo substâncias das paredes do intestino do verme gigante. Por esse motivo, as pessoas que moram ali são conhecidas como intestinais.

Em uma sociedade estratificada, semelhante à que vivemos hoje, os intestinais sofrem com a escassez de recursos, enquanto os lipídicos, o grupo privilegiado dessa sociedade, vive no conforto e no luxo nas regiões superiores do animal. Ao buscar uma saída dessa realidade, o casal de primos entra em contato com uma intestinal que havia conseguido se infiltrar entre os lipídicos e traçar um plano para modificar toda a situação.

Essa história é uma metáfora da realidade em que vivemos, onde pessoas periféricas sofrem com a falta de investimentos públicos nos setores essenciais para o desenvolvimento social, enquanto a elite requisita cada vez mais recursos para manter seus privilégios.

ANÁLISE

A obra traz uma evidente crítica social acerca da realidade racista no Brasil utilizando uma narrativa futurista e distópica sobre a humanidade. Ao apresentar um mundo onde todos os seres humanos habitam o interior de vermes gigantes e, dentro deles, uma rígida segregação espacial, a autora apresenta muitos elementos que podem ser trabalhados em sala de aula para se debater a estrutura racista da sociedade brasileira.

A obra traz uma evidente crítica social acerca da realidade racista no Brasil, utilizando uma narrativa futurista e distópica sobre a humanidade. Ao apresentar um

mundo onde todos os seres humanos habitam o interior de vermes gigantes e, dentro deles, uma rígida segregação espacial, a autora apresenta muitos elementos que podem ser trabalhados em sala de aula para se debater a estrutura racista da sociedade brasileira.

Elementos como a cor da pele dos intestinais e dos lipídicos, sendo que os primeiros têm a pele negra e os outros a pele branca, podem ser utilizados como um disparador do debate acerca da distribuição espacial da população de uma cidade, buscando apresentar a ocupação dos bairros centrais e periféricos segundo a classificação dos critérios raça/cor de seus habitantes. Questionar os porquês da concentração de pessoas brancas em regiões mais estruturadas e de pessoas negras nas áreas com menor desenvolvimento.

O debate sobre moradia, acesso aos equipamentos públicos, transporte, ou seja, o direito à cidade, pode nortear a discussão, em conjunto com o conceito de branquitude, demonstrando como esse acesso às estruturas urbanas varia de acordo com a cor de sua pele, configurando-se como mais um privilégio da branquitude

HABILIDADES DA BNCC

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotônicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens

dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.